

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

CLARISSE CALLEGARI JACQUES

**AS PESSOAS E AS COISAS:
Análise Espacial em Dois Sítios Arqueológicos,
Santo Antônio da Patrulha, RS.**

Porto Alegre
2007

CLARISSE CALLEGARI JACQUES

**AS PESSOAS E AS COISAS:
Análise Espacial em Dois Sítios Arqueológicos,
Santo Antônio da Patrulha, RS.**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Versão revisada após ser defendida e aprovada em 08 de janeiro de 2007.

Banca Examinadora:

Dr. Klaus Peter Hilbert (orientador) – PPGH-PUCRS

Dra. Maria Cristina dos Santos – PPGH-PUCRS

Dra. Gislene Monticelli – ULBRA

Porto Alegre

2007

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Klaus Hilbert, pela inspiração e incentivo durante estes dois anos de aprendizado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, Maria Cristina dos Santos, Maria Lúcia Kern e Arno Kern. Aos secretários deste Programa Carla e Davi.

Ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq), pela concessão de bolsa integral para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Ao grupo de pesquisadores do CEPA da PUCRS, em especial Gislene Monticelli, que compartilhou comigo seus conhecimentos; à Márcia, pelo carinho.

Aos colegas do Mestrado que muito me ajudaram com as conversas de corredor e durante os almoços.

Ao laboratório de Geoprocessamento e Tratamento de Imagem da PUCRS, em especial Regis Lahm e Roger.

Aos professores e colegas da UFRGS, onde fiz a minha graduação em História.

Ao Núcleo de Pesquisa Arqueológica da UFRGS (Nuparq), minha segunda casa. Em especial à coordenadora do Nuparq, Sílvia Copé pela oportunidade de desenvolver este projeto e muitas outras pesquisas; pela amizade, apoio e carinho todos estes anos.

Aos meus colegas do Nuparq e 'agregados': Carol pela parceria durante a pesquisa, Zeli, Adri, Artur, Mateus, Léo, Vander, Gerson, Rodrigo, Edison Cruxen e ao João e à Nana que seguem fazendo parte desta família. Ao André Jacobus, que me iniciou na arqueologia.

Ao Laboratório de Geoprocessamento da UFRGS, em especial Heinrich Hasenack e Eliseu Weber, pelo apoio e paciência.

À minha grande família e amigos pelo carinho. Ao meu pai e meu irmão, Felipe Jacques e Ricardo Jacques, pelo apoio e amor. À minha mãe cientista, Sídia Callegari-Jacques, minha amiga e minha orientadora, por todo o apoio e dedicação durante a escrita e análise de dados da dissertação.

RESUMO

AS PESSOAS E AS COISAS: Análise Espacial em Dois Sítios Arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha, RS.

O objetivo desta dissertação é entender alguns significados das relações humanas com a cultura material, a partir do estudo pontual de uma parcela de dois sítios arqueológicos. Estes estão localizados no Vale do Rio dos Sinos, RS, município de Santo Antônio da Patrulha e a cultura material neles identificada foi associada à subtradição arqueológica Guarani. A abordagem usada considera que os artefatos passam por contextos de criação, comunicação e consumo. Foram estudadas nesta pesquisa técnicas de lascamento e de manufatura da cerâmica, gestos criativos e o consumo de artefatos, juntamente com a sua localização espacial nas áreas trabalhadas em cada sítio. Os artefatos foram, assim, pensados como tendo uma relação ativa com as pessoas e como sendo carregados de significados. Acredita-se, assim, estar contribuindo para o entendimento da ocupação dos grupos humanos associados a esta subtradição arqueológica no Rio Grande do Sul, Brasil.

Palavras-chave: subtradição Guarani; análise espacial; cultura material; Vale do Rio dos Sinos; cerâmica Guarani; lítico Guarani; consumo.

ABSTRACT

PEOPLE AND THINGS: Spatial Analysis in Two Archaeological Sites, Santo Antônio da Patrulha, RS.

The aim of this dissertation is the understanding of some meanings of the human relations with the material culture obtained from a specific study of two archaeological sites. These are located in the Rio dos Sinos valley, state of Rio Grande do Sul (Santo Antônio da Patrulha). The material culture was associated with the Guarani archaeological subtradition. This approach is based on the idea that the artifacts go through contexts of creation, communication and consumption. Chipped stone techniques and ceramic manufacture as well as creative acts and the consumption of artifacts within its spatial location in the areas of each site were studied. Artifacts are, therefore, thought as having an active relation with people and are full of meanings. This paper is seen as a contribution to the understanding of the occupation of the human groups associated to this subtradition in the state of Rio Grande do Sul, Brazil.

Keywords: subtradition Guarani; spatial analysis; material culture; Sinos Valley; Guarani ceramic; Guarani lithic; consumption.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO – 1

| | |
|--|-----|
| Figura A1 – Localização dos sítios no Vale do Rio dos Sinos, RS. Mapa hipsométrico..... | 126 |
|--|-----|

ANEXO – 2

| | |
|--|-----|
| Figura A2.1 – Vista panorâmica (180°) a partir do sítio T.106 com vista ao fundo para o vale do Arroio do Carvalho..... | 128 |
| Figura A2.2 – Vista panorâmica (270°) a partir do topo do morro onde se encontra o sítio T.117. À esquerda a equipe trabalhando e no fundo uma vista da Lagoa dos Barros..... | 128 |

ANEXO – 3

| | |
|--|-----|
| Figura A3.1 – Vista do sítio T.106..... | 130 |
| Figura A3.2 – Coleta de superfície na área 1 do sítio T.106..... | 130 |
| Figura A3.3 – Escavação de poços-teste na área 3 do sítio T.106. Vista a partir da área 2..... | 130 |
| Figura A3.4 – Escavação na mancha 1 do sítio T.117 com vista da área plana do sítio ao fundo e campo sendo arado..... | 130 |
| Figura A3.5 – Fim da escavação da mancha 1, com parte da estrada de acesso do maquinário ao fundo. Sítio T.117..... | 130 |
| Figura A3.6 – Escavação da mancha 2 no sítio T.117..... | 130 |

ANEXO – 4

| | |
|---|-----|
| Figura A4.1 – Esquema das intervenções realizadas no sítio T.106..... | 132 |
| Figura A4.2 – Esquema das intervenções realizadas no sítio T.117..... | 133 |
| Figura A4.3 – Material coletado com o nível topográfico em área entre as duas manchas..... | 134 |

ANEXO – 5

| | |
|--|-----|
| Figura A5.1 – Mapa da distribuição espacial da cerâmica mostrando quantidade de fragmentos em quadrículas de 1x1m. Área 1, sítio T.106..... | 136 |
| Figura A5.2 – Mapa da distribuição espacial da cerâmica mostrando quantidade de fragmentos em quadrículas de 1x1m. Área 3, sítio T.106..... | 136 |

| | |
|---|-----|
| Figura A5.3 – Distribuição dos vestígios arqueológicos na mancha 1, sítio T.117..... | 137 |
| Figura A5.4 – Distribuição dos vestígios arqueológicos na mancha 2, sítio T. 117..... | 138 |
| Figura A5.5 – Mancha 1 (sítio T.117): Relação de fragmentos de cerâmica que foram colados..... | 139 |
| Figura A5.6 – Mancha 2 (sítio T.117): Relação de fragmentos de cerâmica que foram colados..... | 139 |

ANEXO – 6

| | |
|---|-----|
| Tabela A6.1 – Quantificação dos artefatos cerâmicos coletados em cada área dos sítios (T.106 e T.117)..... | 141 |
| Tabela A6.2 – Artefatos líticos dos sítios T.106 e T.117..... | 141 |
| Tabela A6.3 – Quantificação da relação entre forma e função das vasilhas em cada sítio..... | 142 |

ANEXO – 7

| | |
|---|-----|
| Fig. A7.1 – Exemplo dos diferentes tipos de tratamento de superfície da cerâmica e de restos de argila queimada observada no sítio T. 106..... | 144 |
| Fig. A7.2 – Exemplo dos diferentes tipos de tratamento de superfície da cerâmica observada no sítio T. 117..... | 145 |

ANEXO – 8: Classes e tipos do sitio T 106

| | |
|---|-----|
| Fig. A8.1 – Modelo de referência para a representação dos fragmentos de borda e reconstituição das formas das vasilhas dos sítios estudados..... | 147 |
| Fig. A8.2 - Caçarolas do Tipo 1 (T.106)..... | 148 |
| Fig. A8.3 - Caçarolas do Tipo 2 (T.106)..... | 149 |
| Fig. A8.4 - Panelas do Tipo 1 (T.106)..... | 150 |
| Fig. A8.5 - Panelas do Tipo 2 (T.106)..... | 151 |
| Fig. A8.6 - Pratos e Tigelas do tipo 1 (T.106)..... | 152 |
| Fig. A8.7 - Pratos e Tigelas do tipo 2 (T.106)..... | 153 |
| Fig. A8.8 - Pratos e Tigelas do tipo 3 (T.106)..... | 156 |
| Fig. A8.9 - Tigelas do tipo 1 (T.106)..... | 157 |
| Fig. A8.10 - Tigela do tipo 2 (T.106)..... | 158 |
| Fig. A8.11 - Tigelas do tipo 3 (T.106)..... | 159 |

| | |
|--|-----|
| Fig. A8.12 - Torrador tipo 1 (T.106)..... | 160 |
| ANEXO – 9: Classes e tipos do sitio T 117 | |
| Fig. A9.1 - Caçarolas do Tipo 1 (T.117)..... | 162 |
| Fig. A9.2 - Panelas do Tipo 1 (T.117)..... | 164 |
| Fig. A9.3 - Panelas do Tipo 2 (T.117)..... | 165 |
| Fig. A9.4 - Panelas do Tipo 3 (T.117)..... | 166 |
| Fig. A9.5 - Pratos e tigelas do Tipo 1 (T.117)..... | 167 |
| Fig. A9.6 - Pratos e tigelas do Tipo 2 (T.117)..... | 168 |
| Fig. A9.7 - Pratos e tigelas do Tipo 3 (T.117)..... | 169 |
| Fig. A9.8 - Pratos e tigelas do Tipo 4 (T.117)..... | 170 |
| Fig. A9.9 - Tigelas do Tipo 1 (T.117)..... | 171 |
| Fig. A9.10 - Tigelas do Tipo 2 (T.117)..... | 172 |
| Fig. A9.11 - Tigelas do Tipo 3 (T.117)..... | 173 |
| Fig. A9.12 - Tigelas do Tipo 4 (T.117)..... | 174 |
| Fig. A9.13 - Talhas do Tipo 1 (T.117)..... | 175 |
| Fig. A9.14 - Formas associadas à tradição arqueológica Taquara (T.117)..... | 176 |
| Anexo - 10 | |
| Fig. A10.1 – Núcleo de basalto (T.117)..... | 178 |
| Fig. A10.2 – Instrumento sobre lasca (T.106)..... | 179 |
| Fig. A10.3 – Lasca com modificação (T. 117)..... | 189 |
| Fig. A10.4 – Instrumento sobre lasca de arenito silicificado (T.117)..... | 180 |
| Fig. A10.5 – Instrumento sobre bloco (T.117)..... | 180 |
| Fig. A10.6 – Poliedros de basalto com lascamento. T.117..... | 181 |
| Fig. A10.7 – Poliedro de basalto com modificação. T.117..... | 181 |
| Fig. A10.8 – Exemplo de alguns percutores com negativos de lascamento térmico. T.117..... | 181 |
| ANEXO - 11 | |
| Fig. A11.1 – Distribuição da cerâmica por tratamento de superfície. Área 1 (T.106)..... | 183 |
| Fig. A11.2 – Distribuição da cerâmica segundo a queima. Área 1 (T. 106)..... | 183 |
| Fig. A11.3 – Distribuição da cerâmica por tratamento de superfície. Área 3 (T.106)..... | 183 |

| | |
|--|-----|
| Fig. A11.4 – Distribuição da cerâmica segundo a queima. Área 3 (T. 106)..... | 183 |
| Fig. A11.5 – Distribuição da cerâmica por tratamento de superfície. Mancha 1 (T.117)..... | 184 |
| Fig. A11.6 – Distribuição da cerâmica segundo a queima. Mancha 1 (T.117).... | 184 |
| Fig. A11.7 – Distribuição da cerâmica por tratamento de superfície. Mancha 2 (T.117)..... | 184 |
| FIG. A11.8 – Distribuição da cerâmica segundo a queima. Mancha 2 (T.117).... | 184 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| RESUMO..... | IV |
| ABSTRACT..... | IV |
| LISTA DE ANEXOS..... | V |
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| CAPÍTULO I – AS PESSOAS, OS OBJETOS E SUAS HISTÓRIAS | |
| I.1 – CULTURA MATERIAL E A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS..... | 6 |
| I.1.1 – Cultura material como fonte de conhecimento..... | 6 |
| I.1.2 – Cultura material e alguns contextos..... | 9 |
| I.1.2 – As pesquisas sobre a tradição Guarani..... | 13 |
| I.2 – CULTURA MATERIAL E MÉTODOS DE PESQUISA..... | 19 |
| I.2.1 – A arqueologia por contrato e as fontes de pesquisa..... | 19 |
| I.2.2 – O contexto da análise espacial na perspectiva da construção de um discurso..... | 25 |
| CAPÍTULO II – CRIANDO E CONSUMINDO COISAS | |
| II.1 – O CONTEXTO DE CRIAÇÃO..... | 31 |
| II.1.1 – O processo de manufatura da cerâmica..... | 31 |
| II.1.2 – A criação de artefatos líticos..... | 42 |
| II.2 – O CONSUMO DE OBJETOS..... | 51 |
| II.2.1 – Forma e função das vasilhas..... | 51 |
| II.2.2 – O uso dos artefatos líticos..... | 63 |
| II.3 – COMUNICAÇÃO..... | 67 |
| SIGNIFICADO..... | |
| II.3.1 – Criação e consumo | 69 |
| relacionados..... | |
| II.3.2 – O indivíduo e o coletivo..... | 72 |
| II.3.3 – Aprender e ensinar..... | 73 |
| CAPÍTULO III – CULTURA MATERIAL E ANÁLISE ESPACIAL | |
| III.1 – O CONTEXTO DA ANÁLISE ESPACIAL..... | 77 |

| | |
|---|------------|
| III.2 – O SÍTIO TORRE 106..... | 80 |
| III.2.1 – Área 1 (sítio T.106)..... | 84 |
| III.2.2 – Área 3 (sítio T.106)..... | 86 |
| III.3 – O SÍTIO TORRE 117..... | 89 |
| III.3.1 – Mancha 1 (sítio T.117)..... | 95 |
| III.3.2 – Mancha 2 (sítio T.117)..... | 100 |
| III.4 – ALGUNS SIGNIFICADOS..... | 107 |
| | |
| CONCLUSÃO..... | 110 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA..... | 115 |
| | |
| ANEXOS..... | 125 |

INTRODUÇÃO

O passado é concebido como completo. Ele é, em termos gramaticais, 'perfeito', um estado presente resultante de uma ação ou evento do passado que está feito e terminado. Este passado 'perfeito' está oposto à fluidez do presente contínuo, incompleto, 'imperfeito'. Embora o passado seja completo e não mais existente, ele está, no entanto, fisicamente presente conosco nos seus traços materiais. Mas a atribuição destes traços a um passado 'perfeito', distante do presente, traz ambigüidade, o problema.¹
(Shanks e Tilley, 1992, p. 9, tradução minha.)

O mundo entra no artefato através dos materiais, perdurando na pedra, suave e cinza, na textura contorcida das fibras da madeira e no lustro da seda. Materiais carregam as cicatrizes deixadas pelo corpo em movimento: as lascas ritmadas do cinzel e as cavas da enxada, os giros da fibra retorcida, os delicados pontos da agulha. Artefatos lembram a tecnologia através da qual a natureza foi transformada em cultura, e eles encarnam a mente do criador, representando na forma e no ornamento os planos que os precediam e as decisões comprometidas durante a sua manufatura.² (Glassie, 1999a, p. 42, tradução minha.)

¹ "The past is conceived as completed. It is in grammatical terms 'perfect', a present state resulting from an action or event in the past which is over and done. This 'perfected' past is opposed to the flow of the ongoing, incompleting, 'imperfect' present. Although the past is completed and gone, it is nevertheless physically present with us in its material traces. But the attribution of the traces to a 'perfect' past, distant from the present, brings ambiguity, the problem."

² "The world enters the artifact in materials, abiding in stone, mellow and grey, in swirls of woodgrain and the luster of silk. Materials carry the scars left by the body in motion: the rhythmic chips of the chisel and scoops of the adze, the twists of spun fiber, the dainty pricks of the needle. Artifacts recall the technology by which nature was made cultural, and they incarnate the creator's mind, holding in form and ornament the plans that preceded them and the decisions committed in their making."

O arqueólogo busca entender através dos vestígios materiais como era a vida do homem no passado. Este passado, no entanto, conforme colocado por Shanks e Tilley (1992) não é estático, completo, esperando para ser alcançado. Ele é construído através de ferramentas metodológicas e teóricas – essencialmente científicas – tendo como base as evidências que perduraram até o presente.

Entretanto, como alerta Courbin (1988), os pesquisadores devem cuidar para não se perderem em análises, descrições, gráficos, desenhos, fotografias, e outras ferramentas interpretativas criadas pelo arqueólogo. A metodologia torna-se um fim quando a preocupação em obter informação de um objeto faz com que se esqueça do objetivo da pesquisa. O arqueólogo, quando cria, reflete no seu trabalho a sua visão de mundo, seus valores, esperanças, intenções e suas experiências que envolvem também outras pessoas.

Procurou-se nesta pesquisa seguir as idéias de Glassie (1999a) segundo as quais os artefatos passam por contextos de criação, comunicação e consumo. Assim, busca-se através deste exercício teórico e metodológico associar técnicas de lascamento e de manufatura da cerâmica, gestos criativos e o consumo de artefatos com a sua localização espacial nas áreas trabalhadas em cada sítio.

Neste sentido, a cultura material deve ser vista como repleta de significados que, por sua vez, desdobram-se a partir de uma relação de mão dupla com as pessoas. Por mais que o arqueólogo busque ações humanas passadas, uma vez que ele constrói este passado no momento presente, a cultura material segue relacionando-se com pessoas. É desta forma que a arqueologia dialoga com as suas fontes de pesquisa.

Este trabalho é, de certa forma, a continuação de uma pesquisa que se iniciou durante meu curso de graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mais especificamente no Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NUPArq). Em um Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico de sítios localizados no traçado de uma linha de transmissão da CEEE, trecho Caxias-Taquara-Osório – Rio Grande do Sul, sob coordenação da arqueóloga Sílvia M. Copé, foram trabalhados quatro sítios das tradições arqueológicas Taquara e Guarani no Vale do Rio dos Sinos. Tendo participado de algumas saídas de campo, me interessei em desenvolver um trabalho que tratasse da ocupação dos grupos associados à tradição Guarani, a partir de dois destes sítios localizados no município de Santo Antônio da Patrulha.

Os primeiros trabalhos em arqueologia realizados no Rio Grande do Sul acerca da ocupação de grupos com cultura material da tradição Guarani iniciaram-se na década de 1960 com a implantação do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas). Na região do Vale dos Sinos, os sítios foram trabalhados por Eurico T. Miller em 1967. Posteriormente às pesquisas deste programa, muitos sítios foram retomados por arqueólogos e novas áreas foram estudadas. As temáticas tratadas acerca do estudo de grupos humanos associados à tradição Guarani referem-se principalmente à adaptação destes grupos ao meio-ambiente, a movimentos migratórios e à escolha da análise dos artefatos cerâmicos em detrimento dos outros vestígios, sendo também aprofundadas questões referentes à relação entre a forma e a função das vasilhas.

Tendo em vista estes direcionamentos de trabalho, destacam-se outros aspectos considerados aqui essenciais para contribuir para o entendimento da ocupação destes grupos humanos no Rio Grande do Sul. São a análise espacial de vestígios - questão tratada anteriormente por Schmitz (1990), Carle (2002) e Soares (2004) – que, por sua vez, parte de uma perspectiva micro, da relação entre os artefatos e as pessoas e a interpretação da cultura material como tendo uma relação ativa com os seus consumidores e criadores. Assim, o objetivo deste trabalho é, partindo do estudo pontual de uma parcela de dois sítios do Vale dos Sinos, entender alguns significados das relações humanas com a cultura material que existiram nestes locais.

Esta abordagem é possível se certos procedimentos metodológicos de trabalho em campo forem satisfeitos. Os sítios tratados nesta pesquisa foram trabalhados tendo como objetivo principal o resgate das evidências arqueológicas que seriam diretamente impactadas pela construção de torres de transmissão e do acesso do maquinário para a construção das mesmas e, por isso, possuem algumas peculiaridades. Este trabalho procura partir destas especificidades tratando-as como pontos interessantes a serem explorados e inseridos dentro das discussões sobre a temática da ocupação humana no Rio Grande do Sul. Assim, mesmo dentro de um contexto de prazos e trabalho de campo dificultado pela presença de máquinas no sítio antes da chegada da equipe de arqueologia (Copé, 2002), é possível interpretar os dados obtidos por esta metodologia e discutir as questões aqui propostas.

Tendo em vista que este trabalho também é a construção de um discurso, pretende-se estruturá-lo seguindo três grandes divisões em capítulos.

No Capítulo 1 busca-se situar esta pesquisa dentro dos trabalhos em arqueologia já existentes acerca da temática dos grupos humanos associados à tradição arqueológica Guarani no Rio Grande do Sul. Para isso, é destacada a forma como se procura abordar a cultura material e como ela tem sido estudada por outros pesquisadores. A partir deste levantamento, procura-se pensar questões que possam contribuir para a construção do conhecimento existente acerca desta temática, levando em consideração que cada um destes trabalhos está inserido em contextos específicos, com preocupações pertinentes, mas diferenciadas. Dentre estas questões está a arqueologia de contrato, contexto onde está inserido o presente trabalho, e a análise espacial de vestígios, considerada um aspecto relevante na interpretação da cultura material destes grupos.

No Capítulo 2, procura-se realizar um exercício de pensar a produção do material lítico e cerâmico presentes nos sítios, abordando não só os aspectos tecnológicos inerentes a este tipo de análise, mas também os contextos simbólicos imbricados nas ações de criar e consumir coisas. O uso de metodologias para entender alguns significados a partir dos artefatos é melhor compreendida através da comunicação, que está presente tanto no ato de criar como no de consumir e que faz com que estes dois contextos dialoguem. Assim, este capítulo tratará da interpretação tanto dos vestígios cerâmicos como líticos coletados nos sítios aqui pesquisados.

Outro contexto importante a ser levado em consideração é o estudo da distribuição espacial dos vestígios. Esta questão será tratada no Capítulo 3, quando são analisadas de forma mais detalhada as áreas de pesquisa delimitadas em campo. Estas referem-se a manchas pretas e a áreas arbitrárias, onde foram identificadas concentrações de vestígios líticos e cerâmicos. A comparação entre os resultados das análises dos dois sítios, tanto dos artefatos quanto da sua distribuição espacial, é tentadora e, feita com cuidado, pode auxiliar na interpretação das evidências.

Os trabalhos de campo realizados nos sítios foram somente ‘pequenas janelas’ dentro de um universo maior da presença de grupos humanos pré-coloniais na região do Vale dos Sinos. Portanto, neste trabalho não se pretende concluir acerca da ocupação dos grupos da tradição Guarani neste vale, mas busca-se pensar até que ponto o estudo da distribuição espacial dos vestígios e uma abordagem que os vê como tendo uma relação ativa com as pessoas pode contribuir para a interpretação desta cultura material e para a construção de discursos acerca desta sociedade. Conforme coloca Tilley (1989) o exercício de interpretação da cultura material é uma

criação dos arqueólogos no momento presente, assim como os seus significados também pertencem ao presente.

Os dados analisados a seguir, devem ser interpretados como constituindo um diálogo com os objetivos aqui propostos, ponderando-se os avanços e recuos das metodologias escolhidas. Como qualquer proposta, a construção de um trabalho envolve etapas com objetivos especificados, mas sem a certeza de que algo certo, fechado, será alcançado.

Segue-se, assim, a construção de um discurso.

AS PESSOAS, OS OBJETOS E SUAS HISTÓRIAS

I.1 – CULTURA MATERIAL E A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS

I.1.1 – Cultura material como fonte de conhecimento

Objetos fascinam o homem. Sejam fotos de viagem, livros, presentes, lembranças, utensílios ou enfeites, as coisas cercam as pessoas e interagem com elas. Os objetos possuem a função de recordar um momento, de lembrar da família e de amigos, de equipar uma cozinha, dentre outros, e persistem ao longo do tempo. Os objetos possuem uma história e, ao mesmo tempo, podem contar um pouco da história das pessoas. Ao questionar o porquê que precisamos de coisas, Csikszentmihalyi (1993) coloca que uma das conseqüências da nossa evolução como seres culturais tem sido um aumento da nossa dependência de objetos para a sobrevivência e conforto. Talvez um dos motivos dos arqueólogos lidarem com coisas seja o seu fascínio por elas, por sua beleza, um tanto relativa, ou pela sua capacidade de se referir à relações humanas que ocorreram no passado.

Já a partir do séc. XIV, este fascínio e curiosidade por parte dos arqueólogos fez com que os artefatos e monumentos encontrados e escavados fossem descritos de forma minuciosa. Os objetos faziam parte tanto de coleções particulares como de museus e eram admirados como peças isoladas, muitas vezes sem informação sobre sua origem. A História era feita através do estudo de documentos escritos e os artefatos estavam presentes somente como ilustrações. Na metade do séc. XIX a arqueologia se consolidou como ciência surgindo, assim, o período chamado histórico-cultural. Influenciados pelas idéias evolucionistas, os arqueólogos estavam preocupados com o estabelecimento de seqüências cronológicas. Os objetos passaram a ser vistos como reflexo direto de idéias e normas de comportamento humano. Através de tipologias de artefatos e classificações, as semelhanças e diferenças observadas nos objetos passariam a significar, também, semelhanças e diferenças nas populações humanas.

Em contraposição a estas idéias, a partir de 1960 a Nova Arqueologia, ou Arqueologia Processual, propôs uma nova abordagem para a interpretação do registro

arqueológico. Especificamente em relação à cultura material, foram enfatizadas temáticas de quantificação e funcionalidade em contraposição à uma anterior descrição do material. No entanto, a busca por sistemas acaba excluindo o indivíduo como um agente social e a cultura material segue sendo vista como um reflexo passivo de uma sociedade (Hodder, 1994).

A partir da década de 1980, com a arqueologia pós-processual, alguns arqueólogos buscaram novas abordagens para o estudo da cultura material. Uma das questões discutidas foi a leitura desta como um texto para que, assim, ela pudesse ser compreendida, lida e analisada em termos de estrutura, conforme os estudos da área de linguística. Nas ciências sociais, surge o 'pictorial turn' em sequência ao 'linguistic turn', conforme comenta Meneses (2003) ao abordar o estudo da cultura visual. A proposta do 'pictorial turn' seria a de acrescentar abordagens pictóricas e figurativas à abordagem linguística e discursiva ('linguistic turn'). Na arqueologia, trabalhos como os de Tilley (1989;1990), Csikszentmihalyi (1993), Hodder (1995), Glassie (1999a), Bauer (2002) dentre outros, têm discutido as limitações de 'ler um artefato' e proposto abordagens de pesquisa que defendem que um artefato pode ter mais de um significado e que, além disso, sua própria materialidade não permite que seja reduzido à uma linguagem.

Seguindo uma linha de pensamento paralela, Thomas (1999) comenta que a arqueologia como ciência nos obriga a transformar o mundo em estático, congelando-o para podermos interpretá-lo. Quando estabelecemos 'coisas' como evidências, estamos deixando-as susceptíveis à leitura, da mesma forma que lemos um texto. No entanto, ressalta que devemos estar atentos ao fato de que, ao fazermos isto, estaremos nos relacionando com o mundo de uma forma não usual. Devemos reconhecer que este material fez parte de relações sociais e processos históricos passados. Assim, este autor defende que a interpretação da cultura material é uma prática textual que acontece no presente e através da qual são criados significados. Os objetos estudados se referem ao passado e no momento em que nos apropriamos deles para falarmos sobre este passado, surge uma situação perigosa. É o momento em que o passado pode ser visto como composto por um conjunto de vestígios fixos e estáveis.

Tilley (1989) contrapondo-se à uma tendência reducionista segundo a qual a cultura material é vista em termos funcionais ou utilitários, posiciona-se seguindo uma abordagem que defende que a arqueologia é o estudo da cultura material como

manifestação de práticas simbólicas estruturadas, significativamente constituídas e situadas em relação ao social. Esta relação é ativa, existindo, assim, transformações e relações entre diferentes aspectos da cultura material e entre esta e a sociedade. Este autor faz uma crítica à leitura dos artefatos como textos. Argumenta que para entendermos a cultura material temos que pensar em termos que vão além dela. Para ele, isto significa que estamos pensando em termos de relações entre coisas em vez de pensar as coisas por si só.

Assim, sendo a cultura material uma fonte de pesquisa para a arqueologia, os pesquisadores têm se posicionado de diferentes formas quanto à sua interpretação. Seguindo a abordagem de arqueólogos associados ao pós-processualismo, este conceito se refere, em termos gerais, a vestígios materiais que resultaram da ação humana em diferentes contextos. A fim de entender os significados das relações sociais conscientes e inconscientes do homem e da materialidade, a cultura material deve ser associada não somente a artefatos, mas também a textos escritos, edificações, vestígios de fogueiras, restos de alimentação, paisagens, etc. (Glassie, 1999a).

No presente trabalho, ressalta-se que o interesse não está em descobrir fatos e verdades por trás da cultura material, pois esta posição trata as fontes de pesquisa como estáticas e limitadas, sendo somente possível 'descobrir' mais sobre o passado através da busca por novas fontes. Pelo contrário, argumenta-se que é através da postura do pesquisador frente à cultura material, seus objetivos, perguntas e metodologias que se constrói uma história sobre o passado. Assim, o estudo da cultura material está aqui situado dentro das propostas de alguns autores que a entendem como tendo uma relação ativa com as pessoas.

As coisas, fontes de pesquisa do arqueólogo, para Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (2002) não são somente o produto da ação humana, mas corporificam idéias, capacidades e identidades de pessoas. A fim de destacar o papel dos objetos nas suas vidas, estes autores argumentam que para entendermos o que as pessoas são e no que podem se tornar, devemos entender o que acontece entre elas e as coisas. Sendo assim, tanto pessoas podem ter influência sobre os objetos como estes podem, também, influenciá-las.

Neste sentido, Glassie (1999a) comenta que estamos cercados por coisas; ações humanas sempre resultam em coisas. Além disso, os objetos se referem a ações passadas e estão, por isso, repletos de significado. Procurando destacar, da

mesma forma, a presença de significados e intenções humanas nos objetos, este autor vê alguns objetos como obras de arte. A arte acontece como algo comprometido, devoto, quando as pessoas se transferem para os objetos. O objeto da arte é, portanto, uma mistura da natureza e do humano (tecnologia e intenção).

Situado dentro desta discussão acerca da interpretação da cultura material, este trabalho pretende seguir pensando a cultura material como repleta de significados, estes referentes tanto ao passado como ao presente. Ela possui uma influência sobre as pessoas, causando sentimentos ou servindo como um item útil no seu dia-a-dia. Da mesma forma, é usada e modificada pelas pessoas criando, assim, uma relação ativa entre as duas partes. Assim, objetos e pessoas interagiram no passado e interagem também no presente com os pesquisadores.

No momento em que o arqueólogo se posiciona frente à sua fonte de pesquisa, também há a criação de um diálogo que acontece no momento presente. Sendo assim, a interpretação do significado da cultura material é uma atividade contemporânea; e o significado do passado não reside no passado, mas no presente (Tilley, 1989). Inevitavelmente, estas interpretações devem ser escritas, é desta forma que se produz o conhecimento científico. Os discursos produzidos pelos arqueólogos, assim, além de pertencerem ao presente, são influenciados pelo lugar onde foram escritos e pela formação das pessoas que os escreveram.

I.1.2 – Cultura material e alguns contextos

Falar que a cultura material não pode ser estudada de forma isolada, mas como ativa e constituída de significado, implica na sua interpretação dentro de um contexto. Para Hodder (1995, p. 14, tradução minha):

*(...) contexto é a totalidade do ambiente relevante (...).
O contexto de um 'objeto' arqueológico (incluindo uma
feição, um sítio, uma cultura) são todas aquelas
associações que são relevantes para seu significado.
Esta totalidade, é claro, não é de forma alguma fixa,
uma vez que o significado de um objeto depende do*

*que está sendo comparado com ele, por quem, com quais propósitos, etc.*³

Contexto, para este autor, é um conceito bastante aberto. O autor refere-se inclusive à necessidade de se definir um contexto específico para, assim, atribuir um significado a um artefato. No entanto, frente à uma infinidade de relações dentro das quais está envolvido um objeto, como é possível decidir em que dimensão contextual ele se encontra? Para este trabalho prefere-se falar em contextos, definidos tendo em vista os objetivos desta pesquisa.

Em relação ao estudo de artefatos cerâmicos e líticos, foi escolhida a interessante abordagem de Glassie (1999a). Esta escolha se deu devido à necessidade de estudar outros aspectos do ciclo de vida de um artefato – ou seja, as etapas de produção, uso e descarte do objeto – que não estão somente direcionados à tecnologia e à funcionalidade. Estas últimas foram amplamente desenvolvidas para a cerâmica da subtradição Guarani, conforme pode-se observar nas pesquisas sobre o tema. São comuns as quantificações e freqüências de características dos artefatos cerâmicos. No entanto, uma vez que estas descrições não são relacionadas a um contexto determinado, acabam isolando os artefatos e destituindo-lhes de significado. Além disso, a excessiva ênfase dada à cerâmica em detrimento dos vestígios líticos, conforme chamado à atenção por Noelli e Dias (1995), será aqui levada em consideração.

Glassie (1999a), procurando pensar na variedade de contextos que implicam no processo de significação de um objeto, propõe entender o contexto como uma série de ocasiões que pertencem a momentos de criação, comunicação e consumo. Esta análise organiza de forma clara a vida de um objeto, estando este sempre relacionado com pessoas. Desta forma, ele não se torna em nenhum momento estático e nunca é interpretado por si só.

O momento de criação de um objeto é a transformação de materiais para um fim, ou seja, existe um objetivo final a ser alcançado. A princípio, pensa-se que é uma atividade solitária onde o artesão, através de técnicas, constrói o objeto. No entanto, estas técnicas remetem a uma dimensão vertical, a associações sociais que estão

³ “(...) context as the totality of the relevant environment (...). The context of an archaeological ‘object’ (including a trait, a site, a culture) is all those associations which are relevant to its meaning. This totality is of course not fixed in any way since the meaning of an object depends on what it is being compared with, by whom, with what purpose and so on. “

relacionadas à experiência de vida do artesão (Glassie, 1999a). Durante a criação, estão presentes lembranças de momentos e de pessoas, está presente também o aprendizado dos que observam esta ação; este ato remete-se, assim, a ações sociais que dão significado ao objeto.

O segundo contexto destacado pelo autor refere-se à comunicação. Não pretende-se aqui considerá-lo como uma etapa, pois pensa-se que ele pode estar presente tanto nos momentos de criação como de consumo. É um contexto presente em toda a vida de um artefato, desde a sua manufatura, estando aí significados que permeiam a relação do artesão com o objeto, até o seu consumo e descarte, situações onde podem estar presentes outros indivíduos que participaram ou não da criação deste objeto. O contexto da comunicação está presente na relação ativa do objeto com as pessoas mencionado anteriormente.

*Na comunicação o objeto vai do seu criador ao seu consumidor. Consumo, como criação, coleta contextos nos quais os significados dos objetos se consolidam e se expandem. Comunicação e consumo sempre se misturam, e no consumo a seqüência de contextos continua, dentro dos quais os significados do criador são eclipsados pelos significados do consumidor.⁴
(Glassie, 1999a, p. 57, tradução minha)*

Thomas (1999) prefere tratar das associações entre o homem e o mundo material baseando-se nos estudos de M. Heidegger acerca de conceitos como *estar-no-mundo*. Sua abordagem é considerada aqui interessante porque expressa a complexidade da relação ativa entre pessoa e coisa e seus contextos de comunicação. Assim, a comunicação acontece entre objetos e pessoas dentro de um mundo particular, relacionado ao indivíduo. Segundo este autor, o ser humano está engajado em um mundo vinculado às suas preocupações, à sua situação. No momento em que este indivíduo se depara com um objeto, este se torna inteligível a partir do que esta

⁴ "In communication, the object goes from its creator to its consumer. Consumption, like creation, collects contexts in which the meanings of the artifact consolidate and expand. Communication and consumption always mesh, and in consumption the sequence of contexts continue within which the meanings of the creator are eclipsed by the meanings of the consumer."

pessoa conhece. Os artefatos possuem, assim, muitos significados, os quais só podem ser entendidos dentro dos seus contextos.

O terceiro contexto mencionado por Glassie (1999a) refere-se ao consumo. É o momento em que a funcionalidade do objeto é colocada em prática. O objeto que está em contato com o consumidor, pode ser consumido de diferentes formas, ou seja, pode ser utilizado para outros fins que não a sua função inicial; pode ser reutilizado. Uma vez que a comunicação é um contexto que está também aqui presente, os significados iniciais da criação se misturam com novos significados, que remetem-se ao uso e ao descarte deste objeto.

Outra temática observada nos trabalhos de arqueologia é a preocupação com a adaptação do homem que produziu a cultura material ao seu meio. Assim, aspectos como as possibilidades de captação de recursos e funcionalidade de sítios arqueológicos foram largamente enfocadas. Tais aspectos não devem ser excluídos em uma pesquisa, mas quando acabam se tornando seu objetivo final, o trabalho acaba versando somente sobre um aspecto específico das relações sociais de um grupo humano. Entende-se aqui que a multiplicidade de contextos que podem ser pensados em relação a cultura material possibilita também uma interpretação referente a uma dimensão simbólica das relações sociais. Ao mesmo tempo, não pretende-se partir de modelos gerais da ocupação de grupos humanos associados à esta subtradição arqueológica no Estado. Busca-se, através do entendimento de contextos específicos, contribuir para o conhecimento (já existente) acerca desta temática. Uma das formas através da qual pretende-se desenvolver esta proposta é através da análise espacial da cultura material nos sítios. Esta abordagem parte de uma perspectiva micro, que enfatiza o indivíduo como agente social em relação ativa com um objeto para uma perspectiva macro, que parte de uma análise específica de uma área até a comparação dos resultados dos dois sítios.

A análise espacial, por sua vez, permeia o estudo da história de vida dos artefatos contribuindo para o entendimento dos contextos de criação, comunicação e consumo. Ela está, assim, imbricada na perspectiva contextual. Para Kent (1987), o comportamento humano, assim como a cultura material, é padronizado. A autora defende esta idéia sem referir-se a termos normativos, mas argumenta que quando realizamos um estudo sobre análise espacial de vestígios em um sítio, são padrões de ocorrências de artefatos que buscamos. Além disso, para ela, o estudo de áreas de atividade humana são um meio para atingir um objetivo maior. Considera-se a

abordagem desta autora importante porque ressalta que a busca por padrões, áreas de atividade e mesmo a utilização da etnoarqueologia para a interpretação do registro arqueológico não fazem sentido se não forem associados a um contexto. Kent (1987) defende que os padrões observados através dos estudos de análise espacial que não seguem teorias e modelos podem contribuir largamente para a interpretação da cultura material através da variabilidade, diversidade ou outros aspectos que não teriam, de outra forma, sido considerados.

O arqueólogo busca falar sobre o passado a partir da interpretação da cultura material. Esta interpretação é feita levando-se em consideração inúmeros contextos, que podem referir-se tanto ao passado, como a exemplo dos de criação, comunicação e consumo comentados aqui, como ao presente. Os contextos relacionados ao presente dizem respeito a temáticas como a arqueologia de contrato e a influência do arado na dispersão da cultura material no sítio, que afetam, de uma forma ou de outra, o trabalho do arqueólogo hoje. Certamente todos estes contextos estão relacionados com a postura do arqueólogo frente à interpretação da cultura material. Em diferentes momentos da história da arqueologia, pressupostos teóricos e metodológicos distintos estavam sendo utilizados, dependendo dos objetivos e trajetórias de cada pesquisador. As problemáticas aqui propostas acerca da subtradição Guarani no Rio Grande do Sul somente poderiam ser desenvolvidas tendo em vista os trabalhos de outros pesquisadores acerca deste tema. Como colocam Shanks e Tilley (1992) a arqueologia se faz no presente através dos textos e toda a produção de textos inclui o ponto de vista do narrador, mas estes discursos são construídos sobre uma história do passado que não possui fim. Desta forma, o presente trabalho pretende contribuir com mais um discurso acerca desta temática.

I.1.3 – As pesquisas sobre a tradição Guarani

Os artefatos arqueológicos analisados neste trabalho se referem principalmente a objetos como fragmentos de vasilhas cerâmicas e artefatos de pedra lascada presentes em dois sítios arqueológicos na região do Vale do Rio dos Sinos. Estes objetos, principalmente os fragmentos cerâmicos, possuem características de manufatura relacionadas à subtradição Guarani.

A associação dos vestígios encontrados em um sítio às tradições arqueológicas tem sido uma prática comum nas pesquisas arqueológicas brasileiras. O termo 'tradição' começou a ser empregado com a implantação do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) no território brasileiro, de 1965 a 1970. Este Programa teve como principais objetivos estudar as principais rotas de migração, estabelecer um esquema cronológico e a difusão cultural baseando-se no pressuposto de que as populações pré-históricas moviam-se em grandes proporções ao longo dos principais rios (Dias, 1995). Além disso, a partir de trabalhos de campo destinados a coletas amostrais de regiões, a ênfase dada ao material arqueológico em detrimento do estudo dos grupos humanos que deixaram estes vestígios pode ser observada através da determinação de seqüências seriadas e definição de fases e tradições⁵. Estes conceitos marcariam as etapas de distribuição espaço-temporal dos grupos humanos identificados pelos pesquisadores vinculados ao PRONAPA (Dias, 1995).

As características principais da cerâmica definida por este Programa como pertencente à tradição Tupiguarani são, segundo Chmyz (1976, p. 147):

Tradição Tupiguarani: Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e, pelo uso de tembetás.

No entanto, para este trabalho, será empregado o termo 'subtradição Guarani' retomado por J. P. Brochado (1984), que tem sido usado na literatura arqueológica para se referir à cultura material associada à tradição Tupiguarani presente no sul do Brasil⁶. A associação da cultura material com estas características remonta ao tronco lingüístico Tupi, cuja população teria migrado da região da Amazônia em direção ao sul (Brochado, 1984; Noelli, 1994). A 'subtradição Guarani' seria, então, empregada por Brochado (1984) para diferenciar a cultura material arqueológica de grupos do

⁵ Discussões críticas acerca dos objetivos do PRONAPA para o estudo dos sítios da Tradição Tupiguarani podem ser vistos em Schmitz (1999) e Soares (1999).

⁶ Quando é feita referência a trabalhos de outros pesquisadores sobre o tema será mantido o termo usado originalmente, seja 'subtradição Guarani', 'tradição Tupiguarani' ou 'tradição Guarani'.

tronco lingüístico Tupi do sul do Brasil em relação à subtradição Tupinambá do sudeste. Os resultados da presente pesquisa podem, portanto, contribuir para o entendimento de como estes grupos ocuparam o sul do Brasil.

Alguns dos sítios estudados pelo PRONAPA seguiram sendo pesquisados pelos arqueólogos e incorporados a projetos mais amplos. A seguir, procura-se fazer uma síntese dos principais trabalhos em arqueologia acerca da temática dos grupos associados à vestígios da subtradição Guarani.

Já no início dos anos 80, Ferrari (1983), em pesquisa no baixo Ijuí, procurou organizar seqüências cronológicas e culturais que pudessem estabelecer processos de colonização e adaptação ecológica. Além disso, as informações arqueológicas sempre que possível foram comparadas às históricas na medida em que estavam sendo constatadas ações de aculturação pela tradição européia.

A cerâmica seguiu sendo também um ponto priorizado; através destes vestígios foram quantificadas suas dimensões e identificados formatos, funções e características gerais.

No ano de 1988 iniciou-se o Projeto de Salvamento arqueológico de uma ampla área do Rio Uruguai (La Salvia *et al.*, 1988-1989). Neste Projeto, foi feito um impressionante levantamento sistemático dos elementos culturais existentes nesta região. A cerâmica associada à subtradição Guarani localizada nas áreas de Itá e Machadinho, por exemplo, foi estudada levando em consideração vasilhas inteiras de coleções e informações etno-históricas, para que se aprofundasse o estudo acerca da reconstituição da forma e identificação da funcionalidade das vasilhas. Considera-se esta uma pesquisa importante, porque é quando começa-se a pensar na relação entre a vasilha e o artesão. Além disso, estas vasilhas devem ser estudadas dentro do contexto arqueológico passado específico de cada local, que não necessariamente reflete de forma idêntica um padrão de ocupação dos grupos da subtradição Guarani.

Neste sentido, uma nova preocupação quanto à metodologia de pesquisa para o estudo dos sítios da tradição Tupiguarani aparece com Schmitz *et al.* (1990). Neste grande projeto é desenvolvida a primeira pesquisa que se preocupa com a distribuição do material arqueológico dentro da aldeia e dentro de uma habitação no sítio Candelária I. Com a possibilidade de escavação de grande superfície, foi possível relacionar os diversos vestígios arqueológicos dentro dos espaços de habitação identificados e entender, assim, parte da aldeia como um espaço habitacional. Rogge (1996), desenvolvendo um trabalho acerca do sítio Candelária II, estudou o modo pelo

qual populações portadoras da tradição Tupiguarani se instalaram em matas subtropicais e manipularam recursos oferecidos pelo ambiente, mais especificamente no vale dos rios Jacuí e Pardo. Este pesquisador enfocou questões adaptativas tanto no estudo da unidade do sítio como em uma dimensão mais ampla, sendo uma área maior ocupada por uma ou mais aldeias que se movimentam no seu interior.

Nas pesquisas aqui destacadas, pode-se observar algumas temáticas em comum. Estas se referem ao estudo dos grupos humanos - representados através dos sítios arqueológicos - em relação à sua adaptação ao contexto ambiental, procurando descobrir quais eram os recursos disponíveis e de que forma se deram as migrações destes grupos.

Com uma abordagem semelhante, Ribeiro (1991), procurou reconstituir em uma seqüência histórica, a partir dos vestígios materiais, as várias culturas arqueológicas que ocuparam o vale do rio Pardo. Dando seguimento à esta pesquisa no Vale do Rio Pardo, Klamt (1996) enfocou os sítios relacionados à tradição Tupiguarani e buscou, a partir da análise da cerâmica, redimensionar aspectos relacionados a movimentos migratórios, sistema de ocupação e uso do espaço, usando seqüências seriadas e suposições sobre densidade demográfica e captação de recursos de um dos sítios. Mais tarde, Klamt (2004) discutiu a forma como um assentamento se instala e interage no e com o ambiente; realizou uma aproximação demográfica e discutiu o tema dos enterramentos com base na análise do material proveniente de sete sítios localizados no Vale do Rio Pardo. O seu objetivo principal foi o de contribuir para entender o sistema de assentamento dos portadores da tradição ceramista Tupiguarani neste vale.

Partindo das preocupações específicas destes autores que muito contribuíram para as discussões então em voga acerca desta temática, destaca-se que para uma melhor aproximação de significados passados, deve-se levar em consideração a totalidade dos vestígios presentes nos sítios. Vestígios líticos, como cultura material, são tão importantes quanto os fragmentos de panelas feitas de cerâmica, estando inseridos em contextos passados específicos e fazendo parte de intenções, planos e sentimentos humanos.

Alguns trabalhos foram desenvolvidos sobre a cerâmica na região Missioneira do estado do Rio Grande do Sul, destacando-se a seguir os que trataram também e mais especificamente da cerâmica pré-colonial. Nesta região, foram identificados artefatos cerâmicos com características pré-coloniais e européias, interpretados como

o resultado de uma interação de técnicas de manufatura de ambos grupos. Neste sentido, Tocchetto (1998) percebeu, a partir de fragmentos cerâmicos, a permanência de técnicas de manufatura e relações entre a forma e função de vasilhas pré-coloniais no sítio Redução Jesuítica-Guarani de São Lourenço Mártir. Uessler (2000) chamou a atenção vasilhas elaboradas somente com técnicas pré-coloniais, assim como vasilhas que mostram esta interação. Mais recentemente, Rahmeier (2002) buscou, através da arqueologia e da história, recuperar a complexidade cultural verificada no contexto reducional platino a partir do artefato cerâmico.

Uma vez iniciados os trabalhos sobre a adaptação de grupos humanos a diferentes ambientes, surgiu também o interesse em abordar regiões geográficas distintas que apresentam ocupações diferenciadas. É o caso dos trabalhos que tratam da presença da cerâmica da tradição Tupiguarani no litoral do Rio Grande do Sul.

Pensando em uma problemática de comparação entre regiões ocupadas pelos grupos associados à tradição Tupiguarani deve-se destacar a pesquisa de Rogge (2000a; 2000b) com o Projeto Quintão. Este autor procurou desenvolver a idéia de que, diferentemente das ocupações mais estáveis do interior, assentamentos temporários, de curta duração e relacionados à atividades temporárias, estavam explorando áreas ecológicas distintas no litoral do estado. O autor procurou compreender estes assentamentos no novo espaço ocupado em termos de função e grau de permanência.

Mais tarde Rogge (2004) buscou entender e explicar, tendo como base evidências arqueológicas da tradição Tupiguarani, Taquara⁷ e Vieira⁸, a natureza das situações de contato que ocorreram entre as populações portadoras de tais culturas materiais no Rio Grande do Sul. Este trabalho versa sobre a expansão destas tradições, principalmente da tradição Tupiguarani e sobre as áreas que poderiam constituir zonas de fronteira. Este autor defende a tese de que as situações de contato entre esses três grupos teriam sido acionadas e impulsionadas pela expansão desses agricultores através das áreas florestadas, que formam uma extensa fronteira ecológica - que se transforma, também, em uma fronteira cultural - entre as áreas altas, ocupadas pelos portadores da tradição Taquara, e as terras baixas, ocupadas pelos portadores da tradição Vieira. Já Wagner (2004) direciona as pesquisas para o

⁷ Esta tradição está relacionada à cultura material de grupos do tronco lingüístico Jê.

⁸ A tradição Vieira reúne todas as fases cerâmicas dos grupos caçadores, coletores e pescadores encontrados no sul do Rio Grande do Sul (Copé, 1997).

litoral norte do estado, buscando entender como se deu neste ambiente a ocupação de grupos humanos das tradições Tupiguarani e Taquara.

Recentemente, M. Carle (2002) desenvolveu uma interessante pesquisa a partir de uma escavação ampla em um sítio em Rio Grande. A análise acerca da distribuição de diversos artefatos arqueológicos no sítio enfatizou a funcionalidade dos artefatos e sua concentração no espaço, buscando o reconhecimento de áreas de atividade humana.

Além dos trabalhos de Schmitz *et al.* (1990) e Carle (2002), destaca-se a pesquisa realizada por Soares (2004) como outro trabalho preocupado com a questão da localização espacial dos vestígios arqueológicos. Partindo do estudo de um sítio arqueológico sem perturbações contemporâneas no vale do rio Jacuí, este autor mostrou que a disposição das evidências é relevante e significativa para atribuir usos e funções aos espaços analisados.

Quanto às pesquisas desenvolvidas na área tratada neste trabalho, a região do Vale do Rio dos Sinos, destaca-se que esta foi pouco explorada em termos de trabalhos relacionados com a temática da cultura material da subtradição Guarani.

Os primeiros estudos nesta região do estado do RS remontam ao PRONAPA, quando Miller (1967) identificou como predominantes os sítios da tradição Tupiguarani (fases Maquiné e Paranhana) na região das lagoas. Os sítios associados à fase Maquiné localizam-se principalmente no topo das coxilhas e morros, na zona litorânea entre os lagos e no alto dos terrenos arenosos. Os sítios da fase Paranhana estão também no topo das coxilhas próximas ao rio dos Sinos; na região do Planalto são encontrados dentro e junto aos capões, próximos a rios e sangas, e no litoral estão junto às sangas que desaguam em lagoas próximas (Miller, 1967). A documentação referente a estes trabalhos, bem como os vestígios resgatados encontram-se no MARSUL (Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul), em Taquara, RS. A partir de um levantamento do registro de sítios arqueológicos realizado por Jacobus (2005) no MARSUL, foram contabilizados 20 sítios referentes à tradição Tupiguarani pesquisados por Miller ou pelo PRONAPA na região dos Sinos. No entanto, a informação sobre estes sítios é esparsa, dado que a finalidade principal deste Programa foi coletar a cultura material, dando ênfase à cerâmica para fins de amostragem dos tipos de sítios presentes neste vale.

Somente a partir de 2000 que foram retomadas as pesquisas na região. Recentemente Dias (2003), em pesquisas na região do Alto Vale do Rio dos Sinos,

identificou 30 sítios arqueológicos com vestígios materiais da tradição Guarani, sendo que alguns destes podem estar relacionados a sítios pesquisados anteriormente por Eurico T. Miller na região. Tendo em vista os sítios desta tradição identificados em campo, Dias (2003) partiu do modelo de sistema de assentamento de Noelli (1993) para interpretar o padrão de distribuição destes sítios na área pesquisada.

Esta autora considerou a distribuição dos sítios como representando o deslocamento das sedes de aldeias na área de domínio de pelo menos dois *tekohá*⁹. O primeiro está representado pela concentração de sítios em um setor da área piloto que acompanha os cursos do Rio dos Sinos, dos arroios Caraá, Grande, Pinheiros e Bom Retiro, e por uma ocupação periférica e mais tardia no arroio Campestre. O segundo refere-se a um setor noroeste da área piloto, associado ao vale do arroio Rolantinho, em altitudes mais elevadas, em um ambiente menos favorável à ocupação Guarani tradicional.

Outro trabalho realizado na região foi o resgate arqueológico dos sítios localizados no traçado da linha de transmissão da CEEE LT 230 Kv Caxias-Taquara – Osório (Copé, 2002; 2003). Foram realizadas escavações e coletas de superfície em quatro sítios arqueológicos pesquisados em função da construção de torres de transmissão. Somente um destes sítios foi associado a tradição arqueológica Taquara, tendo em vista as características da cultura material e os outros três à tradição Guarani. O estudo aqui presente trata de dois sítios da tradição Guarani, Torre 106 e Torre 117, presentes no trecho Taquara-Osório desta linha de transmissão, localizados no Município de Santo Antônio da Patrulha.

Procura-se, a partir do estudo destes sítios, entender alguns significados presentes nas relações entre pessoas e coisas. Para isso, deve ser levado em consideração o contexto da arqueologia por contrato no Brasil.

I.2 – CULTURA MATERIAL E MÉTODOS DE PESQUISA

I.2.1 – A arqueologia por contrato e as fontes de pesquisa

⁹Noelli (1993, p. 251) usa este termo (baseando-se em B. Meliá) para se referir a espaços compreendidos pela vegetação, pela roça e pela aldeia Guarani; espaços a partir dos quais estes grupos tirariam seu sustento.

As fontes aqui estudadas foram coletadas de acordo com uma abordagem metodológica de campo associada ao contexto da arqueologia por contrato. Conforme discutem Caldarelli e Santos (1999-2000), a pesquisa de sítios arqueológicos ligada à prestação de serviços tem sido uma prática no Brasil desde a década de 60 e meados da década de 70, sendo que os trabalhos multiplicaram-se a partir de meados da década de 80 quando passou a compor as avaliações ambientais de projetos de engenharia.

Discussões acerca da temática da arqueologia por contrato têm abarcado questões metodológicas de campo, questões relacionadas à preservação do patrimônio, discussões sobre a conduta ética de profissionais, publicação e divulgação das pesquisas realizadas por contrato, dentre outros (Barreto, 1999-2000; Caldarelli e Santos, 1999-2000; Lima, 2000; Santos, 2001; Monticelli, 2005). Levando em consideração que estão sendo estudadas aqui fontes de pesquisas inseridas neste contexto, serão destacadas duas questões que estão diretamente relacionadas com a problemática aqui proposta bem como à forma como esta será desenvolvida ao longo deste trabalho.

A primeira questão se refere ao fato de que os arqueólogos, quando envolvidos em trabalhos de arqueologia por contrato, freqüentemente deparam-se com áreas a serem pesquisadas diferentes daquelas de projetos de pesquisa onde se pode escolher, dentro dos objetivos específicos, a área a ser estudada. Em relação a esta questão, Caldarelli e Santos (1999-2000, p. 59) ressaltam algumas particularidades do trabalho de arqueologia por contrato: a definição arbitrária da área de pesquisa, estando ausente a escolha do pesquisador, o desenvolvimento da pesquisa com um cronograma restrito enquadrado no licenciamento do empreendedor e a dificuldade de retorno à área de pesquisa.

Segundo Monticelli (2005, p. 224):

(...) há um limite territorial estipulado pelas áreas afetadas pelo empreendimento. Os tipos de sítios arqueológicos que podemos encontrar na área de pesquisa em função de determinada obra estão condicionados aos padrões de implantação da própria obra, que, por sua vez, são determinados por fatores técnicos, econômicos, sociais.

Os sítios aqui estudados encontram-se em locais altos - de implantação de torres de transmissão - o que está relacionado com fatores que são levados em consideração para a construção de linhas de transmissão, como o relevo, os cursos d'água, o acesso ao local, etc. Trata-se de uma região limite entre a Planície Litorânea do estado do Rio Grande do Sul e o Planalto Sul-rio-grandense (Figura A1 - Anexo 1). Esta região se caracteriza por um relevo de morros e pequenos vales que fazem parte da bacia hidrográfica do Vale do Rio dos Sinos. O afluente mais próximo chama-se Arroio do Carvalho.

Localizados na encosta da Serra Geral, a sua maior proximidade se dá com a região das lagoas litorâneas, mais especificamente a Lagoa dos Barros. Os sítios distam aproximadamente 36km do litoral Atlântico. Ressalta-se também que estes sítios encontram-se em região muito habitada, tendo em seu entorno as cidades de Santo Antônio da Patrulha, Osório, Igrejinha e Porto Alegre, mais distante. São locais acessíveis por estrada de terra e atualmente habitados por agricultores que aram a terra com arado de boi. Ambos sítios estão localizados em áreas com boa visibilidade para o entorno (Figuras A2.1 e A2.2 – Anexo 2).

Considera-se a localização dos sítios extremamente interessante para o desenvolvimento da pesquisa aqui proposta, pois oferecem oportunidade de estudar vestígios de locais não privilegiados pela maioria das pesquisas sobre grupos humanos no Rio Grande do Sul, hoje representados por sítios da subtradição Guarani.

A segunda questão a ser ressaltada é a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas aprofundadas a partir de sítios arqueológicos trabalhados segundo metodologias de coleta de evidências relacionadas à arqueologia de contrato. Barreto (1999-2000, p. 47) comentando os problemas causados pelos trabalhos de arqueologia de contrato, chama a atenção para o perigo de um "(...) retrocesso científico com a volta de levantamentos meramente descritivos e classificatórios como os dos anos 1960 e 1970. (...)". Segundo esta autora isto estaria acontecendo devido às limitações de tempo de pesquisa e de cobertura de territórios extensos, estes escolhidos de forma arbitrária, o que não favorece estudos interpretativos e aprofundamento de questões específicas.

No entanto, considera-se que arqueologia de contrato possibilita a obtenção de uma quantidade não desprezível de fontes que, se coletadas e analisadas seguindo

uma metodologia adequada, podem fornecer informações importantes para o entendimento da ocupação humana pré-colonial no Rio Grande do Sul.

Os dois sítios aqui estudados foram trabalhados pela equipe do NUPArq/UFRGS em função do resgate arqueológico dos sítios presentes do traçado da Linha de Transmissão da CEEE LT 230kV Taquara – Osório nos meses de novembro e dezembro de 2002. A síntese dos trabalhos de campo realizados nestes dois sítios apresentada a seguir foi feita com base no relatório dos trabalhos realizados por esta equipe (Copé, 2002).

O sítio Torre 106

O sitio Torre 106, GPS 22J 0553508 UTM 6698698 (Córrego Alegre) foi identificado na área de implantação da torre com o mesmo nome. Este sítio situa-se em uma encosta de morro com aproximadamente 200m de altitude (Figura A3.1 - Anexo 3) e em uma área onde tinha sido plantada cana-de-açúcar. Uma vez esta colhida e o terreno limpo, a visibilidade dos vestígios arqueológicos no solo foi muito boa. Foram identificadas três áreas de concentração de vestígios (Fig. A4.1 - Anexo 4). Para a coleta dos mesmos, foram estabelecidas estações topográficas para servirem de base para a orientação das malhas e poços-teste. A primeira área com concentração de material arqueológico, área 1, apresenta um forte declive (cerca de 45°) e, no momento, tinha sido recentemente arada (Fig. A3.2 - Anexo 3). O procedimento para a coleta das evidências em superfície e sub-superfície foi o de coletas sistemáticas com a ajuda de uma malha móvel de 5x5m, subdividida em quadrículas de 1x1m.

O poço-teste escavado junto ao local de maior concentração (setor leste, onde a área se torna mais plana, e norte, no fim do declive) não apresentou artefatos em estratigrafia, tendo sido encontradas somente duas peças, ambas acima de 2cm de profundidade. Nesta área, o afloramento rochoso foi encontrado entre 5 e 12cm de profundidade.

O total de quadras de 5x5m estabelecidas para a coleta foi de 29 e a densidade de fragmentos cerâmicas não foi considerado alto (média de 12 fragmentos por quadra); no entanto, foram observados fragmentos relativamente grandes (alguns

com mais de 10cm de comprimento máximo). Nesta área não foi encontrada nenhuma peça lítica nem manchas escuras no solo.

A partir destas evidências procuramos entender a natureza da deposição do material arqueológico aí encontrado: a baixa densidade de artefatos, aliada à característica da topografia do local (forte declividade) e nenhuma mancha escura verificada no solo nos leva a descartar a possibilidade do local ser uma área de residência, ou uma área de atividade. Pela observação do tamanho dos fragmentos, é possível que eles tenham sido arrastados pelo arado de um outro local e aí depositados. (COPÉ, 2002, p. 9-10)

Assim, o tipo de trabalho realizado em campo com preocupações acerca de temáticas que possam ser desenvolvidas a fim de contribuir para os estudos de sítios Guarani, permitiu e foi essencial para tratar nesta pesquisa da análise espacial.

Através de um caminhamento sistemático realizado na lavoura ao lado da área 1, também com forte declive, identificaram-se evidências que foram demarcadas (área 2). Com a topografia do terreno e a forma da concentração dos vestígios, junto ao final do declive, deduziu-se que a cerâmica rolou da área arada mais plana situada acima, tendo sido feita, assim, uma coleta assistemática.

A área 3 refere-se a uma área com grande concentração de cerâmica em um local mais plano, localizado acima (sudeste) da área 2 (Fig. A3.3 - Anexo 3). Nesta área, assim como na primeira, foi realizada uma coleta de superfície onde as primeiras quatro quadras (N7, O7, N8 e O8 – Fig. A4.1 – Anexo 4) apresentaram uma média de 50 fragmentos por quadrícula.

A fim de verificar a existência de estratigrafia, foram realizados cinco poços-teste na área, um no centro da concentração e outros quatro distando 5m do centro. O afloramento rochoso precedido de uma camada estéril do ponto de vista arqueológico foi localizado aos 20 cm de profundidade (somente na quadrícula 95/100 o afloramento foi constatado aos 30cm de profundidade). As últimas quatro quadras foram delimitadas para a coleta e foi constatado que o material ficou esparso.

O sítio T.117

O outro sítio foi identificado junto à área de implantação da Torre 117, GPS 22J 0557103 UTM 6697179 (Córrego Alegre). Esta área localiza-se no topo de um morro de altitude 307m (Fig. A3.4 – Anexo 3), é plana e com ótima visibilidade para o entorno (Fig. A2.2 – Anexo 2). Este sítio dista 15km do sítio T.106.

Na época, a área estava sendo utilizada para a plantação de cana-de-açúcar. Foram identificadas três manchas escuras no solo; no entanto, os trabalhos de intervenção arqueológica limitaram-se às manchas localizadas em região de acesso do maquinário e sob o alinhamento das torres (manchas 1 e 2, respectivamente, Fig. A4.2 – Anexo 4). A denominada mancha 3 foi preservada para futuras intervenções, pois não corria risco de impacto.

Através da instalação de um nível topográfico, e tendo como referência uma estação no piquete central da Torre 117, foi estabelecida uma quadra de 5x5m junto a via de acesso à torre (Fig. A3.5 – Anexo 3). A visibilidade do solo era baixa, pois já havia passado maquinário pesado por esta área ao serem feitas as cavas da torre.

Foi feita a escavação de dois poços-teste para a observação da estratigrafia e densidade de material. Ambas quadrículas apresentaram sedimento muito compacto (devido ao tráfego intenso de máquinas), areno-argiloso e com cerâmica concentrada nos primeiros 5cm de profundidade. A partir de 10cm, houve a mudança para uma camada mais argilosa e avermelhada e estéril do ponto de vista arqueológico.

A escavação de quadrículas seguiu sendo feita dentro da quadra de 5x5m, formando uma área em xadrez, para maximizar a área escavada. Todas as quadrículas apresentaram uma média de 10 fragmentos, com alguns relativamente grandes (acima de 5cm). A escavação foi ampliada, tendo sido anexada mais uma quadra de 5x5m. Com a ampliação da escavação foi possível delimitar a concentração de material, que diminuiu em direção à Torre (noroeste).

A escavação da mancha 2 iniciou-se com o estabelecimento de duas quadras de 5x5m alinhadas com o eixo das Torres 116 e 117. A escavação partiu de um xadrez (Fig. A3.6 – Anexo 3), e as quadrículas mostraram boa quantidade de vestígios

arqueológicos (entre 20 e 30 peças por quadrícula de 1x1m). A camada arqueológica não ultrapassa 12cm, transformando-se em um sedimento argiloso e marrom claro.

A ampliação da escavação seguiu mostrando uma densidade de material (acima de 20 peças por quadrícula) e fragmentos bem preservados (com 10cm de comprimento máximo). Nas quadrículas da porção norte da escavação apareceram grandes rochas de basalto derivadas do afloramento rochoso, e na quadrícula 73/99, ao final dos 10cm de profundidade, foi constatada uma mancha de terra escura, possivelmente uma fogueira. O material lítico, apesar de não muito abundante, parece concentrar-se a oeste da mancha 2, o que foi confirmado por uma prospecção em superfície fora da escavação.

Terminada a escavação das duas quadras de 5x5m na mancha 2, foram demarcadas evidências em superfície através de um caminhamento. O material, cerâmico e lítico, foi coletado com auxílio de nível topográfico.

A proposta deste trabalho de estudar os vestígios presentes nos sítios dentro de uma perspectiva de análise espacial intra-sítio relaciona-se também com a oportunidade criada pela estratégia adotada em campo (Copé, 2002) de escavação e coletas sistemáticas das evidências. Deste modo, este trabalho parte do pressuposto de que é possível, a partir do estudo de sítios trabalhados através da arqueologia de contrato, desenvolver pesquisas com propostas pertinentes, que podem contribuir para as discussões acerca da ocupação humana associada a sítios arqueológicos da tradição Guarani no Rio Grande do Sul.

1.2.3 – O contexto da análise espacial na perspectiva da construção de um discurso

O objetivo geral deste trabalho é o de estudar as relações humanas com a cultura material, em contextos específicos de dois sítios arqueológicos. A partir dos vestígios pré-coloniais associados pelos arqueólogos à subtradição Guarani, procura-se entender um pouco sobre a ocupação de grupos humanos nestes locais. No entanto, a cultura material como fonte de pesquisa nos fornece informações tanto sobre o passado como também sobre o presente. No presente, a fragmentação e desgaste da cerâmica, por exemplo, está relacionada a objetivos específicos de

subsistência dos moradores dos locais onde estes objetos se encontram, que realizam a atividade de arar a terra.

Um fator importante, que se deve levar em consideração no estudo da cultura material a partir da sua distribuição no espaço, é o processo de formação do registro arqueológico. Schiffer (1996) faz uma diferenciação entre processo de formação cultural e processo de formação não-cultural. O primeiro abarca os processos de comportamento humano que afetam ou transformam artefatos após o seu período inicial de uso em uma dada atividade, e o segundo refere-se aos eventos e processos do ambiente natural que atingem os artefatos. O trabalho de Schiffer (1987) chama a atenção para os diferentes fatores que podem interferir no registro arqueológico e que devem ser levados em conta no momento da sua interpretação.

Este tema é aqui pensado como mais um aspecto a ser levado em consideração na interpretação do registro arqueológico que, por sua vez, está também relacionado com todos os outros já aqui mencionados. O processo de formação do registro arqueológico influi na dispersão dos artefatos e, conseqüentemente, na interpretação dos mesmos e, ao mesmo tempo, faz com que determinadas estratégias de campo devam ser utilizadas para a sua coleta. A intervenção do arado na superfície do sítio, apesar de implicar em uma alteração posterior as ações humanas de um passado mais distante, também pode ser vista como um tipo de consumo. As pessoas descobrem os artefatos através da prática de arar a terra e a ele são atribuídos novos significados.

A principal contribuição dos estudos acerca da intervenção do arado na formação do registro arqueológico para esta pesquisa está em avaliar até que ponto pode-se realizar uma análise espacial seguindo uma perspectiva micro. Ou seja, até que ponto uma análise tão específica é válida quando os artefatos estão sendo movidos periodicamente na superfície do sítio.

Trabalhos como o de Baker (1978)¹⁰ defendem que os artefatos em superfície não correspondem a todos os tipos de artefatos existentes em um sítio como um todo. Tendo distribuído em uma área artefatos de três tamanhos diferentes de forma uniforme, este autor conclui que a proporção de artefatos maiores na superfície é maior que sua ocorrência no sítio como um todo; concordando com a hipótese *size effect* de House e Schiffer (Baker, 1978). Ammerman e Feldman (1978) defendem a

¹⁰ Diversos artigos acerca desta temática podem ser encontrados nas edições da Revista *American Antiquity* das décadas de 1970 e 1980.

mesma posição e ressaltam que a coleta de superfície não representa uma amostragem aleatória do universo de artefatos em um sítio arqueológico. Ainda, chamam à atenção para o fato de que condições, como variações de luminosidade no sítio assim como a chuva, interferem na coleta dos artefatos.

Pensando esta problemática neste trabalho, lembra-se que a camada arqueológica do sítio onde foram feitas coletas de superfície (Torre 106) não ultrapassa 12 cm de profundidade máxima, o que não o torna propício para este tipo de análise. Ressalta-se também que a coleta foi feita com o auxílio de uma colher de pedreiro alcançando também a sub-superfície e atingindo, portanto, mais da metade da camada de ocupação.

No entanto, outra questão é discutida por autores com o mesmo tipo de preocupação e que pode contribuir mais diretamente para a problemática aqui proposta. Trata-se de um enfoque na dispersão horizontal dos artefatos. Odell e Cowan (1987) realizaram um experimento no qual inseriram no solo, de forma sistemática, artefatos numerados em uma área que costumava ser arada. Medindo a distância que os objetos atingiram partindo do seu local original, os autores concluíram que o arado duplicou a área do sítio, ao mesmo tempo que a densidade dos artefatos diminuía progressivamente com o afastamento da posição original

Os autores não observaram correlação entre o tamanho dos artefatos e a sua dispersão, ao contrário do afirmado por Lewarch e O'Brian¹¹ de que objetos maiores mostravam maior movimentação. Sendo assim, estes últimos sugerem que o estudo de artefatos menores é preferível para distinguir padrões espaciais. A distribuição final dos artefatos é aleatória com uma tendência à uma espaçamento regular. Em relação a direção do movimento horizontal dos objetos, Schiffer (1996, p 131) destaca o trabalho de D. Lewarch e M. O'Brian, que concluem que o maior deslocamento se dá no sentido da direção do arado. O mesmo é constatado por Odell e Cowen (1987) mas estas também ressaltam que a movimentação transversal é também significativa.

Para o estudo espacial dos artefatos no sítio Torre 106, outro fator deve ser levado em consideração, a inclinação do terreno. O fato deste sítio encontrar-se em uma encosta pode afetar a distância do deslocamento dos artefatos pelo arado, conforme observado na área 1 que está localizada em um forte declive. A distribuição

¹¹ Apud Schiffer (1996). Lewarch, D. e O'Brian, M publicaram um artigo no livro **Advances in Archaeological Method and Theory**, v. 4, (pp. 297-342), Academic Press, New York editado por M. D. Schiffer.

dos artefatos nesta área apresentou uma concentração no setor nordeste (Figura A5.1 – Anexo 5) que, por sua vez, não apresenta grande quantidade de objetos em proporção ao total da área. Percebeu-se, assim, que a dispersão dos artefatos atingiu distâncias maiores devido à declividade, que afetou também a zona de concentração de vestígios. Já a área 3 encontra-se em um local um pouco mais plano e foram identificadas duas áreas de concentração de vestígios (Fig. A5.2 – Anexo 5).

No sítio Torre 117, a análise espacial foi feita a partir de duas escavações, portanto em áreas não tão amplas quanto às do sítio anterior. Trata-se de um contexto diferenciado, onde privilegiou-se a coleta de vestígios em áreas onde foram identificadas manchas pretas com maior concentração de material arqueológico (Fig. A5.3 e A5.4 – Anexo 5). Para este sítio, o exercício realizado em laboratório de colagem dos fragmentos cerâmicos foi relacionado com a localização espacial dos mesmos. Na mancha 1 (Figura A5.5 – Anexo 5), ao mesmo tempo que muitas ocorrências de fragmentos colados estavam no mesmo local, há também a ocorrência de deslocamentos de até 7m. Fragmentos colados que se encontravam na mesma quadrícula podem indicar quebras ocasionadas pela atividade do arado. No entanto, a movimentação de artefatos por longas distâncias e com direções variadas, conforme observado principalmente na mancha 1 (Figura A5.6 – Anexo 5) não indica que o único fator responsável pela dispersão tenha sido o arado. Mais adiante nesta pesquisa esta informação será melhor analisada.

Argumenta-se, assim, que nas áreas planas, como é o caso neste sítio, a dispersão do material é menor e sua distribuição mantém o padrão original de deposição dos objetos no solo, pois todo o sedimento é deslocado de forma regular para um dos lados e provavelmente relocado quando o arado passa em direção contrária.

No presente, os arqueólogos coletam este material na mesma lavoura de forma muito precisa e seguindo metodologias científicas. A ação de raspar a terra arada dentro de quadrados perfeitos para coletar objetos que poderiam atrapalhar a atividade do arado não faz sentido nenhum para os agricultores proprietários de terras. Ao mesmo tempo, engenheiros se interessaram em instalar no mesmo local uma torre de transmissão que fez parte de um sistema de linhas de transmissão de energia. Esta construção influencia a atividade do agricultor e possibilita, ao mesmo tempo que intervém, o trabalho do arqueólogo.

Assim, constata-se que a cultura material associada à subtradição Guarani tem sido consumida de diferentes formas ao longo do tempo, não só no passado, referindo-se às atividades de pessoas que habitaram este local, mas também no presente, quando os arqueólogos vêem em um campo arado um potencial para a pesquisa sobre relações humanas passadas. São diferentes tipos de consumo que, tendo em vista objetivos particulares, atribuem diversos significados aos artefatos.

Destas pessoas, os únicos interessados nos objetos deste local são os arqueólogos que, por sua vez, buscam informações sobre outras pessoas que viveram no mesmo local muito antes de este ser uma lavoura e de ser um local potencial para construção de uma torre de transmissão. Entretanto, a forma como serão estudados estes objetos deve levar em consideração as pessoas e as atividades que passaram por este local. Entende-se que, de uma forma ou de outra, e com objetivos diferentes, houve uma interação entre estas pessoas e entre as pessoas e a cultura material. São objetos, pessoas, atividades e histórias relacionadas. Sendo assim, devem também estar presentes no momento da interpretação do arqueólogo acerca do registro arqueológico.

A respeito do papel do arqueólogo, Shanks e Tilley (1992) discutem que esta questão está relacionada ao problema da brecha existente entre sujeito e o objeto de estudo. O arqueólogo usa a ciência arqueológica como um veículo para chegar no passado. No entanto, o arqueólogo sempre estará no presente e, assim, recriar o passado sempre vai envolver aspectos do presente. O estudo da cultura material, a descrição desta e a escrita da sua interpretação acontece no presente. Assim, a arqueologia é a relação entre o passado e o presente mediado por indivíduos, grupos e instituições; é política e é ideológica (Tilley, 1998). Assim, o arqueólogo deve estar consciente do seu contexto no presente, de suas limitações, do lugar a partir do qual está realizando a pesquisa e para quem está escrevendo o seu discurso.

Os objetivos propostos para este trabalho estão situados dentro da produção científica referente à subtradição arqueológica Guarani. São discursos criados a partir do entendimento e interpretação de cada pesquisador acerca da cultura material. Uma vez que o discurso aqui construído está diretamente relacionado ao lugar e ao momento em que está sendo escrito, esta pesquisa tem como objetivo principal entender as relações humanas a partir dos vestígios materiais presentes em dois sítios arqueológicos localizadas no Vale do Rio dos Sinos, RS.

Procurou-se desenvolver neste trabalho algumas temáticas pouco exploradas pelas pesquisas acerca do tema e também aprofundar questões que se considera importantes em termos de contribuição para os estudos dos grupos humanos associados a esta tradição arqueológica. Este trabalho busca estudar a relação da cultura material com as pessoas. Para isso, serão levados em consideração diferentes contextos, sendo um deles a distribuição da cultura material no espaço.

CRIANDO E CONSUMINDO COISAS

II.1 – O CONTEXTO DE CRIAÇÃO

II.1.1 – O processo de manufatura da cerâmica

As principais etapas relacionadas com a manufatura de um artefato cerâmico são a procura e o preparo da argila, as técnicas usadas para a construção da forma da vasilha, os tratamentos de superfície, a secagem, a queima e os tratamentos pós-queima. Para Rye (1981) estas são as operações essenciais para entender a seqüência de produção da cerâmica, são elementos relacionados com a tecnologia e funcionalidade do objeto. Durante a criação deste objeto está presente uma ação que envolve um ou mais indivíduos e a matéria-prima, estando também presentes significados que se remetem a costumes, valores, práticas de um indivíduo com uma determinada história de vida.

Segundo Glassie (1999a), no ato de criação se concentram diversas associações que são sociais e que possuem uma dimensão vertical. Assim, um indivíduo está sozinho fisicamente, mas no momento em que inicia a manufatura de um objeto estão presentes lembranças sobre a técnica de manufatura ou de decoração e acabamento de um objeto, por exemplo. Assim, o autor cita outros contextos além do contexto tecnológico. Há os momentos de concentração, quando o artesão toma algumas decisões acerca da produção do objeto; há também os contextos de aprendizado e ensino, quando o artesão observa alguém mais experiente e, mais tarde, ensina quem o ajuda a criar. Imbricado nestes contextos está o de cooperação, que envolve mais de uma pessoa para a criação. Ainda, no contexto da memória, estão presentes fragmentos da história de vida do indivíduo e na esperança está a função para a qual o objeto foi criado, uma idéia futura que direciona as ações e escolhas presentes no ato da criação.

Desta forma, a partir da análise de objetos estaremos estudando um indivíduo que é também um membro de uma sociedade (Glassie, 1999a). Apenas algumas características desta sociedade ou grupo podem ser conhecidas através do estudo de padrões de elementos, sendo os mais comuns destacados como representantes de uma dada realidade amostral. Não pretende-se aqui identificar todos os tipos de

contextos citados, mas tentar perceber, a partir das etapas de manufatura da cerâmica (e em seguida do lítico), elementos que possam nos indicar a interpretação de alguns significados.

Os artefatos cerâmicos coletados nos sítios T.106 e T.117 são fragmentos de vasilhas, tendo sido identificadas bordas, corpos e bases e também restos de argila descartados durante a manufatura (exemplo do sítio T.106 na Fig. A7.1 – Anexo 7). Correspondem a um total de 941 para o sítio T.106 e 1173 para o T.117. Na tabela A6.1 (Anexo - 6) pode-se observar a frequência de cada tipo de fragmento nos sítios. Nestes a frequência dos corpos é muito maior (81,4% e 79,4% respectivamente), o que é compreensível devido à sua maior área se pensarmos em uma vasilha como um todo. As bases foram muito difíceis de serem identificadas uma vez que os artefatos estavam muito fragmentados. As bordas são o segundo tipo mais frequente (12,6% e 14,7%) e mais fáceis de serem identificadas. O refugo de argila apresentou-se em uma porcentagem pequena: são pedaços de argila com a forma cilíndrica ou roletes amassados e queimados.

A preparação da argila para ser transformada em uma vasilha implica na tomada de algumas decisões, relacionadas tanto ao desempenho técnico do artefato em mente como a escolhas particulares do, por exemplo, acabamento final da superfície da vasilha. Em ambos momentos, está presente a lembrança do aprendizado da ceramista¹² que observou e ajudou outras pessoas a fazer vasilhas. Na preparação da argila, podem estar envolvidas mais de uma pessoa, desenvolvendo atividades como de coleta e transporte da matéria prima e do tempero, assim como de limpeza e preparação da argila em uma massa plástica o suficiente para a modelagem dos roletes.

O tempero é um elemento que tem como função deixar a argila menos plástica e, portanto, mais fácil de trabalhar (Rye, 1981). Outras funções práticas do tempero, segundo Shepard (1957) são permitir que a água escape das partículas de argila facilitando a secagem uniforme e diminuindo o risco de quebra, pois reduz a tensão e regula o encolhimento da cerâmica durante a secagem e queima. Além disso, a alta concentração de tempero associado à queima da cerâmica em baixas temperaturas resulta em uma vasilha muito dura e com alta resistência à choque térmico. Sheppard (1957) e Tite *et al.* (2001) também destacam que o tempero pode aumentar a

¹⁰ A ceramista será aqui sempre referida no feminino, tendo em vista trabalhos sobre os grupos Guarani e outros grupos do tronco linguístico Tupi (La Salvia e Brochado, 1989; Monticelli, 1995; Landa, 1995; Silva, 2000).

tenacidade da cerâmica, que seria mais frágil se constituída somente por uma massa de argila homogênea. Outro fator é a redução no peso, que foi observado em laboratório durante a análise.

Dois tipos de tempero foram identificados nos fragmentos dos sítios, a areia e o caco moído. Em relação à areia, não é possível identificar se esta foi adicionada à pasta se ou já estava presente na argila, tornando-a naturalmente plástica. No sítio T.106, o caco moído esteve presente em 95,3% dos fragmentos analisados e no sítio T.117, em 94,6%. A alta frequência deste elemento adicionado à argila indica uma escolha comum entre as pessoas que habitaram estes lugares e pode estar relacionado a aspectos vantajosos do ponto de vista tecnológico.

Durante a análise microscópica em lupa binocular da cerâmica também foram observados elementos que estão naturalmente presentes em cada tipo de argila; estes são chamados de inclusões. As inclusões são um indicativo da composição das argilas e podem fornecer informações acerca dos diferentes locais de coleta de extração de matéria-prima. As inclusões observados nos fragmentos foram a hematita, o quartzo, a mica, o feldspato e restos vegetais. Nos dois sítios, a grande maioria dos fragmentos apresenta todas as inclusões menos os restos vegetais. Estes aparecem com muita frequência nos depósitos de argila, mas nem sempre podem ser identificados na pasta da cerâmica, pois desaparecem com a queima.

Tabela 2.1 – Porcentagem de diferentes combinações de inclusões observadas em fragmentos de cerâmica coletados nos sítios T.106 e T.117.

| Inclusões | T 106 N= 935 | T 117 N= 1161 |
|--|-------------------------|--------------------------|
| Hematita, quartzo, mica e feldspato | 98,3 | 94,2 |
| Hematita, quartzo, mica, feldspato e restos vegetais | 1,0 | 1,0 |
| Outras 6 combinações contendo hematita | 0,1 | 2,3 |
| Outras 5 combinações sem hematita | 0,0 | 1,6 |

O sítio T.117 apresenta um maior número de combinações de inclusões na pasta que o sítio T.106. A partir deste dado poderia ser sugerido que os grupos que ocuparam o primeiro sítio buscaram um maior número de argilas diferentes para a manufatura das vasilhas. No entanto, para um estudo como este seria indispensável a análise mais aprofundada dos depósitos de argila nas redondezas dos sítios para

entender até que ponto esta variação realmente é significativa. Optou-se por não se aprofundar neste tipo de análise. O objetivo da tabela acima é mostrar a frequência das inclusões entre os fragmentos analisados e chamar a atenção ao potencial do estudo da variação da composição das argilas para se pensar nas possibilidades de futuras análises relacionadas com a captação de recursos.

Uma vez preparada a massa de argila, a vasilha pode adquirir forma através de diferentes técnicas. A técnica mais comum observada nos sítios foi a sobreposição de roletes em 97,3% no T.106 e 97,5% no outro sítio. Esta técnica foi observada no tipo de quebra dos fragmentos, que acompanhavam a forma de um rolete. Os roletes também podem ser usados para formar a base ou ser adicionados a uma base feita através de outra técnica, como o modelado (Sinopoli, 1991). Conforme as paredes do vaso são formadas e vão secando, a superfície dos roletes deve ser mantida plástica para melhor adesão com o próximo rolete. A união dos mesmos é importante para não se transformarem em centros de fragilidade, causando a quebra da vasilha tanto nos processos de secagem e queima como ao longo do uso. A técnica de modelagem foi também observada, mas não supera 2% dos casos dos fragmentos analisados em ambos sítios. Percebeu-se o uso destas duas técnicas em alguns casos onde os fragmentos de base eram grandes o suficientes para observar-se a junção de roletes a uma base modelada, o que a deixaria mais forte.

Quanto às vantagens da técnica de superposição de roletes, Sheppard (1957) destaca que, com ela, a espessura das paredes do vaso ficam mais uniformes desde o início e ela permite o uso de uma argila menos plástica do que é preciso quando a vasilha é modelada a partir de uma massa inicial. Pode-se associar, assim, a escolha desta técnica com a maior presença do tempero que, conforme já apontado, diminui as chances de fratura da cerâmica. A variação na espessura dos fragmentos analisados é demonstrada na figura abaixo e está diretamente relacionada com o tamanho das vasilhas. No entanto, existe também uma variação de espessura em vasilhas desde a base, geralmente mais espessa, até a borda. Os dois sítios apresentaram uma grande variação na espessura e o sítio T.106 possui uma variação de 0,6 a 0,8cm e o sítio T.117 de 0,7 a 1,0cm.

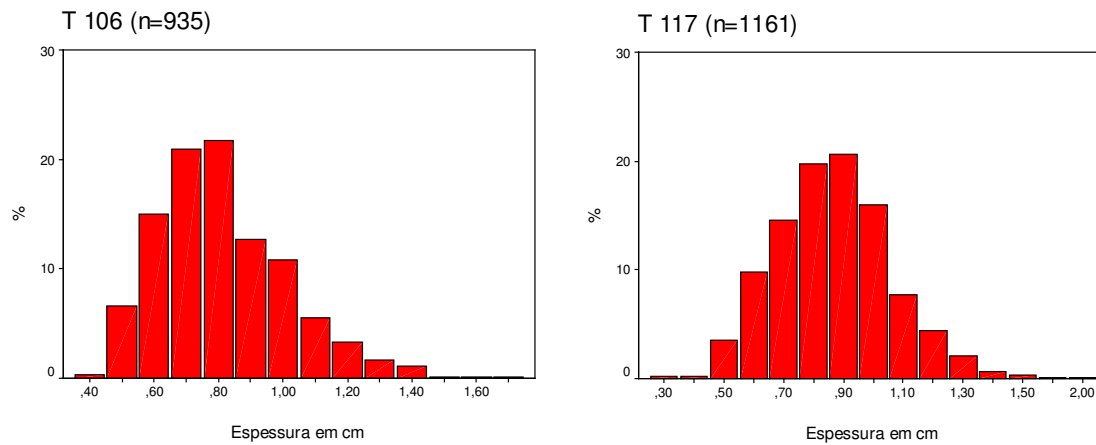


Fig. 2.1 – Variação observada na espessura dos fragmentos de cerâmica dos sítios T.106 e T.117.

A ação de superposição de roletes é um ato individual. No entanto, a ceramista segue trabalhando de acordo com a sua experiência de vida que, ao mesmo tempo, está associada a um grupo de pessoas com as quais ela se identifica. Conforme a vasilha vai sendo formada, há também uma preocupação com as superfícies externa e interna da vasilha. A ceramista pode provar a argila (Monticelli, 1995), consumindo o seu próprio trabalho e fazer o alisamento da superfície com a saliva (Silva, 2000). A junção dos roletes deixa marcas dos dedos e das unhas da ceramista na vasilha que poderá, também, ser trabalhada em um acabamento superficial mais refinado quando a vasilha já está formada.

O tratamento de superfície é o acabamento final da vasilha, tanto na sua superfície interior quanto exterior, e pode estar associado à escolhas tecnológicas, conforme coloca Schiffer *et al.* (1994). Estes autores propõem que os tratamentos de superfície também podem afetar a resistência ao choque térmico de potes de cerâmica usados para cozinhar. Vasilhas com superfícies interiores permeáveis não racham porque a temperatura média ao longo da espessura da parede é menor, o que dá um gradiente termal menor na superfície e, portanto, uma tensão menor que os potes com impermeabilizante. Sugerem também que uma textura profunda pode aumentar a resistência ao choque térmico e reduzir a fratura térmica em vasilhas que vão ao fogo.

Além de nos dar informações que podem estar relacionadas ao desempenho técnico da vasilha durante o seu uso, o tratamento de superfície é visto como um ato individual. Com isto, pretende-se chamar a atenção ao fato de que uma ação como a de junção dos roletes com a polpa do dedo (corrugado) não resulta visualmente em corrugações exatamente iguais, assim como as incisões de unhas não possuem o

mesmo tamanho e não estão distribuídas na superfície da mesma forma, e as linhas de pintura dependem do gesto da artesã, como pode ser observado nos exemplos de tratamentos de superfície externa de fragmentos dos sítios T.106 e T.117, figuras A7.1 e A7.2 (Anexo 7). La Salvia e Brochado (1989) já chamavam a atenção a estas variações quando procuram criar uma metodologia que separa diferentes tipos de corrugado, espatulado e ungulado, assim como as diferentes interações entre os tipos de tratamentos de superfície. Para este trabalho, o acabamento superficial estará sendo referido em termos gerais, tendo como base a metodologia proposta por estes autores, que desenvolveram um extenso e único trabalho sobre a cerâmica Guarani. Este livro certamente é uma referência para os trabalhos acerca desta temática e serviu de apoio durante toda a análise aqui efetuada. Aqui também foram observadas diferenças estilísticas ilustradas como exemplos nas figuras A7.1 e A7.2 (Anexo 7) que se remetem à artesã como um indivíduo com características particulares que vão estar presentes na cerâmica por ela produzida.

Os tratamentos de superfície plástica aplicados às vasilhas observados nos sítios foram: o corrugado, que está relacionado com a ação de juntar os roletes com a polpa do dedo; o corrugado-ungulado no qual, através do mesmo movimento estão presentes também as marcas das unhas, e o ungulado, que é a aplicação de marcas das unhas em uma superfície alisada, ou mal alisada. Uma vasilha alisada é freqüentemente referida como 'sem decoração', no entanto reconhece-se que o alisamento requer tanta atenção e esforço para deixar a superfície homogênea quanto qualquer outro tipo de tratamento plástico. O alisamento realizado nas vasilhas destes sítios foi freqüentemente efetuado após a ação do corrugamento, e pode ter sido feito com os dedos ou com o auxílio de um instrumento. Também foi observado nos fragmentos o tratamento superficial 'mal alisado' no qual praticamente foram eliminadas somente as saliências do corrugado, sem deixar a superfície homogênea.

Destaca-se ainda que os fragmentos em geral estavam com a superfície muito desgastada (observado principalmente no corrugado). Estas marcas não foram associadas à ação do arado porque o desgaste está presente na superfície externa e não no fragmento como um todo. Assim, este desgaste pode estar relacionado com o uso intenso, envolvendo ações como contato de vasilhas usadas no fogo ou manipulação das mesmas no uso diário.

Pensando na proposta colocada por Schiffer *et al* (1994), poder-se-ia relacionar o tratamento corrugado, que aparece predominando em ambos sítios estudados, com

uma escolha tecnológica, uma vez que o caco moído também predomina. No entanto, é necessário relacionar também estes tratamentos de superfície com a funcionalidade das vasilhas, uma relação que envolve tanto os contextos de criação como de consumo e que é discutido mais tarde no subcapítulo sobre a comunicação. O segundo tratamento de superfície plástico mais freqüente nos sítios é o alisado, seguido pelo ungulado no T.106 e pelo corrugado-ungulado no T.117, conforme observa-se na Figura 2.2 abaixo.

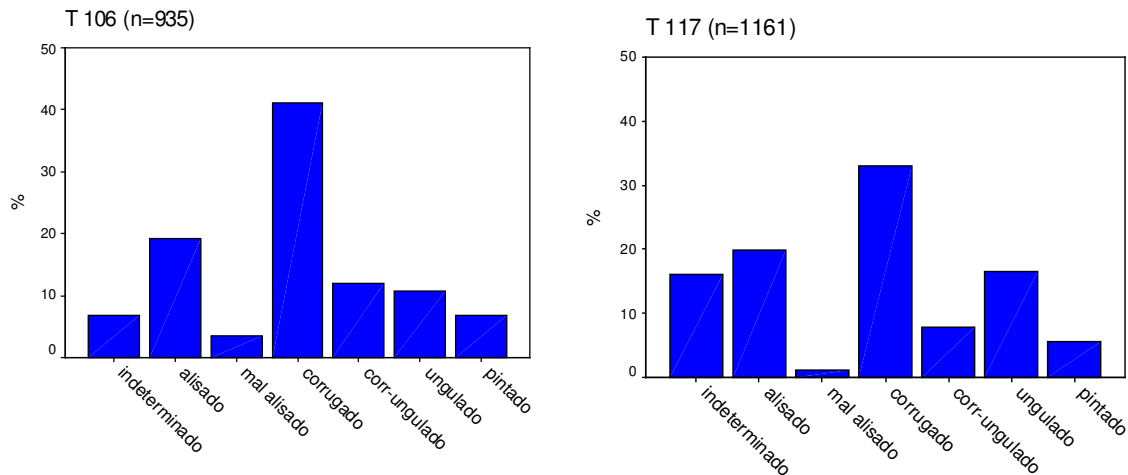


Fig. 2.2 – Freqüências em porcentagem dos diferentes tipos de tratamento de superfície da cerâmica nos sítios estudados.

A pintura, junto com o ‘mal alisado’ são os tratamentos de superfície menos comuns nos sítios. Ressalta-se que um número considerável de fragmentos foram classificados como indeterminados devido ao seu tamanho, que não possibilitou a visualização do tratamento da superfície, assim como também porque alguns estavam erodidos e quebradiços provavelmente devido à ação do arado.

Posteriormente ao alisamento da vasilha, La Salvia e Brochado (1989) colocam que é freqüente também a aplicação de banhos. Estes são revestimentos superficiais de diferentes espessuras, que provêm de um caldo de argila em suspensão na água. Esta aplicação é feita antes da queima e geralmente existe como base para a pintura, principalmente na parte interna das vasilhas. Esta técnica foi observada em alguns fragmentos pintados, quando a coloração da argila do banho diferenciava-se da coloração da pasta, tendo sido classificada como pintura vermelha. No entanto, em

geral foi muito difícil a identificação dos banhos. Conforme discutido por J. M. Skibo¹³ muitas vezes é difícil diferenciar o banho do alisamento refinado, pois este último acaba apresentando as características de uma argila sem inclusões ou temperos, uma vez que estes são empurrados para o interior da pasta com a ação do alisamento através a umidificação da superfície. Segundo La Salvia e Brochado (1989), a aplicação do banho ou barbotina acaba fechando as lacunas deixadas pelo alisamento, dando mais resistência à parede. O banho também diminui a porosidade e, conseqüentemente, aumenta a impermeabilidade e dá maior resistência à ação de elementos utilizados na mistura ou contenção de alimentos.

Nos fragmentos analisados destes sítios, a pintura apareceu tanto internamente como externamente. Os fragmentos, em geral, estavam muito desgastados, sendo poucas as situações em que se pôde identificar alguma linha, quanto mais motivos de pinturas. Além disso, é importante destacar que muitos dos fragmentos alisados poderiam ter sido também pintados e, ao longo do tempo e sofrendo processos de intempérie e do arado, a pintura pode ter desaparecido. O resultado da análise dos fragmentos com pintura apresentados nas tabelas 2.2 e 2.3 abaixo, mostra o pouco de informações que se pôde observar nos fragmentos. Apresentam-se como freqüentes as pinturas sem traços, talvez porque estes podem também ter desaparecido com o tempo. Isto pode ser constatado através da maior quantidade de pintura branca sem faixas ou linhas tanto externa quanto internamente e que deveria ter tido algum traço de pintura vermelha ou preta, pois esta raramente aparece sem motivos (La Salvia e Brochado, 1989).

¹³ Comunicação pessoal durante o *Workshop de Análise Cerâmica: Tecnologia e Função* ministrado por James M. Skibo, Porto Alegre, UFRGS, dezembro de 2004.

Tabela 2.2 – Relação entre as pinturas externas e interna: número de fragmentos observados no sítio T.106.

| PINTURA EXTERNA | PINTURA INTERNA | | | |
|-----------------------------|------------------------|-----------|-----------------------|------------|
| | Branco | Vermelho | Alisado (sem pintura) | Total |
| Branco | 1 | 2 | 35 | 38 |
| Branco e faixa vermelha | 0 | 0 | 2 | 2 |
| Branco e vermelho | 0 | 0 | 2 | 2 |
| Traço vermelho sobre branco | 0 | 1 | 6 | 7 |
| Vermelho | 0 | 2 | 0 | 2 |
| Alisado | 6 | 6 | 179 | 191 |
| Total | 7 | 11 | 224 | 242 |

Tabela 2.3 – Relação entre as pinturas externas e interna: número de fragmentos observados no sítio T.117.

| Pintura externa | PINTURA INTERNA | | | | Total |
|-----------------------------|------------------------|-----------|-------------------|-----------------------|--------------|
| | Vermelho | Branco | Branco e Vermelho | Alisado (sem pintura) | |
| Vermelho | 0 | 0 | 0 | 2 | 2 |
| Branco | 0 | 1 | 0 | 36 | 37 |
| Branco e faixa Vermelha | 0 | 0 | 0 | 2 | 2 |
| Branco e vermelho | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| Traço vermelho sobre branco | 0 | 0 | 0 | 7 | 7 |
| Preto | 0 | 0 | 0 | 2 | 2 |
| Traço branco sobre alisado | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| Alisado | 1 | 10 | 1 | 230 | 242 |
| Total | 1 | 11 | 1 | 281 | 294 |

A preocupação na diferenciação de acabamentos de cunho prático e artístico tem sido associada à uma discussão acerca da presença ou não de intenções decorativas na cerâmica. Assim, as vasilha pintadas, por apresentarem um acabamento mais refinado, traços mais delicados e nenhuma função produtiva (salvo os banhos e a aplicação de resinas), são freqüentemente referidas como vasilhas decoradas. Neste trabalho será usada esta proposição, pois a relação destas vasilhas com enterramentos e bebidas rituais já foi mencionada (La Salvia e Brochado, 1989), o que indica uma intencionalidade associada a aspectos simbólicos de uma sociedade. No entanto, ressalta-se também que o corrugado já foi considerado como um

tratamento de superfície difícil de ser efetuado (Schiffer *et al*, 1994), assim como o alisamento sem pintura. Além disso, o unglado, uma vez que é uma aplicação feita à vasilha após o alisamento, poderia ser associado, também à uma intencionalidade estética.

Segundo La Salvia e Brochado (1989), o acabamento de superfície é um elemento que foi mentalizado pelo artesão e cujo desenvolvimento é inerente ao processo produtivo. Assim, os tipos de acabamento internos ou externos possuem uma finalidade. Alguns diferentes tratamentos de superfície aqui descritos provêm de uma ação tecnológica de junção dos roletes, como o corrugado e o corrugado-unglado. No entanto, não procura-se aqui fazer uma diferenciação entre tratamentos artísticos e práticos, mas propor que estes estão imbricados. Defende-se que, ao mesmo tempo que ele satisfaz exigências técnicas relacionadas por exemplo à cocção de alimentos, reflete também um outro tipo de intencionalidade, relacionada à uma preocupação estética ou de costume dentro de um determinado grupo. Neste aspecto podemos relacionar, então, o consumo com finalidades funcionais do acabamento da cerâmica com a criação, momento inventivo e carregado de significado.

As últimas etapas tecnológicas de manufatura de uma vasilha, seguindo a proposta de Rye (1981), são a secagem, queima e o tratamento pós-queima. Não foi constatado nenhum tipo de tratamento aplicado à superfície da vasilha após a queima nos fragmentos dos sítios estudados. A queima das vasilhas, dispostas individualmente ou em grupos, envolve também a coleta de combustível e a manutenção da fogueira. Estas ações podem indicar a presença de outras pessoas além da artesã que manufaturou a vasilha. É comum estarem presentes também fragmentos de outras vasilhas que quebraram para auxiliar na acomodação e contenção de calor (Sinopoli, 1991).

Observando em laboratório a seção dos fragmentos, é possível entender um pouco sobre como estavam sendo queimadas as vasilhas. A presença de oxigênio na atmosfera de queima é representado por uma camada clara, podendo estar presente tanto na superfície externa quanto interna da vasilha; o fragmento possui uma pasta com cor clara homogênea quando a oxidação foi completa. A queima reduzida, representada por cores escuras (geralmente preto) em toda a seção do fragmento, indica que as vasilhas foram cobertas por combustível – folhas ou madeira – impedindo a entrada de oxigênio.

Conforme pode ser observado na tabela abaixo, as queimas incompletas das vasilhas dos sítios T.106 e T.117 são freqüentes, o que é comum quando se usa fogueiras abertas. Observa-se também que a oxidação interna esteve raramente presente nos fragmentos, o que pode indicar que as vasilhas estavam sendo queimadas emborcadas. Esta é, no entanto, somente uma suposição, uma vez que outros fatores devem ser considerados neste tipo de análise, como a queima de fragmentos usados para acomodar as vasilhas nas fogueiras. No sítio T.106, a maioria das vasilhas possuiu uma queima completa oxidante e no sítio T.117, as vasilhas com oxidação completa e oxidação externa foram as mais comuns. A tabela abaixo foi elaborada com base no modelo de Orton *et al.* (1993) que organiza um esquema de cortes transversais nos fragmentos mostrando as variações na queima dos núcleos.

Tabela 2.4 – Porcentagem dos diferentes tipos de queima observados nos fragmentos dos sítios:

| Tipos de queima | T.106 (n=935) | T.117 (n=1161) |
|----------------------------|---------------|----------------|
| Oxidação completa | 41,7 | 29,6 |
| Oxidação externa e interna | 17,7 | 19,0 |
| Oxidação externa | 21,9 | 35,5 |
| Oxidação interna | 2,6 | 4,6 |
| Redução | 14,4 | 10,7 |
| Indeterminado | 1,3 | 0,6 |

A queima das vasilhas, momento em que os minerais da argila são transformados em material cerâmico, deve atingir no mínimo uma temperatura de 600°C para que as mudanças químicas e físicas aconteçam (Orton *et al.*, 1993). A temperatura de queima influencia na tenacidade e na resistência da cerâmica. Temperaturas altas e pouca concentração de tempero resultam em vasilhas fortes, mas não muito tenazes. Vasilhas tenazes e com alta resistência a choques térmicos devem ser queimadas em baixas temperaturas e com muito tempero adicionado à argila. Estas constatações feitas por Sinopoli (1991) e Tite *et al.* (2001) possuem também, como coloca a primeira autora, uma conseqüência: a cerâmica apresenta alta porosidade e permeabilidade e redução da capacidade de concentração de calor.

Um dos principais usos das vasilhas é a sua colocação sobre o fogo, para cozinhar e torrar alimentos. Assim, a reação da cerâmica ao calor do fogo é um elemento importante que deve ser pensado durante as escolhas de criação de uma vasilha. A resistência ao choque térmico é a capacidade da cerâmica de resistir às variações de temperatura e tem sido considerada um aspecto determinante dentro das escolhas tecnológicas do artesão (Tite *et al.* 2001; Schiffer *et al.* 1994) ao contrário da força e da tenacidade. Quando uma cerâmica entra em contato com o calor ela se expande, e por ser má condutora de calor, a sua porção exterior se expande mais rápido que a interna, causando rachaduras e quebra (Rye, 1981 e Sinopoli, 1991). As alternativas de um(a) artesão(a) para aumentar a resistência ao choque térmico de vasilhas usadas para cozinhar são a composição da argila, a composição, quantidade e formato das partículas de tempero, a espessura das paredes, o tamanho e formato da vasilha, e a temperatura de queima (Schiffer *et al.*, 1994).

A preparação da argila e separação do tempero estão relacionados com aspectos da criação (a plasticidade, o ato de fazer roletes, fazer a forma e juntar os roletes) assim como de consumo, associado ao desempenho técnico das vasilhas. As características dos fragmentos aqui analisados podem indicar uma preocupação com a resistência da vasilha à mudanças de temperatura, pois foi observado a presença de caco moído na maioria dos fragmentos e a grande possibilidade de queima com temperaturas baixas devido ao uso de fogueiras abertas. No entanto isso pode fazer também com que as paredes fiquem porosas. Esta propriedade seria vantajosa no caso de vasilhas usadas para armazenar água que, em climas quentes, acaba esfriando através da permeabilidade da vasilha (Rye, 1981).

A criação de uma vasilha e as escolhas implicadas na sua manufatura estão, assim, relacionados com o seu uso. Através do uso as vasilhas são consumidas porque contém alimentos. Ao mesmo tempo, as vasilhas pintadas não são associadas ao cozimento dos alimentos, um tipo de informação que comunica acerca do seu uso e que faz com que a vasilha seja consumida a partir de outra perspectiva. Assim, criação e consumo estão sempre relacionados, e é através da comunicação destas etapas que são discutidos os seus significados.

II.1.1 – A criação de artefatos líticos

Da mesma forma que se cria uma vasilha cerâmica, a apropriação de matérias-primas líticas para a sua transformação em artefatos ou o seu aproveitamento natural para o uso está relacionado com costumes e práticas de um grupo de indivíduos. O contexto de criação, assim, implica na transformação de uma matéria-prima - seja ela a argila ou as placas de basalto - em um artefato. Este, por sua vez, vai ter implicações práticas e simbólicas na vida das pessoas.

Observando o material coletado nos sítios, pode-se perceber a presença de diferentes tipos de matéria-prima lítica que foi levada ou que já estava presente nestes locais. Algumas foram trazidas de longe, com objetivos específicos em mente, outras foram utilizadas a partir do que se tinha disponível no lugar.

Pretende-se entender de que forma a cultura material representada por vestígios líticos coletada pode ser interpretada dentro da proposta de criação, comunicação e consumo de Glassie (1999a). A criação está, assim, relacionada à modificação intencional de rochas e seixos para o seu uso. Diferentemente da criação de vasilhas cerâmicas, que são manufaturadas a partir da combinação de elementos, a tecnologia lítica é subtrativa, onde um núcleo lítico é modificado pela retirada de outros pedaços com tamanhos e formas diversas (Andrewsky, 1998).

Através da junção de elementos em um ato criativo, são manufaturadas as vasilhas que conterão alimentos. A cerâmica é, assim, um recipiente para o processamento de alimentos no fogo. O alimento, adicionado ao interior da mesma, apresenta-se em diferentes etapas de processamento, sendo escolhidas vasilhas para cozinhar, transportar, conter ou servir estes alimentos. Já a criação de artefatos líticos possui o objetivo de transformar outros objetos ou matérias-primas. Eles, por sua vez, são transformados pela subtração e modificam vegetais, rochas, alimentos, peles através do corte, raspado, amassamento etc. Dentro da criação estão implicados também, conforme já comentado para a cerâmica, contextos de concentração, aprendizado e cooperação. São aspectos a serem levados em consideração na manufatura destes artefatos.

Para Andrewsky (1998), o objetivo da classificação de artefatos líticos é uma esquematização dos dados com funções descritivas. Assim, a classificação reduz muitas variáveis em unidades que facilitam a comunicação. Certamente estas

unidades são escolhidas levando em consideração os objetivos da pesquisa em andamento. Além disso, o autor ainda coloca que a classificação também facilita a comparação e é uma forma de pensar questões mais gerais a partir do questionamento das fontes. As idéias de Andrews (1998) foram usadas neste trabalho para melhor entender as etapas de lascamento que produziram a cultura material lítica dos sítios T.106 e T117. Em comparação aos vestígios cerâmicos, a quantidade de vestígios líticos é muito menor. Na tabela A6.2 (Anexo 6) está a quantificação geral dos tipos de artefatos encontrados em ambos sítios. Tratam-se de um núcleo, alguns instrumentos, percutores, fragmentos térmicos e lascas. Além disso, também foi identificada uma placa de arenito friável com polimento e pequenas rochas de hematita.

Acerca da história de vida de um objeto lítico, Prous (2004) considera que este foi primeiramente pensado, para depois ser procurada a matéria-prima para a sua manufatura ou uso desta no seu estado bruto. Durante a sua fabricação, podem ser utilizados diferentes tipos de técnicas, lascamento, picoteamento ou polimento. Estas etapas dizem respeito à criação de um artefato, onde estão presentes escolhas de um indivíduo e costumes de um grupo de pessoas à qual ele pertence.

As matérias primas utilizadas para a produção destes artefatos foram variadas e devem ser entendidas levando em consideração a formação geológica da região onde se encontram os sítios no Estado; de forma geral nos patamares do Planalto Sul-Rio-Grandense (IBGE, 2006a e 2006b). Esta região de encosta Fig. A1 (Anexo 1) compreende tanto o Planalto basáltico quanto as regiões mais baixas da Depressão Central, com terrenos sedimentares, e a Planície Litorânea, com formação mais recente (Quaternário) englobando um complexo de lagunas e restingas formadas pela acumulação de sedimento (Arend, 1992). Os sítios, por se localizarem em áreas mais altas, estão implantados em região de derrame basáltico - a Formação Serra Geral - sobre o arenito com formação de características desérticas e clima seco - a Formação Botucatu: "(...) As condições paleoclimáticas, associadas aos sucessivos derrames, resultam em um pacote sedimentar, intercalado de camadas de arenito e basalto. (...)” (Arend, 1992, p. 32).

Assim, o basalto pode ser coletado na região dos sítios tanto nas áreas mais altas, em afloramentos rochosos, como em áreas mais baixas, junto ao leito dos rios na forma de seixos. A topografia acidentada desta área de encosta caracteriza-se por pequenos morros que formam vales onde escorrem sangas e olhos d'água. Além

disso, nas áreas mais baixas estão os arroios, como é o caso do Arroio do Carvalho, passando na porção norte dos morros onde os sítios estão implantados - Fig. A1 (Anexo 1).

Está também presente a disponibilidade de coleta de arenito friável e silicificado em função da formação Botucatu. O primeiro está em regiões mais baixas e o segundo foi formado pelo contato das camadas de arenito e basalto, característica da situação presente em algumas regiões do Planalto. Junto aos afloramentos de basalto também podem ser encontrados o cristal de quartzo e a calcedônia, que aparecem tanto em afloramentos causados pela erosão do basalto como nos leitos de arroios, onde os cascalhos de basalto desprendidos rolam e perdem as suas arestas.

A seguir serão demonstrados os artefatos de ambos sítios arqueológicos modificados para o uso, que se inserem no contexto de criação, sejam eles lascas desprendidas de núcleos, refugos de lascamento, percutores ou instrumentos.

Núcleo

Conforme já comentado, a matéria-prima utilizada para o lascamento nestes sítios está presente tanto na forma de rochas presentes em afloramentos como em seixos provenientes de rios. A matéria-prima a partir da qual são retiradas lascas para a sua transformação em artefatos ou utilização das lascas com fios cortantes são chamadas de núcleos.

O único núcleo encontrado foi no sítio T.117. Trata-se de um seixo grande de basalto (tamanho máximo de 13,7 cm, Figura A10.1 – Anexo 10)¹⁴ a partir do qual foram retiradas lascas para a sua utilização. Neste núcleo, foram aproveitados os ângulos favoráveis para a retirada sucessiva de lascas, o que resultou em uma variedade de plataformas de percussão. A presença de córtex neste núcleo é de 25 a 50% na sua superfície. O córtex é a camada irregular de composição e textura heterogênea presente na superfície dos nódulos de sílex, assim como a camada de alteração que se forma sobre a superfície de uma rocha exposta à intempérie antes da intervenção humana (Prous, 2004).

¹³ Os desenhos do material lítico foram realizados em tamanho natural, sendo posteriormente reduzidos para a apresentação neste trabalho.

Debitagem

A debitagem inclui todas as lascas retiradas de um núcleo lítico que foram descartadas e/ou não usadas (Andrewsky, 1998). São o resultado do trabalho de uma matéria-prima, como o basalto, para a confecção de instrumentos. Muitas vezes as lascas são retiradas e elas mesmas usadas como instrumento, como será melhor explicado no próximo subcapítulo. A debitagem, assim como os instrumentos líticos, podem nos dar informações sobre a forma como o material lítico estava sendo lascado nos sítios. Como resultados do lascamento, são um tipo de cultura material que também remete-se a ações humanas.

No lascamento unipolar, são produzidas lascas com características de um único pólo de percussão. Podem ser usados tanto percutores de pedra como de osso, chifre e madeira. As lascas unipolares identificadas em ambos sítios são de basalto e predominam em termos de tipos de debitagem presentes no sítio T.117 (Tabela 2.5 abaixo).

Outro tipo de lascas presentes são as bipolares. Estas são produzidas também a partir da percussão, no entanto o núcleo é apoiado em um suporte. Isto faz com que as lascas possuam características que se remetem a dois pólos de força, um do percutor e outro da superfície em contato com o suporte. A percussão bipolar não exige um plano de percussão, a técnica não é muito controlada e é freqüentemente utilizada para o maior aproveitamento de núcleos pequenos como os de calcedônia e quartzo, é o caso do material aqui analisado (Tabela 2.5 abaixo).

Segundo Prous e Lima (1986/1990) a vantagem da técnica unipolar é a de permitir um maior controle das lascas através da preparação de plataformas e do aproveitamento da sua forma natural. No entanto, no caso do tamanho pequeno da maioria dos núcleos de quartzo este tipo de aproveitamento não é possível.

Tabela 2.5: Tipos e quantidades de lascas em cada sítio.

| | Sítio T.106 | Sítio T.117 |
|---------------------|-------------|-------------|
| Unipolar basalto | 2 | 27 |
| Bipolar calcedônia | 2 | 0 |
| Bipolar quartzo | 0 | 1 |
| Fragmentos de lasca | 0 | 7 |
| Total | 4 | 35 |

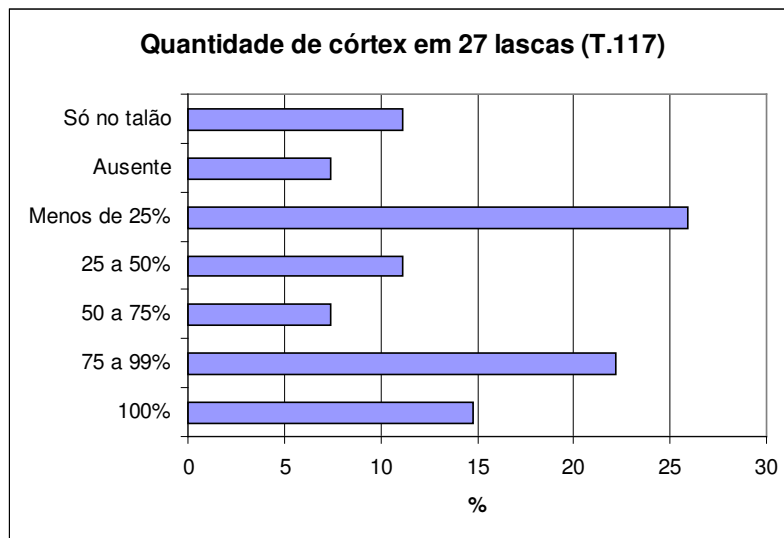
No sítio T.106 foram quantificadas duas lascas bipolares de calcedônia com plataforma cortical rugosa em menos de 25% da peça. Possuem tamanhos máximos aproximados de 3cm. A única lasca bipolar de quartzo identificada no sítio T.117 possui um tamanho máximo de 2cm e de 75 a 99% de córtex. A quantidade de córtex, superfície natural da rocha, pode indicar se o lascamento estava ocorrendo no sítio ou se as lascas e instrumentos estavam sendo trabalhados em outros locais e posteriormente levados para o local onde foram encontrados pelo arqueólogo. As lascas de calcedônia não possuem superfície total cortical, o que indica que poderiam estar sendo lascadas no local de procura de matéria-prima. Pela pequena quantidade de lascas bipolares coletadas nos dois sítios, pouco podemos inferir neste sentido. No entanto, são ainda importantes porque indicam o trabalho de matérias-primas diferentes do basalto, que predomina nos artefatos coletados.

Já as duas lascas unipolares de basalto do sítio T.106 (Tabela 2.3 acima), apresentam córtex rugoso e liso presentes entre 25 e 50% da superfície e tamanhos relativamente grandes, se comparadas às do outro sítio; uma tem tamanho máximo de 4,7cm e a outra de 7,5cm. Ambas possuem mais de duas cicatrizes na face dorsal, o que indica, juntamente com a porcentagem de córtex presente, que não foram as primeiras lascas a serem retiradas de um núcleo.

No sítio T.117, foram identificadas 27 lascas unipolares de basalto, 7 fragmentos de lascamento de basalto e arenito silicificado. Os fragmentos de lasca identificados nos sítios são lascas que não apresentam nenhuma das características das lascas bipolares ou unipolares, fornecendo, assim, pouca informação a respeito das técnicas utilizadas para o lascamento, mas não devem ser desconsideradas. Neste sítio, por exemplo, a presença de somente um fragmento de lascamento de arenito silicificado indica o uso desta matéria-prima, que de outra forma somente seria constatada porque está também presente em um instrumento, conforme será detalhado abaixo.

O tipo de córtex identificado (quando foi possível fazer esta identificação) nas lascas unipolares deste último sítio é o rugoso. Abaixo (Fig. 2.3) está apresentada a quantidade de córtex presente na superfície destas lascas.

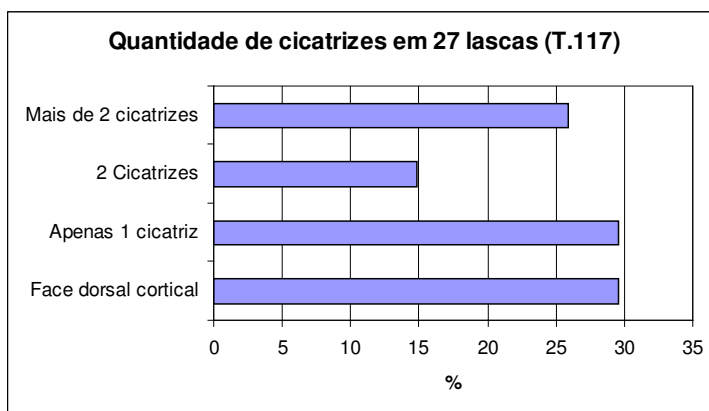
Fig. 2.3 – Presença em percentagem da superfície de córtex nas lascas unipolares (sítio T.117)



A partir deste gráfico pode-se observar a presença de todas as categorias estabelecidas, predominando as pequenas quantidades (menos de 25%) e grandes quantidades (75 a 99%). Durante o lascamento dos blocos de matéria-prima, em geral, as lascas corticais são retiradas e abandonadas antes do lascamento de outras lascas ou lâminas porque o córtex, com exceção do cristal de quartzo, não produz bons planos de percussão - a camada superficial de alteração absorve os impactos e não permite a obtenção de bons fios (Prous, 2004). As informações no gráfico indicam que todos os estágios de lascamento estavam acontecendo neste sítio, tanto os primeiros lascamentos do núcleo, resultando em lascas com superfície dorsal totalmente cortical como lascamentos posteriores primários e secundários, com percentagens intermediárias (75 a 99% e 50 a 75%) e pequenas (25 a 50% e menos de 25%), respectivamente.

Outro dado que a debitagem pode fornecer é a presença de cicatrizes na superfície dorsal das lascas unipolares inteiras. Estas apresentam pouca percentagem cortical, conforme observado abaixo na Fig. 2.4:

Fig. 2.4 – Quantidade de cicatrizes nas lascas unipolares do sítio T.117.



Assim como para o sítio T.106, a presença de cicatrizes indica que estas não são as primeiras lascas a serem tiradas de um ou mais núcleos de basalto. No entanto, neste sítio a presença de lascas, tanto com nenhuma cicatriz, quanto com uma, duas ou mais indica, juntamente com a porcentagem de córtex presente na superfície, que o lascamento de núcleos estava ocorrendo na área do sítio. Isto não exclui, também, a possibilidade de que lascas com cicatrizes sejam decorrência de lascamentos de instrumentos ou de outras lascas trazidas de outros locais.

Instrumentos

Serão aqui denominados 'instrumentos' todos os artefatos que foram modificados pela alteração intencional da sua forma e que mostram sinais de modificação como resultado do uso (Andrewsky, 1998).

No sítio T.106 foi encontrado somente um instrumento. Trata-se de uma lasca unipolar de seixo de basalto com entre 25 e 50% de córtex rugoso na superfície dorsal. A plataforma é lisa, o que indica a sua retirada a partir de um seixo já trabalhado. Foram observados lascamentos bifaciais (Fig. A10.2 – Anexo 10) neste instrumento para a formação de um gume. O tamanho máximo deste artefato é de 10cm e 4cm de espessura. Também foram identificadas modificações, conforme será melhor tratado no subcapítulo acerca do consumo.

No sítio T.117 foram identificados quatro instrumentos. Um deles é uma placa de basalto com lascamento em uma de suas arestas. É um instrumento que não foi

planejado como os outros, foi utilizado a partir do aproveitamento da forma da rocha natural.

Outros dois instrumentos foram trabalhados sobre lascas. Um deles, Fig. A10.3 (Anexo 10), foi o aproveitamento de uma lasca retirada de um bloco de basalto com córtex rugoso de coloração avermelhada. Este artefato possui dimensão máxima de 8cm e espessura de 1,6cm. É uma lasca cujo gume foi aproveitado naturalmente e que apresenta modificações devido ao uso. Possui entre 25 e 50% de córtex na superfície dorsal e mais de duas cicatrizes, indicando a utilização anterior do núcleo a partir do qual foi retirada esta lasca.

Outro instrumento sobre lasca se deu a partir da retirada desta de um seixo de arenito silicificado. Diferentemente do basalto, para o arenito silicificado não foram encontradas lascas que indiquem o seu lascamento na área do sítio (a não ser por um fragmento de lascamento). Possui tamanho máximo de 13cm e espessura de 2,2cm. Possui grande quantidade de córtex (de 75 a 99%) tendo sido lascado em uma das faces somente o necessário para a preparação de um gume, conforme pode ser visto na Fig. A10.4 (Anexo 10).

O último instrumento identificado neste sítio foi trabalhado a partir de um bloco de basalto com retiradas bifaciais nas margens laterais (Fig. A10.5 – Anexo 10). Possui tamanho máximo de 11,5cm e espessura de 5cm. Apresenta de 50 a 75% de superfície cortical.

Pode-se inferir, a partir dos resultados acima apresentados acerca da debitage nos dois sítios, da presença de um núcleo e dos instrumentos, que houve uma busca por matéria-prima em áreas mais baixas (nos leitos dos rios). A calcedônia para o lascamento bipolar no sítio T.106 e de seixos de basalto que serviram de núcleo no sítio T.117 e base para instrumentos em ambos sítios, juntamente com o seixo de arenito silicificado. Além disso, houve a procura de matéria-prima nos afloramentos de basalto exposto pela erosão, onde também podem ser encontrados nódulos de quartzo. No caso do sítio T.106, foi identificado em campo um afloramento no topo do morro onde este se encontra. A partir dos núcleos com superfície rugosa de basalto, foram retiradas lascas e preparados instrumentos.

Assim, a confecção de instrumentos implica no conhecimento do ambiente circundante. Conforme Ingold (1993), quando um indivíduo age no mundo, ele está conhecendo-o. A escolha tanto de matérias-primas, como de técnicas de lascamento, dependem da formação do artesão como indivíduo dentro de uma sociedade. É dentro

deste contexto que os objetos líticos são criados. O seu consumo, assim como também acontece para as vasilhas cerâmicas, também implica em uma relação ativa da pessoa com o objeto criado, como será discutido a seguir.

II.2 – O CONSUMO DE OBJETOS

II.2.1 – Forma e função das vasilhas

No contexto do consumo, assim como na criação, há uma reunião de outros contextos nos quais os significados dos objetos se consolidam e se expandem em uma seqüência, que inicia na criação, quando o significado do criador acaba influenciado pelo do consumidor (Glassie,1999a). Ressalta-se que em relação aos grupos pré-coloniais, os consumidores são geralmente as mesmas pessoas que criaram os objetos¹⁵. Assim, não encontramos significado somente nas técnicas de manufatura, mas também na forma como foram usadas as vasilhas e os artefatos líticos, pois estas etapas estão inter-relacionadas.

Dentro do consumo, Glassie (1999a) destaca o contexto do uso, onde a reação do consumidor se sobrepõe às intenções do criador. Este contexto é o mais mencionado nas publicações relacionadas à cultura material em termos gerais, pois o uso está relacionado com o propósito da criação do objeto, que freqüentemente refere-se à função de subsistência de uma sociedade. No contexto de preservação, o consumidor reconhece os significados do objeto; é o resultado de um esforço humano, cheio de cuidado e conservação. Na assimilação, o objeto torna-se importante por sua ligação com o seu dono.

O consumo, assim, possui implicações tanto práticas quanto ideológicas, como bem destacam Douglas e Isherwood (2004, p. 39):

Quando se trata de manter uma pessoa viva, a comida e a bebida são necessárias como prestações físicas; mas quando se trata da vida social, são necessárias para ativar a solidariedade, atrair apoio, retribuir

¹⁴ A não ser em casos onde há interação entre diferentes sociedades, possibilitando a troca de objetos.

gentilezas, e isso vale tanto para os pobres quanto para os ricos.

Douglas e Isherwood (2004) ressaltam que o consumo, além de possuir uma importância prática, é uma idéia que deve ser trazida de volta para o processo social, não sendo só o resultado de um objetivo de trabalho. Deve ser reconhecido como parte integrante do mesmo sistema social que explica a disposição para o trabalho, como integrante da necessidade dos indivíduos de relacionarem-se com outras pessoas e como elemento mediador destas relações, como os são a comida, a bebida, a hospitalidade.

A seguir serão apresentados os dados acerca da análise dos fragmentos cerâmicos dos sítios, relacionando-os principalmente com o uso das vasilhas. Outros tipos de consumo estão inevitavelmente ligados com a criação do objeto e serão melhor desenvolvidos adiante, no subcapítulo sobre a comunicação.

Pensando no contexto de uso das vasilhas identificadas a partir dos fragmentos de borda, optou-se por seguir uma metodologia de análise das formas que privilegiasse a funcionalidade, baseado na excelente bibliografia existente para a cerâmica Guarani do sul do Brasil. Trabalhos como os de La Salvia e Brochado (1989), Brochado; Monticelli e Neumann (1990) e Brochado e Monticelli (1994) foram indispensáveis para a análise da cerâmica dentro desta temática.

Os últimos dois artigos, em especial, têm como objetivo fazer uma análise etnográfica e sistematizar as principais formas de vasilhas dos grupos da tradição arqueológica Guarani. Para isso, primeiramente foi feita uma classificação etno-histórica da cerâmica Guarani do séc. XVII a partir das informações de Antônio Ruíz de Montoya¹⁶, sistematizadas no glossário etno-histórico presente em La Salvia e Brochado (1989). Em seguida, foi feita a identificação destas classes entre as vasilhas Guarani arqueológicas inteiras presentes em coleções. Foram estabelecidas regras de proporções entre as partes destas vasilhas, em separado para cada classe. Seis classes de vasilhas, entre as descritas por Montoya, foram identificadas: painéis para cozinhar (yapepó), panelas para cozinhar (ñaētá), pratos para assar beiju (ñamōpyũ), talhas para bebida em geral, especialmente bebidas fermentadas

¹⁶ Montoya, A. R. **Vocabulário y tesoro de la lengua guarani ó mas bien tupi, I: Vocabulário español-guarani (ó Tupi)-español**. Nueva edición: Viena, Faesy y Frick; Paris, Maisonneuve y Cia. 1879 (1640) apud. Brochado; Monticelli; Neumann, 1990.

alcoólicas (cambuchí), pratos para comer (ñaëmbé) e tigelas para beber (cambuchí caquâbá). Com a identificação destas formas, foram estabelecidas regras de proporção para a reconstrução dos perfis de cada classe de vasilhas a partir de fragmentos de bordas encontrados no registro arqueológico.

Os fragmentos de borda coletados nos sítios foram desenhados de perfil e para a reconstrução das formas, as bordas foram orientadas apoiando o arco da mesma em superfície plana. O diâmetro, por sua vez, é inferido através da comparação da concavidade das bordas com círculos concêntricos e com espaçamentos de 2cm. A forma da vasilha é inferida a partir da reconstituição da sua parte superior.

Destaca-se que os desenhos são interpretações feitas a partir da metodologia referida acima, sendo também levadas em consideração as formas desenhadas por Miller¹⁷ para os sítios da tradição Guarani localizados no Vale dos Sinos. A consulta a estes desenhos contribuiu para indicar algumas especificidades das formas encontradas na região, complementando, assim, a metodologia aqui utilizada.

Como referencial para a criação dos desenhos foi utilizada a publicação de La Salvia, Brochado e Naue (1888/1989) a partir da qual criou-se um modelo de representação (Figura A8.1 – Anexo 8). Neste modelo, está indicado o número de catálogo da peça e o diâmetro da abertura, em cm. Os tratamentos de superfície interna e externa foram indicados conforme a legenda, e todos os desenhos foram realizados em tamanho natural, sendo posteriormente reduzidos para a apresentação neste trabalho. O perfil das bordas está orientado com o lado interno para a esquerda e preenchido de preto. Quando o fragmento é pintado ou alisado e a forma apresenta ângulos, estes foram indicados na metade esquerda dos desenhos, dando uma idéia de volume. A seta indica o sentido da reconstituição da forma que foi deduzida pelo tipo de quebra (nem sempre muito clara nos desenhos dos anexos) e inclinação das bordas.

Não foi possível inferir a forma de todas as 172 bordas encontradas no sítio T.106 e das 119 bordas do sítio T.117; nos fragmentos menores que 2cm, não estava clara a indicação da sua reconstituição, tendo sido eles, portanto, excluídos da análise. Além disso, alguns fragmentos desenhados também foram excluídos porque não foi possível inferir sua funcionalidade. Estes fragmentos estão indicados com um ponto de

¹⁷ Foram consultados os desenhos referentes às fases Paranhana e Maquiné, que segundo Miller (1967) foram associadas ao Vale dos Sinos. Estes desenhos não foram publicados, mas estão disponíveis nos arquivos do MARSUL.

interrogação nos desenhos e correspondem a 6 fragmentos do sítio T.106. No entanto, escolheu-se representá-los mesmo assim, porque podem fornecer outros tipos de informação referentes ao tipo de borda e de lábio das vasilhas. A tabela A6.2 (Anexo 6) especifica a quantidade total de fragmentos de bordas presentes nos dois sítios e o número de bordas a partir das quais foi possível inferir a funcionalidade.

As bordas são um elemento diagnóstico para o estudo do consumo dos objetos através do uso. São fragmentos que fizeram parte de uma vasilha inteira, manufaturada no contexto de criação. A escolha dentre diferentes formas, no entanto, foi pensada em função do seu uso que, por sua vez, é associado à observação e à tradição familiar. As ceramistas costumam repetir tratamentos de superfície que acabam tendo características particulares relacionadas ao indivíduo. O mesmo acontece com as formas, que possuem uma tendência geral relacionada à sua funcionalidade, mas apresentam também algumas variações de estilo na inclinação das bordas, tamanho do bojo e acabamento dos lábios.

A fim de entender este universo de vasilhas, o arqueólogo sistematiza as formas, procurando padrões que possam refletir escolhas de uma sociedade e exceções que podem se remeter ao indivíduo. O mesmo foi feito neste trabalho, e a seguir serão mostrados os resultados deste exercício.

Foram definidas seis classes¹⁸ (Fig. 2.5 abaixo) de vasilhas presentes nos sítios T.106 e T.117. As panelas, caçarolas e torrador são vasilhas utilizadas no fogo, para cozinhar e torrar alimentos. A talha armazena água ou líquidos fermentados e os pratos e tigelas são usadas para servir. Optou-se por separar estes últimos em uma classe de pratos e tigelas e outra classe de tigelas pintadas, conforme será melhor detalhado a seguir. Além destas classes, também foram feitas reconstituições que não se encaixam nas formas gerais das classes estudadas e que, devido ao tipo de queima, decoração e espessura foram interpretadas como formas de vasilhas da tradição arqueológica Taquara.

¹⁸ Por classe entende-se o grupo de vasilhas com mesma funcionalidade (La Salvia e Brochado, 1989).

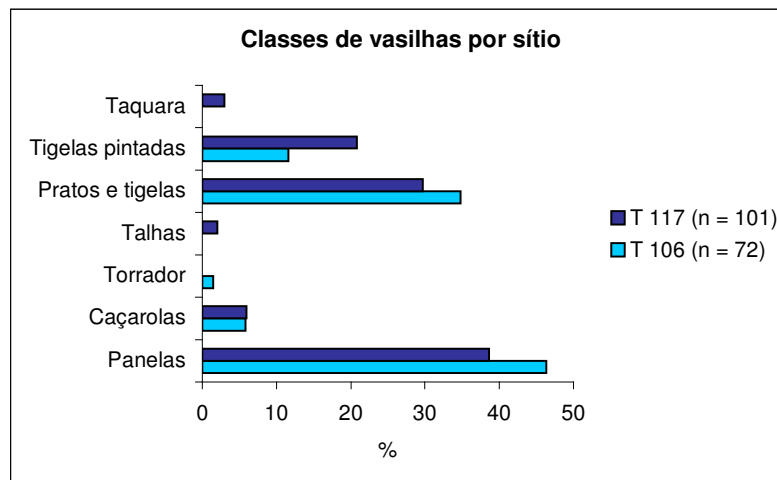


Fig. 2.5: Relação da porcentagem das classes de vasilhas em cada sítio estudado.

A Fig. 2.5 apresenta as classes de vasilhas e suas quantidades em cada sítio estudado; na tabela A6.3 (Anexo 6) estão detalhadas as classes de vasilhas observadas por sítio e por áreas trabalhadas. As panelas foram a classe mais freqüente nos dois sítios, seguida pelos pratos e tigelas. As tigelas pintadas apareceram com menor freqüência tendo aparecido mais no sítio T.117 que no T.106; e as caçarolas foram pouco freqüentes em ambos sítios. Somente foram identificadas uma borda de torrador no sítio T.106 e duas bordas de talhas no sítio T.117. Neste último, também foram identificadas as três formas de vasilhas da tradição Taquara.

Nos Anexos 8 e 9 estão representadas as bordas dos sítios T.106 e T.117, respectivamente. Dentro de cada classe, foram observados tipos diferentes de vasilhas que podem se repetir nos dois sítios e que, apesar de apresentarem algumas variações, foram classificadas como tendo a mesma funcionalidade (Brochado, Monticelli e Neumann, 1990). Para a definição destes tipos, foi levado em consideração em primeiro lugar se as vasilhas são restringidas ou abertas, e em segundo lugar a sua forma geral (Sheppard, 1957) e a inclinação das bordas. Estes critérios, naturalmente, são subjetivos e destaca-se que a preocupação com a definição dos tipos se deu somente com fins ilustrativos, para que fossem mostradas as variações de formas reconstituídas em cada sítio. Para representar cada tipo, foi escolhido o fragmento cuja forma reconstituída melhor representava o conjunto das bordas desenhadas.

Vasilhas que vão ao fogo

São vasilhas manufaturadas com a função de preparar e cozinhar alimentos por fervura sobre o fogo ou de torrar farinha de mandioca e assar beiju. Estas funcionalidades, apontadas por Brochado (1989) quando refere-se a panelas, caçarolas e assadores, estão associadas à dieta alimentar. No entanto, estas vasilhas poderiam ter sido usadas também nos enterramentos (no caso das panelas grandes) e como tampas para as urnas (no caso das caçarolas). As panelas possuem formas restringidas, o que facilitaria a fervura sem o derrame do conteúdo. Já as caçarolas são mais abertas, mas também indicadas para cozinhar. Os torradores são pratos rasos e muito abertos, proporcionando uma ampla superfície em contato com o fogo, própria para torrar o alimento. É interessante também ressaltar que existe a referência ao uso de suportes de cerâmica para calçar a panela no fogo, assim como a colocação de pedras com o mesmo fim (La Salvia e Brochado, 1989, Prous, 1991).

No sítio T.106, as caçarolas (Figs. A8.2 e A8.3 - Anexo 8) estão representadas por vasilhas abertas e restringidas, com tamanhos medianos, paredes infletidas e formas elipsóides. Já no sítio T.117, esta classe (Fig. A9.1 – Anexo 9) está representada somente por vasilhas abertas, também com tamanhos medianos. Todas as vasilhas desta classe possuem tratamento de superfície externa corrugado.

As panelas do sítio T.106 foram divididas em dois tipos, sendo que ambos abarcam vasilhas restringidas de formato elipsóide e ovóide. No primeiro tipo, foram incluídas vasilhas com bordas côncavas e diretas inclinadas para fora (Fig. A8.4 – Anexo 8) e no segundo, fragmentos de bordas côncavas verticais e diretas inclinadas para dentro (Fig. A8.5 – Anexo 8). No sítio T.117, além de terem sido identificadas vasilhas de tipos semelhantes aos do primeiro sítio (Figs. A9.2 e A9.3 – Anexo 9), as bordas compreendem um terceiro tipo restringido e com a forma ovóide (Fig. A9.4 – Anexo 9). Os tratamentos de superfície externa de todos os fragmentos de panelas identificados são o corrugado, o corrugado-ungulado e o ungulado; somente no sítio T.106 (tipo 1) foi encontrado um fragmento alisado. O tipo 1, em ambos sítios, possui grande variedade de diâmetro de bordas, compreendendo desde vasilhas miniaturas até tamanhos grandes. Já o tipo 2 compreende tamanhos pequenos e médios; um caso no sítio T.117 é uma miniatura. No tipo 3, presente somente no T.117, as vasilhas são medianas e grandes.

Outra classe de vasilha que vai ao fogo é o torrador. Este foi identificado somente no sítio T.106, através de um único fragmento com borda direta vertical, representando o tipo 1 (Fig. A8.12 – Anexo 8), que é uma vasilha pouco profunda de tamanho mediano.

Vasilhas usadas para servir

As classes de vasilhas identificadas por Brochado e Monticelli (1990) como próprias para servir alimentos são os pratos e tigelas. O primeiro seria usado para comer e servir comida e o segundo para beber líquidos fermentados e água. Os pratos menores seriam individuais, os medianos pratos para pequenos grupos e os grandes eram coletivos. Em geral são vasilhas muito abertas - o que facilita o acesso ao alimento, com a profundidade variando conforme o tamanho. As vasilhas restringidas são pintadas e não apresentam o bojo muito pronunciado.

Para este trabalho, resolveu-se separar as vasilhas usadas para servir em duas classes: pratos e tigelas, e tigelas pintadas. Esta decisão foi tomada devido à dificuldade de diferenciar os pratos das tigelas a partir dos fragmentos de borda, que possuem as mesmas características em relação à inclinação da borda e forma geral, problema já levantado por Brochado e Monticelli (1990). A classe de pratos e tigelas, assim, compreende vasilhas tanto para servir comidas como bebidas. As vasilhas pintadas, no entanto, devido ao seu tratamento de superfície, indicam uso relacionado com líquidos, por isso nesta análise foram colocadas em outra classe. As vasilhas pintadas foram também usadas como acompanhamento de restos humanos em urnas funerárias bem como servindo de tampas destas urnas (Brochado, 1989; Brochado e Monticelli, 1990).

No sítio T.106, os pratos e tigelas do tipo 1 são abertos, de forma elipsóide e com a borda direta inclinada para fora, sendo de dimensões pequenas e médias (Fig. A8.6 – Anexo 8). As vasilhas do T.117 também possuem estas características, no entanto apresentam uma maior variação nos tipos de lábio, que podem ser - além de arredondados - afinados e voltados para fora ou para dentro (Fig. A9.5 – Anexo 9). A variação das dimensões também é maior, indo desde miniaturas até tamanhos grandes. O segundo tipo no sítio T.106 (Fig. A8.7 – Anexo 8) compreende vasilhas abertas com bordas convexas e diretas verticais, com tamanhos pequenos, médios e

grandes. Apresenta tanto formas elipsóides como esferóides. As mesmas características estão presentes nos fragmentos deste tipo no sítio T.117 (Fig. A9.6 – Anexo 9) onde também aparecem lábios tanto arredondados como aplanados.

Um terceiro tipo de vasilhas identificado em ambos sítios (Figs. A8.8 - Anexo 8 e A9.7 – Anexo 9) refere-se a vasilhas restringidas, com bordas convexas e diretas inclinadas para dentro, com grande variação de tamanho, observando-se desde miniaturas até vasilhas grandes que podem ser esferóides, elipsóides ou ovóides. Somente no sítio T.117 foi identificado um quarto tipo de pratos e tigelas (Fig. A9.8 – Anexo 9) abertas e com bordas côncavas inclinadas para fora. Elas possuem forma elipsóide e grande variedade no tamanho. Em todas as vasilhas desta classe foram observados quatro tratamentos de superfície externa, o corrugado, o corrugado-ungulado, o ungulado e o alisado.

As tigelas pintadas estão representadas no sítio T.106 por três tipos. O tipo 1 (Fig. A8.9 – Anexo 8) são vasilhas restringidas com bordas côncavas inclinadas para fora, de dimensões pequenas e medianas. Este tipo também aparece no sítio T.117 (Fig. A9.9 – Anexo 9) com as mesmas características gerais. O segundo tipo está representado somente por um fragmento no sítio T.106 (Fig. A8.10 – Anexo 8), de borda direta inclinada para fora; trata-se de uma vasilha pouco profunda e aberta com forma elipsóide. Este foi observado no T.117 (Fig. A9.10 – Anexo 9) também com forma ovóide e vasilhas mais profundas. Seus tamanhos, neste sítio, variam de miniaturas até vasilhas grandes.

O terceiro tipo, observado nos dois sítios (Fig. A8.11 – Anexo 8 e Fig. A9.11 – Anexo 9), abarca vasilhas restringidas com forma elipsóide, podendo apresentar um ou mais ombros. Variam de tamanho indo desde miniaturas até vasilhas medianas, e apresentam bordas diretas e convexas inclinadas para dentro. O quarto e último tipo de vasilha identificado dentre as tigelas pintadas está presente somente no sítio T.117 (Fig. A9.12 – Anexo 9). São tigelas com bordas verticais e formas elipsóides e ovóides compreendendo miniaturas, vasilhas pequenas e medianas.

Todas as vasilhas classificadas como tigelas pintadas possuem pintura externa ou interna. Os poucos fragmentos alisados possuem a forma de tigelas e existe a possibilidade deles também terem apresentado pintura. Observou-se, no entanto, que somente a vasilha de tipo 2 (Fig. A8.10 – Anexo 8) do sítio T.106 apresenta pintura externa e internamente. Isto pode estar relacionado com o fato de freqüentemente as vasilhas serem pintadas nas suas porções que ficam mais visíveis. Externamente,

estão presentes desde a parte superior até o diâmetro maior do ombro em vasilhas grandes e pequenas, como tigelas e talhas - que podem estar enterradas ou presas a um jirau - e na porção interior ocupando toda a superfície de pratos abertos – a parte sem pintura seria para a colocação das mãos (La Salvia e Brochado, 1989; Sinopoli, 1991). Esta constatação é verdadeira para a maioria das vasilhas reconstituídas; no entanto há outras que possuem a borda direta vertical, com pintura externa ou interna. Também foi observado, a partir dos fragmentos de corpo, que em ambos os sítios aparecem fragmentos com pintura tanto externa como interna. Sendo assim, as poucas bordas não são boas indicadoras do total de vasilhas com pintura tanto externa como interna.

Talhas para contenção de líquidos

As talhas são vasilhas cujos usos principais são fermentar, armazenar e servir bebidas fermentadas alcoólicas, e também, possivelmente, para armazenar água (Brochado e Monticelli, 1990). São vasilhas restringidas com o contorno infletido e angular, propícias para conter líquidos sem que o acesso ao seu conteúdo seja direto, evitando também o possível derrame. Em sua maior parte são pintadas, o que é uma escolha de tratamento de superfície que ajuda na vedação das paredes. Estas vasilhas também eram usadas para enterramentos primários ou secundários, assim como as panelas grandes.

Vasilhas correspondentes a este tipo de função foram identificadas somente no sítio T.117 (Fig. A9.13 – Anexo 9). Possuem bordas convexas inclinadas para dentro e dimensões pequenas. Os dois fragmentos encontrados possuem pintura na superfície exterior e faixas vermelhas marcando a junção da borda com os ombros. Podem ter apresentado um ou mais ombros e provavelmente tinham um formato elipsóide.

Vasilhas da tradição Taquara

Foram assim denominadas vasilhas identificadas somente no sítio T.117 (Fig. A9.14 – Anexo 9), que destoavam dos outros tipos identificados no sítio. São formas observadas na bibliografia acerca da tradição arqueológica Taquara (Schmitz e

Becker, 1997). São vasilhas profundas, com formas ovaladas, com tratamento de superfície externa unglado e alisado e que talvez tenham sido usadas para cozinhar¹⁹. Também foi observada uma vasilha rasa, aberta e pouco profunda, o que sugere o seu uso como tigela ou prato. Os fragmentos são pouco espessos, se comparados à maioria dos identificados da tradição Guarani, possuem temperos de areia e queima reduzida completa.

Uma informação importante acerca das classes de vasilhas comentadas acima são os seus tamanhos. Vasilhas grandes associadas ao armazenamento podem ser um indicativo de maior grau de permanência de grupos em um assentamento (Shapiro, 1984; Sinopoli, 1991). Além disso, pratos e tigelas grandes podem também indicar uma preocupação com a preparação de uma maior quantidade de alimentos, associada assim também a um maior número de pessoas (Shapiro, 1984).

No entanto, conforme constata-se a partir dos gráficos e dos dados da Figura 2.6 abaixo, as vasilhas grandes estão presentes em uma porcentagem muito pequena nos dois sítios estudados. Todas as classes possuem uma maior quantidade de vasilhas medianas, a não ser pelas talhas de tamanho pequeno²⁰. O segundo tamanho de vasilha mais freqüente, em todas as classes, foi o pequeno, sendo que para as tigelas pintadas do sítio T.117, estão presentes em número quase igual aos de tamanho mediano. No mesmo sítio, tigelas e pratos pequenos apareceram com freqüência igual à das grandes. Ainda em relação às vasilhas pintadas, nenhuma miniatura nem vasilha grande foi observada no sítio T.106.

¹⁹ Formas semelhantes foram identificadas por Saldanha (2005) que sugere o uso para cozinhar alimentos.

²⁰ Foi respeitado o tamanho de cada classe estipulado por Brochado e Monticelli (1994).

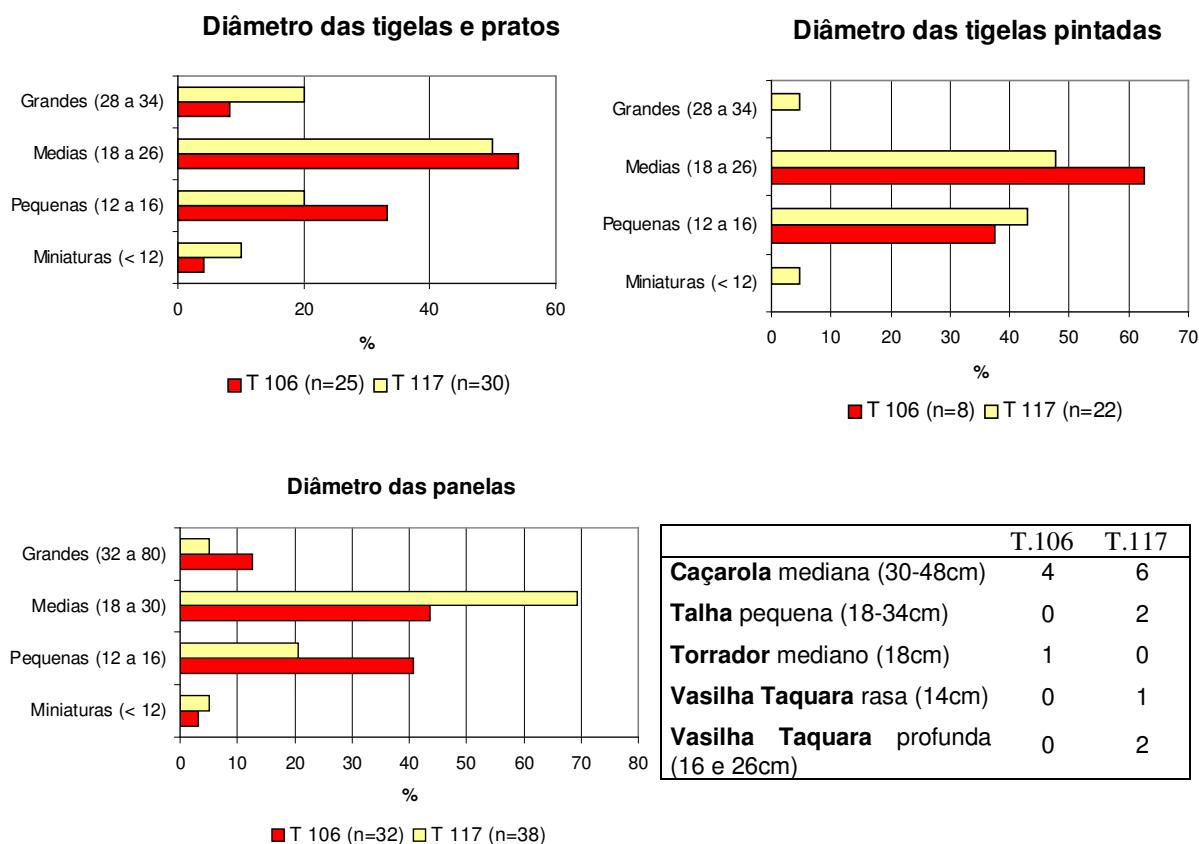


Fig. 2.6: Diâmetros observados nas classes de vasilhas, em separado por sítios e informações relativas a vasilhas pouco frequentes.

Na classe das caçarolas, que são vasilhas de grande porte somente foram identificados tamanhos medianos. Em relação às talhas, que devido à sua forma alcançam dimensões máximas de bojo ainda maiores que o diâmetro da boca, apareceram representantes de duas vasilhas pequenas no T.117. As tigelas e pratos e as panelas são as duas classes que apresentaram, em ambos sítios, vasilhas de todos tamanhos, desde miniaturas até tamanhos grandes, e em diferentes proporções²¹. O torrador do sítio T.106 é mediano.

Além dos fragmentos de bordas, as bases também foram levadas em consideração para a reconstituição das formas das vasilhas. Dois tipos de bases foram encontradas: plana²² e côncava. Estes tipos foram identificados quando os fragmentos

²¹ Ressalta-se que as vasilhas classificadas como pertencentes à tradição Taquara apresentaram diâmetros pequenos e medianos; para isso foi levado em conta em vista a metodologia utilizada por Saldanha (2005).

²² Por base plana entende-se vasilhas com a base mais achatada (com o centro da base plana), mas mesmo assim um pouco côncava.

de bases permitiram esta visualização, pois em geral estavam muito fragmentados. Em alguns casos, foi possível colar os fragmentos. Assim, de um total de 50 fragmentos no sítio T.106, somente em 56% foi possível identificar o tipo, o mesmo ocorrendo em 60,3% do total de 58 para o sítio T.117. A maioria das bases identificadas nos dois sítios foi a côncava, sendo a plana representada por apenas 18% no sítio T.106 e somente 1,7% no sítio T.117.

Outra forma de se avaliar a funcionalidade das vasilhas é através da identificação de marcas de uso. Skibo (1992) separa, para o estudo da cerâmica em arqueologia, o uso pretendido e o uso real. No primeiro, o artesão faz algumas escolhas relacionadas ao tamanho, tipo de pasta e forma das vasilhas para determinado uso. No entanto, são muitas as variáveis que influenciam a funcionalidade da vasilha sob uma perspectiva técnica. Ao mesmo tempo, uma propriedade, como a adição de caco moído, pode melhorar a performance da vasilha quanto à sua resistência ao choque térmico, mas pode afetar a sua resistência a impactos e a sua capacidade de conduzir calor, pois tornou a parede também mais porosa. Assim, este autor propõe que se estude também os usos reais das vasilhas, que são observados por marcas de uso como fuligem na parte externa e restos orgânicos e abrasão na parte interna.

Este tipo de análise parte do pressuposto de que uma vasilha que foi manufaturada para determinada função pode ter sido realmente usada com este propósito ou remanejada para outros fins. Ao observar-se que os fragmentos estudados para este trabalho não apresentavam restos de alimento carbonizado e marcas internas, a identificação de marcas de uso não pôde ser efetuada. Além disso, não foi possível reconstruir nenhum perfil completo de vasilhas a partir dos fragmentos colados. Assim, também não foi possível associar as marcas escuras e claras de fogo, observadas na parte externa dos fragmentos a algum tipo de queima tecnológica ou de cozinhar alimentos.

Assim, a funcionalidade inferida para as vasilhas identificadas nestes sítios está baseada somente nos seus formatos. Estes estão relacionados tanto a aspectos tecnológicos de contenção de líquidos, acesso aos alimentos e performance da cerâmica como a aspectos simbólicos. Segundo Orton *et al.* (1993) as classes podem indicar status, afiliações religiosas e sociais. Os vasos pintados, por exemplo, são encontrados freqüentemente junto aos enterramentos em urnas e são usados para servir bebidas alcoólicas, o que lhes dá uma conotação ritual e religiosa (Brochado,

1989). A forma da vasilha é pensada, assim, a partir de uma interação entre o consumo e a criação, onde existe uma primeira intenção de uso para cada vasilha. No entanto, elas podem ter sido usadas também para outros fins.

Outros tipos de usos podem também ser inferidos para panelas, tigelas pintadas e pratos e tigelas que são vasilhas muito pequenas, classificadas como miniaturas. Segundo Brochado e Monticelli (1990) dificilmente miniaturas de panelas foram usadas sobre o fogo. Assim, sugere-se outras motivações para a sua criação, discussão que será feita no subcapítulo sobre comunicação.

Além de servir como panelas, pratos e baixelas, a cerâmica, assim como qualquer artefato, pode servir como transmissor de informação sobre o seu produtor, dono ou pessoa que o usou (Orton *et al.*, 1993). Isto pode ser observado nos traços relacionados à forma e a características de cada tipo. Por exemplo, o que se pode inferir, à primeira vista, a partir da classificação das vasilhas em tipos para cada sítio é que ambos sítios possuem tipos em comum. No entanto, o sítio T.117 possui maior variedade de tipos, apresenta um quarto tipo no caso das tigelas pintadas, dos pratos e tigelas, e das panelas. Além disso, apresenta também talhas e vasilhas da tradição Taquara. Em contraposição, o sítio T.106 possui um tipo diferente de caçarola restringida e um torrador, classe não identificado no outro sítio. No entanto, o significado desta variação só poderá ser entendido dentro do contexto de cada sítio, assim como os tipos de atividade relacionados ao consumo de alimentos e preparação de vasilhas devem ser entendidos a partir da distribuição dos fragmentos em cada área trabalhada nos sítios. Estas questões serão retomadas e discutidas levando em consideração também a análise espacial dos vestígios, tratada no próximo capítulo.

II.2.1 – O uso dos artefatos líticos

O ciclo de vida do artefato lítico prossegue após a sua criação. O seu consumo está relacionado com o uso do objeto tendo em vista o fim para o qual ele foi manufaturado (Prous, 2004). Durante o seu uso, estes artefatos se deterioram e podem ser reavivados através do retoque. Além disso, o abandono da peça, depois encontrada pelo arqueólogo, pode ter se dado pela má qualidade da matéria-prima e por se tratar um simples resíduo, como é o caso da debitagem. Pode ter sido também devido a um deslize do artesão(ã) no momento da manufatura, ou por quebra ao longo

do uso do objeto. Também pode ter sido abandonado devido ao seu fim, como útil, ou devido à sua perda. O abandono do artefato é considerado o final da sua vida útil. No entanto, ele segue tendo uma relação ativa com as pessoas. Através deles, os arqueólogos discutem tecnologias e significados.

No contexto de consumo, os artefatos líticos usados possuem características particulares, relacionadas com a sua matéria-prima e com a técnica de lascamento. Alguns dos instrumentos encontrados nos sítios foram lascados no contexto de criação, tendo como objetivo a preparação de gumes para o uso. Destes artefatos, os instrumento sobre lascas - Figs. A10.2 e A10.4 (Anexo 10) - possuem alterações macroscópicas que indicam o uso destes gumes. Estes, possuem ângulos de bordos ativos menores que 30° e entre 30 e 60° , respectivamente.

Segundo Prous (2004), os fios mais cortantes são em geral os brutos - sem retoque. No entanto, estes são frágeis demais para se trabalhar materiais duros, e não permitem apoiar o dedo. Estas lascas brutas são usadas para cortar corpos moles, como carne sem osso, tecidos e couros não muito grossos. Já os fios oblíquos (aqui representados por um ângulo entre 30 e 60°) são apropriados para cortar e serrar corpos medianamente duros, como a madeira e o osso. As bordas ativas muito oblíquas (maiores de 60°), por sua vez, são usadas para atividades de raspagem, como o trabalho de peles e pigmentos. Ainda, uma superfície que forma um ângulo de quase 90° é excelente para apoiar o dedo, por exemplo; e uma aresta que forma um angulo obtuso é ideal para regularizar uma superfície fibrosa, como o polimento de um arco.

Estas considerações gerais sobre os diferentes tipos de gumes e suas possíveis utilizações em variados materiais são interessantes para se pensar a respeito das atividades associadas aos instrumentos encontrados nestes sítios. No entanto, não se buscam aqui seus usos particulares, pois não se pode determinar a utilização de um instrumento sem efetuar uma análise de microvestígios de uso. Este tipo de análise permita identificar a função dos instrumentos que, por sua vez, podem fornecer informações sobre as atividades específicas do homem (Mansur, 1986/1990). Com a lupa binocular, só é possível identificar microestilhaçamentos que são muito parecidos com as alterações naturais pelas quais um artefato pode passar, como a compactação de sedimento, choques e golpes. Também se parecem com acidentes como o pisoteio no contexto original ou durante a manipulação pelo arqueólogo. Além

disso, os microestilhaçamentos podem ser tecnológicos - produzidos durante o processo de lascamento.

Uma vez que o presente trabalho não foi direcionado para este tipo de análise, que exige não só um microscópio que permite uma maior ampliação da imagem observada, mas também preparação especializada do pesquisador, prefere-se falar somente em modificações (macrovestígios). Tendo em vista que estas estão presentes justamente nos gumes dos instrumentos, inferiu-se que são marcas causadas pelo seu uso. No entanto, entende-se que não se pode concluir especificamente acerca do material em que foram utilizados.

Tendo em vista o aproveitamento da lâmina no artefato, o retoque teria a função de reavivar este gume. Somente no instrumento da Fig. A10.2 (Anexo 10) pode ter sido efetuado o retoque, uma vez que este apresenta negativos de retiradas de dimensões pequenas em ambas faces ativas.

Além dos instrumentos sobre lascas, a lasca da Fig. A10.3 (Anexo 10), coletada no sítio T.117, também possui alterações nos gumes. É um artefato cujo gume possui um bordo ativo, com menos de 30° , característico dos instrumentos para corte. Esta lasca não foi trabalhada posteriormente à sua retirada do núcleo - foram aproveitados os seus gumes cortantes naturais.

Também foi encontrado no sítio T.117 um instrumento sobre núcleo de basalto. Não foi possível identificar marcas características de alteração por uso, mas a presença de um gume, em oposição a outra extremidade de córtex arredondado sugere a sua manufatura com este fim (Fig. A10.5 – Anexo 10).

Outros artefatos encontrados no mesmo sítio foram também considerados instrumentos; são poliedros e uma placa de basalto. Esta placa apresenta lascamento somente em um de seus extremos. Os negativos destes lascamentos são pequenos, portanto descarta-se a possibilidade de seu uso como núcleo. Estas fraturas intencionais indicam a preocupação em reavivar um gume para o uso de uma matéria-prima na sua forma natural.

Como no caso do aproveitamento da placa de basalto para instrumento, também foram aproveitados os poliedros de basalto. Dois deles provavelmente fizeram parte de uma peça única, cujo gume não está presente (Fig. A10.6 – Anexo 10). As marcas de alterações podem ter sido feitas para o encabamento.

Outro poliedro menor possui alterações em duas arestas, como pode ser observado na Fig. A10.7 (Anexo 10). Há possibilidade deste instrumento ter sido utilizado como lâmina para raspar em um única direção, pois as marcas de uso estão presentes somente em uma das faces das arestas. Descartou-se a possibilidade destas marcas terem sido provocadas acidentalmente porque estão presentes de forma muito pronunciada em somente duas arestas, e não no objeto como um todo, o que se esperaria de um padrão natural de microestilhaçamento. Este último instrumento não foi comentado como fazendo parte do contexto de criação justamente porque foi aproveitado o seu gume natural. Já os outros, também de matérias primas de basalto, apresentaram modificações intencionais feitas no ato de criar.

Conforme pode ser observado nos instrumentos referidos acima, a forma da matéria-prima também pode ter um papel importante na escolha humana para o uso de objetos líticos. Tanto as placas de basalto como os poliedros são formas naturais do tipo de formação de basalto da região sul do Brasil, e apresentam arestas cortantes propícias para o uso (Prous, 2004).

Matérias-primas ovóides, como os seixos, também podem ser aproveitados como percutores, que podem ser utilizados para o lascamento, o picoteamento, para fincar estacas, dentre outros fins. A Fig. A10.8 (Anexo 10) mostra alguns percutores encontrados no sítio T.117. Neste sítio, foram identificados quatro percutores com marcas de esfarinhamento características do seu uso (Prous, 1986/1990), sendo que um deles está muito fragmentado e não foi fotografado. É interessante ressaltar que todos estes percutores possuem marcas de modificação pela ação térmica.

A presença da ação térmica pode ser observada também em outros seixos e blocos de basalto, e em um caso de seixo de arenito silicificado. Uma grande quantidade de lascas e fragmentos de lascamentos térmicos foram identificados no sítio T.117 (Tabela A6.2 – Anexo 6) e cinco no sítio T.106. Segundo Prous (2004), é freqüente o uso de pedras para delimitar a fossa de combustão ou para calçar recipientes. Tratam-se também de ações relacionadas ao consumo da cultura material. Estas pedras apresentam enegrecimento e fissuras causadas pelo choque térmico, provocando lascamentos com marcas vermelhas de oxidação. Ressalta-se a necessidade de observar a distribuição desta cultura material espacialmente e em associação com os fragmentos cerâmicos, conforme será tratado no capítulo seguinte.

Outro tipo de matéria-prima também identificada foram as placas de arenito friável. Foram contabilizadas cinco no sítio T.117, sendo que uma delas apresenta

polimento em uma das superfícies. Este tipo de matéria-prima abrasiva é ideal para a maceração de vegetais, assim como o polimento de algum artefato de osso, madeira ou até mesmo de pedra. Esta alteração, no entanto, é a consequência da ação em outro objeto, e não o contrário.

Além das placas de arenito friável, outras peças líticas foram analisadas como fragmentos naturais (Tabela A6.2 – Anexo 6), a hematita, o basalto e o quartzo. A presença da hematita é interessante como informação sobre a possibilidade de uso deste recurso como pigmento. A obtenção de pigmento pode ser observado em uma placa de basalto com superfície avermelhada e alterações que indicam uma raspagem do córtex. O pigmento mineral natural vermelho aparece naturalmente na hematita e também no córtex de rochas como o basalto, que é rico em minério de ferro e que, quando oxidado, torna-se avermelhado (Prous, 2004).

A cultura material apresentada aqui, tanto lítica como cerâmica, compreende artefatos que, apesar de analisados no contexto do consumo, foram elaborados durante a criação com o consumo em mente. Assim como a placa de arenito foi consumida para produzir algo, o percutor foi usado para criar um instrumento ou para tirar lascas. Tendo isto em vista, como já comentado também a respeito das vasilhas cerâmicas, estas duas etapas estão muito interligadas e juntamente com outras questões, podem ser pensadas no contexto da comunicação, que será discutido a seguir.

II.3 – COMUNICAÇÃO E SIGNIFICADO

O segundo grande contexto – aqui desenvolvido por último - assinalado por Glassie (1999a) é o da comunicação. Tanto a criação como o consumo coincidem e estão presentes quando se fala em comunicação. É através da comunicação, da relação entre diferentes contextos, que se chega nos significados.

O significado é a soma de relações entre objetos e pessoas. Considerações acerca do significado podem iniciar em qualquer lugar da história do objeto, embora eu ache que eles iniciam-se preferencialmente na criação. Do seu lugar de começo, a busca pela

completude vai juntar associações que giram em torno dos atos de criação, comunicação e consumo; e eles escorregam através de cada limite ao mesmo tempo que a imaginação prega peças na memória e o objeto se torna tudo o que pode ser. (GLASSIE, 1999a, p. 59, tradução minha)²³

O significado, no contexto de comunicação, está sendo interpretado tendo em vista uma multiplicidade de outros contextos. Pois, como sugerem Shanks e Tilley (1992), a habilidade de usar, constituir significativamente e manipular sistemas de significado é uma qualidade humana que torna a idéia e a consciência possíveis e que são, por sua vez, a base para toda a interação social.

Glassie (1999a) destaca na comunicação outros contextos mais específicos, assim como também o fez para a criação e o consumo. Os contextos de comunicação fazem parte de uma série, dentro de cada etapa o consumidor é cada vez menos conhecido, mais difícil de ser alcançado. Durante a performance colaborativa, o criador revela sua arte para os colegas que compreendem seu esforço. Há também o contexto de doação, quando o objeto é dado como presente para a família, amigos ou membros da comunidade que sabem sobre as condições, tradição e cultura do objeto. Na transação comercial, o criador é apagado e substituído pelo comprador.

Assim, o artefato possui um significado para o criador, que o manufatura em função de um uso particular e de acordo com o que aprendeu ao longo dos anos, o que é percebido através de técnicas de manufatura e de acabamentos de superfície de vasilhas. Ao mesmo tempo, possui matérias-primas específicas coletadas em determinados locais que lembram as pessoas de como um instrumento lítico foi elaborado. No consumo, a função do artefato é posta em prática e são descobertos novos significados que, por sua vez, podem influenciar decisões tomadas durante o ato de criar.

²³ "Meaning is the sum of relations between objects and people. Accounts of meaning can begin anywhere in the object's history; though I think they are best begun in creation. From its place of beginning, the quest for completeness will assemble associations around the acts of creation, communication, and consumption, and then slide past every limit as the imagination plays tricks in the memory and the object becomes all it can be."

...Onde está centrado, o significado pode logicamente parar, mas na falta de um vocabulário comum para ordens de significado, nós seguimos em ambas direções, afastando-nos do centro para as associações desenvolvidas de forma independente nas mentes silenciosas do criador e consumidor. (GLASSIE, 1999a, p.58-59, tradução minha)²⁴

São estas associações que fazem com que o objeto não seja nunca estático. Ele é repleto de diferentes significados, dependendo da pessoa que o cria e consome. É uma relação de duas mãos, que é dinâmica e inerente à interação social. Esta, está sempre relacionada com múltiplos contextos, pessoas e objetos. Ainda, para Shanks e Tilley (1992), o sistema social é um todo relacionado, e a cultura material como fazendo parte deste sistema não pode ser pensada de forma isolada.

Ressalta-se que quando se fala sobre significados, não pretende-se chegar a pensamentos ou ações humanas absolutas e indiscutíveis que envolveram os artefatos aqui estudados. Uma vez que a arqueologia se constrói através de discursos e o passado não é algo estático (esperando para ser alcançado), os significados referidos neste trabalho são interpretações a partir das quais pretende-se contribuir para a construção de uma história que, por sua vez, pertence a este momento presente.

Quando pensa-se em criar uma vasilha ou um artefato lítico, o consumo dos mesmos está inevitavelmente presente. A história de vida deste artefato, no entanto, pode ter uma trajetória diferente da planejada, caindo em diferentes mãos e, assim, envolvendo outros significados. Assim, através do exercício de separação das etapas de criação e consumo de artefatos pode-se perceber diferentes significados relacionados ao uso, à alimentação e à motivos técnicos de manufatura, dentre outros. No entanto, outros somente foram percebidos nesta pesquisa quando um contexto foi associado à outro, ou seja, através da comunicação.

II.3.1 - Criação e consumo relacionados

²⁴ "... Where it is centered, meaning might logically stop, but lacking a common vocabulary for orders of meaning, we follow meanings in both directions, moving away from the center into the associations developed independently in the silent minds of the creator and the consumer."

Para Glassie (1999a) os contextos de comunicação conectam os contextos de criação e consumo, balanceando criação contra consumo, destacando suas similaridades e diferenças. O significado, por sua vez, tem o seu centro na comunicação, no ponto onde a intenção e a resposta se conectam, onde o consumidor recebe o presente do criador e continua a criação no uso.

No caso dos sítios aqui estudados, deve-se levar em consideração que a grande maioria da cultura material consumida por indivíduos foi criada por eles mesmos. Desta forma, o significado dado ao objeto no consumo está relacionada a intenção durante a criação. No entanto, como também foram encontrados vasilhas da tradição Taquara, há a possibilidade do consumo de peças que vieram de fora, ou até mesmo a manufatura por uma pessoa de outra sociedade, com outros contextos em mente, que está presente dentro de um grupo diferente do seu. Em grande parte das publicações aqui pesquisadas, existe a presença da cerâmica associada à tradição Taquara, indicando uma possível interação entre estes grupos. Entretanto, estas são somente elucubrações, uma vez que a questão do contato entre grupos pré-coloniais Gê do sul do Brasil com os Guaraní é extremamente complexa e está somente começando a ser discutida do ponto de vista arqueológico (Rogge, 2004, Copé, 2006).

Pensando no ciclo de vida de um artefato cerâmico, a motivação para a sua manufatura está relacionada com o consumo. Assim, no momento de criação são postas em prática técnicas de modelagem e queima que se referem, ao mesmo tempo, a vantagens tecnológicas de uso das vasilhas. Tendo em vista esta relação, percebe-se que tanto o tempero como a forma e o tratamento de superfície são escolhas presentes no momento de criação que foram consideradas tendo em vista o desempenho das vasilhas durante o seu uso. Assim, pode-se pensar que as panelas, além de possuírem um formato associado à cocção, por serem vasilhas restringidas também podem ter sido usadas para o armazenamento de, por exemplo, cereais. Suas paredes porosas, no entanto, não seriam propícias para a contenção de líquidos. Assim, na comunicação pode se entender o utilitário, o produtivo e o decorativo como imbricados. É através da relação destas partes que se chega em diferentes significados.

Outra questão interessante de ser ressaltada é a ausência nos sítios estudados de grandes talhas e panelas para o enterramento de indivíduos. No entanto, observa-se a presença de tigelas pintadas pequenas que, segundo a bibliografia, costumam acompanhar os enterramentos. A criação destas vasilhas para o consumo de líquidos

poderia ter, assim, um outro significado quanto ao seu consumo. Ou seja, a presença destas tigelas no dia-a-dia pode sugerir que seriam utilizadas para futuros enterramentos nos sítios; no entanto estes não estavam presentes nas áreas onde foram feitas escavações e coletas superficiais.

A busca por diferentes tipos de matéria-prima, ação presente no contexto de criação, está diretamente associada ao seu uso. No caso dos vestígios líticos, seixos são usados como percutores por não possuírem arestas. Ao mesmo tempo, o consumo de placas e prismas de basalto estão relacionados à sua forma (com muitas arestas). Assim, alguns artefatos tornaram-se instrumentos pelo aproveitamento do tipo de matéria-prima, e outros foram mais planejados. Lascas de basalto foram tirados de núcleos de basalto a fim de obter gumes amplos e cortantes, que nunca seriam obtidos a partir de pequenos nódulos de calcedônia ou quartzo e placas de arenito friável.

Outros tipos de consumo de artefatos como o armazenamento em panelas, enterramento em talhas e panelas, e uso de pratos e tigelas no dia-a-dia para funções imediatas também pode ser pensado para os artefatos líticos. Os percutores, por exemplo, coletados no sítio T.117 possuem marcas de alteração por fogo. Este contato com o fogo pode indicar um simples descarte dos mesmos em uma fogueira ou a sua utilização também para sustentar panelas. Não se pode inferir até que ponto estas marcas de fogo tratam-se de um uso pretendido ou um uso real destes artefatos (identificado pelos arqueólogos através de microvestígios na cerâmica e no lítico).

Um bom exemplo para seguir a discussão acerca esta temática são os diferentes tipos de tratamentos de superfície das vasilhas. Já comentou-se que estes possuem uma relação tecnológica com os usos práticos da cerâmica. No entanto, uma vez que existe esta relação, outro tipo de consumo pode ser pensado para estes artefatos: a simples ação de olhar para eles. Vendo-os, as pessoas identificam sua forma e tratamento de superfície e, conseqüentemente, associam-nos também à ação de cozinhar ou servir alimentos. Este reconhecimento, por sua vez, determinará a escolha de uma vasilha para um determinado uso ou a própria associação da mesma com outros indivíduos que a manufaturaram com certas especificidades.

Além das vasilhas, os seixos e pedras de basalto também foram ao fogo, também foram cozidos e por isso, consumidos. Estas ações podem estar relacionadas tanto à significados de sustentar vasilhas que estão no fogo, como também o próprio descarte do lítico em estruturas de combustão.

II.3.2 - O indivíduo e o coletivo

O reconhecimento de características peculiares de cada vasilha remete a uma outra questão à qual procura-se chamar a atenção neste trabalho. Trata-se de ver o indivíduo como um agente social, e não só como reproduzidor de práticas de um grupo. A cultura material, ao mesmo tempo que é produto de um contexto e que reflete padrões de uma sociedade pode, também, informar acerca de cada pessoa que a compõe. Ao mesmo tempo, deixa-se claro que este indivíduo certamente está relacionado com um grupo que possui costumes e que o reconhece como pessoa. Assim, concorda-se com a posição de Shanks e Tilley (1989) que procuram refutar o dualismo entre indivíduo e sociedade, buscando ressaltar que sem indivíduos e práticas sociais de indivíduos as sociedades não existiriam, mas que, ao mesmo tempo, o sujeito humano individual não deve ser o único destaque em uma pesquisa.

Assim, tratamentos de superfície como o corrugado e o unglado podem indicar que as vasilhas provavelmente são usadas para cozinhar, apesar de que alguns pratos e tigelas também apresentam este tratamento superficial. As vasilhas pintadas, por sua vez, são associadas a rituais e a servir líquidos, e podem ser reconhecidas como tal. Também podem estar presentes em acompanhamentos funerários; um outro significado estaria sendo associado, assim, às mesmas vasilhas.

Reconhecer uma vasilha a partir da sua superfície exterior implica também em identificá-la com a artesã que a manufaturou. Nos sítios estudados, existe uma predominância de vasilhas com o tratamento externo corrugado, no entanto, nenhum dos tratamentos é igual (Fig. A7.1 e A7.2 – Anexo 7). Em uma mesma vasilha podem ser observadas técnicas diferenciadas e as variações no corrugado podem também permitir a identificação individual de ceramistas (Skibo, 1999). Na manufatura da vasilha, a artesã repete os movimentos técnicos a ela ensinados, mas ao mesmo tempo deixa a sua marca, seja através do alisamento, dos motivos da pintura ou das marcas de unha e corrugações. São aspectos que não estão ligados diretamente ao uso funcional da vasilha, mas podem comunicar seu possível uso.

Ainda, segundo Skibo (1999), o corrugado permite que as feições de texturas sejam reconhecidas no escuro. Além disso, ressalta que na relação de comunicação entre os artefatos e a pessoa que o vê ou o toca, esta cultura material é consumida. La

Salvia e Brochado (1989) comentam sobre a importância da localização da pintura nas vasilhas, que estão usualmente em locais onde podem ser vistas. Argumenta-se aqui que este é um tipo de consumo também, assim como o uso da vasilha pintada para conter líquidos. Como sugere Wiessner (1989), o estilo é um dos meios de comunicação através dos quais as pessoas negociam suas identidades sociais e pessoais com outras.

Como a cerâmica, em relação ao material lítico também pode haver a busca por matéria-prima de forma coletiva, mas o ato de lascar é individual. Ao mesmo tempo, um artefato se torna um instrumento quando um grupo de pessoas o reconhece como tal. A exemplo do instrumento sobre lasca de um seixo de arenito silicificado coletado no sítio T.117, este pode fornecer muitas informações acerca do seu ciclo de vida. Outras pessoas que conhecem a região, por exemplo, sabem que ele foi coletado em outro local. Ele pode ser, também, associado a um indivíduo, pois possui algumas peculiaridades que chamam a atenção dentro do total de artefatos líticos coletados: possui uma coloração avermelhada diferente do basalto que, aparece como matéria-prima predominante neste sítio.

Assim, além de materializar as opções de um indivíduo, o artefato também possui significados relacionados com o coletivo. A reconstituição das formas, informa sobre a funcionalidade das vasilhas e também sobre a quantidade de pessoas que costumavam usá-las. Segundo a bibliografia, os pratos de dimensões maiores eram coletivos, e os menores, individuais. Estimando, assim, o número mínimo de vasilhas, se pode ter idéia do tamanho do grupo que estava habitando um local. A partir desta suposição, percebe-se que os dados apresentados aqui não indicam o uso dos pratos e panelas para o consumo de alimentos por um grande número de pessoas, pois possuem em sua maioria tamanhos medianos e pequenos. O estudo da sua localização no espaço dos sítios deve contribuir para este tipo de interpretação.

II.3.3 – Aprender e ensinar

O ensino é outro contexto destacado por Glassie (1999a) no ato de criar. Ele envolve indivíduos e grupos de pessoas, que aprendem através da observação e da repetição. Isto certamente está relacionado também com a reprodução de artefatos com características semelhantes.

Silva (2000) comenta em relação aos Asuriní do Xingu, que a aprendizagem das jovens ceramistas se dá tanto através da visualização, como da manipulação do material. O ensino da confecção da vasilha é controlado e envolve constante verbalização e demonstração dos procedimentos técnicos e dos resultados a serem alcançados. Conforme coloca esta autora:

No processo de aprendizagem, o domínio das formas do corpo das vasilhas é uma das etapas mais difíceis e implica que sejam elaboradas inúmeras miniaturas das mesmas, a fim de que a jovem ceramista, através da intensa repetição da seqüência produtiva, consiga adquirir os hábitos motores para reproduzir as especificações formais das vasilhas... Normalmente, quando se observa uma vasilha que foi feita por uma ceramista inexperiente, logo se percebe algum tipo de falha. O corpo da vasilha costuma ser mal elaborado ou, então, o alisamento da superfície está muito grosseiro. A borda costuma ser irregular e no caso da resina percebem-se pequenas falhas e asperezas na superfície devido a imperícia na hora da sua aplicação. (Silva, 2000, p. 77-78)

Poucos trabalhos em arqueologia tratam da questão do aprendizado, e Politis (1999), apesar de estar se referindo a grupos caçadores-coletores, comenta que os resíduos produzidos pelas crianças abarcam uma gama de descartes que não estão relacionados a uma cadeia operatória que produz artefatos para serem usados com funções tecno-econômicas ou como itens de valor simbólico.

A respeito da variedade de contextos de aprendizado, Kamp (2001) comenta que este pode ocorrer tanto durante o trabalho como em brincadeiras. Nestes contextos podem estar envolvidas muitas pessoas, ou somente duas, o estudante e professor. Os responsáveis pelo ensino, por sua vez, podem incluir os pais ou outros adultos e até outras crianças. Esta autora ainda destaca que o aprendizado também pode ocorrer durante uma experiência individual e por tentativa e erro.

No contexto de ensino, pode-se pensar também na reprodução das vasilhas maiores por crianças, que estariam aprendendo a fazer as vasilhas com a ajuda de outras pessoas. Outra possibilidade é a manufatura pelos adultos de objetos para

crianças. Neste caso elas estariam somente consumindo-os, mas são, ao mesmo tempo, o motivo da sua produção.

Outra questão relacionada ao aprendizado são as variações de tratamento de superfície em termos de intensidades distintas na aplicação de impressões e rusticidade de peças em contraposição a outras mais perfeitas, conforme apontam La Salvia e Brochado (1989). Estes também comentam que o ensino das artes decorativas oportuniza aos jovens o aprendizado, sem comprometimento mas com o rigor de confecção, e com explicações de quando e onde devem ser aplicados e de que forma e intensidade. Ainda, o processo de escolaridade também está presente no produtivo, ao ver e fazer, e as produções e reproduções não são sempre iguais, a variação existe entre artesãos, mas é maior entre estes e aprendizes.

O contexto de aprendizado, quando pensado em relação à cultura material estudada nos sítios T.106 e T.117, está presente tanto nos contextos de criação como de consumo. Através do diálogo entre estes dois – comunicação – percebeu-se que alguns fragmentos de bordas indicam vasilhas de tamanhos muito pequenos (aqui referidos como miniaturas). São panelas, pratos e tigelas que, seguindo a funcionalidade sugerida pela sua forma, não fazem sentido terem sido usados com a mesma função. Isso ocorre principalmente no caso das panelas, já os pratos e tigelas podem ter sido usados como acompanhamento funerário ou como recipientes específicos. No entanto, objetiva-se neste trabalho ressaltar, também, um outro tipo de contexto que pode ter levado à manufatura e consumo destas vasilhas: o contexto do aprendizado.

Conforme já comentado anteriormente, criar uma vasilha implica em um conhecimento pré-concebido e em um objetivo. Uma vez que o seu uso prático não apresenta vantagens por serem muito pequenas, se sugere também uma interpretação que leve em consideração o contexto do aprendizado. Não se pode inferir que as vasilhas foram feitas ou usadas por crianças, mas esta possibilidade deve ser levantada, pois as relações sociais de um grupo envolvem pessoas e artefatos e abarcam todas as idades, sexos e posições sociais.

Assim, o ensino também chama a atenção para o indivíduo, que deixou marcas particulares no artefato enquanto o manufaturava. Tendo-se em mente estes contextos, foi observado em alguns fragmentos marcas de dedos no processo de alisamento das vasilhas. É interessante mostrar aqui um dos fragmentos de vasilhas miniaturas, em particular, que apresenta marcas de alisamento que indicam

possivelmente que uma criança estava executando esta ação (Fig. A7.1 - Anexo 7). O mesmo pode ser visto no tratamento de superfície unglado do lado externo, que apresenta marcas de unha muito pequenas. A temática das crianças tem muitas implicações e, como ressalta Crown (1999), deve ser estudada tendo em vista as suas idades quando pensadas no contexto do aprendizado. Além disso, as crianças podem também perturbar a distribuição de artefatos através de brincadeiras, conforme observaram Hammond e Hammond (1981). Certamente este é também um fator a ser levado em consideração nos estudos dos artefatos espacialmente.

Com isso, não pretende-se aqui concluir que as vasilhas em miniaturas foram manufaturadas em um contexto de aprendizagem, ou que foram manufaturadas por ou para crianças, mas sugerir estas possibilidades na interpretação da cultura material.

Assim, na comunicação estão presentes os contextos de criação e consumo, onde indivíduos manufaturaram artefatos tendo em vista a sua experiência dentro de um grupo. Ainda, estas ações estão associadas à relação das pessoas com o mundo que as rodeia, conforme sugere Ingold (1993, p. 443):

... atuar no mundo é também a forma do hábil praticante conhecê-lo. O conhecimento perceptivo adquirido é ... uma parte integral da identidade pessoal. Ainda, na constituição dos seus ambientes, agentes reciprocamente constituem-se como pessoas.²⁵

Um artefato, entendido a partir da associação dos seus contextos, deve, ainda ser estudado tendo em vista a sua localização espacial no sítio arqueológico. É também através do contexto espacial que podem ser entendidos significados que, por sua vez, devem estar associados às suas características tecnológicas e com a sua relação ativa com as pessoas.

²⁵ "... acting in the world is also the skilled practitioner's way of knowing it. The perceptual knowledge so gained is ... an integral part of personal identity. Hence, in the constitution of their environments, agents reciprocally constitute themselves as persons."

CULTURA MATERIAL E ANÁLISE ESPACIAL

III.1 – O CONTEXTO DA ANÁLISE ESPACIAL

A cultura material é ativa e constituída de significado (Hodder, 1995). Dentro das associações relevantes para entendermos os significados passados, é importante que cada vestígio seja relacionado aos outros dentro de um sítio. Assim, a partir da análise espacial dos vestígios coletados nos dois sítios aqui estudados, busca-se entender um pouco sobre as ações humanas dentro das quais se inclui a criação e o consumo de vasilhas e instrumentos líticos.

No entanto, uma vez que a construção deste passado é feita a partir de vestígios materiais que pertencem ao contexto presente, devem-se levar em consideração também perturbações antrópicas e de caráter natural sobre estes vestígios. Conforme já comentado no Cap. I, o uso do arado causou uma maior dispersão do material cerâmico e lítico principalmente no sítio T.106, que está localizado em uma encosta de morro. Não obstante, se levado em consideração este tipo de influência, ainda é possível realizar estudos de análises espaciais. Por outro lado, é importante mencionar que os fragmentos de cerâmica estavam muito quebrados e desgastados, tendo sido usada somente uma parcela do total de fragmentos de bordas para a reconstituição das formas das vasilhas.

Além da presença da ação do arado, atividade contemporânea com fins de subsistência dos proprietários das terras, o arqueólogo também deve levar em consideração o seu próprio contexto enquanto pesquisador, suas preocupações em relação à cultura material - fonte de pesquisa. Tendo em vista que estes sítios foram trabalhados com o objetivo de resgatar os vestígios que seria impactados pelo acesso de maquinário e construção de torres de transmissão, a metodologia de coleta de evidências foi específica em cada sítio. Assim, tendo em vista esta metodologia, é possível abordar uma questão pouco tratada nos trabalhos sobre sítios com material associado à tradição Guarani, que é a análise espacial destes vestígios.

No sítio T.106 foram feitas coletas sistemáticas com malha móvel de forma ampla em duas áreas (1 e 3). Além disso, também foi feita uma coleta assistemática em uma área onde o material havia rolado (área 2) e uma coleta com nível topográfico de peças mais afastadas. Já no sítio T.117, foram feitas duas intervenções

específicas, resultando na escavação de duas manchas escuras presentes no sítio, algumas coletas com nível topográfico e também coleta assistemática. Assim, tendo em vista o contexto de cada sítio, e tendo-se comparado os resultados gerais de cada um, busca-se entender algumas atividades humanas associadas à cultura material em cada um deles. A comparação dos resultados dos dois sítios não será aqui privilegiada, tendo em vista a distância dos mesmos (15km) e as diferentes metodologias aplicadas em campo. Assim, antes que compará-los, procura-se ver cada um nos seus contextos particulares.

Acredita-se, assim, estar contribuindo para um aspecto pouco trabalhado em relação a sítios da tradição Guarani, que é a análise de vestígios em um contexto micro, referente à relação ativa entre as pessoas e a cultura material e posteriormente seu entendimento em relação ao sítio como um todo. Assim, não se pretende concluir acerca da ocupação dos grupos humanos associados à tradição arqueológica Guarani a partir de dois sítios arqueológicos. Procura-se entender algumas particularidades (relações humanas com a cultura material) destes sítios e entender de que forma estes se inserem dentro dos discursos existentes sobre estes grupos no RS. Tendo em vista o que já foi colocado por Santos (1997) acerca da criação do “Guarani de Papel”, busca-se através do estudo destes sítios uma aproximação aos grupos humanos e suas relações com a cultura material em pequenas áreas.

Foram apresentados os aspectos gerais dos artefatos líticos e cerâmicos de ambos sítios no Cap. 2. Eles foram delineados dentro das perspectiva de criação, comunicação e consumo. Como foi ressaltado, existem inúmeros contextos aos quais estes artefatos estão relacionados; aquele que se pretende desenvolver aqui é o da análise espacial.

Um dos motivos para se trabalhar com a análise espacial é, segundo Hodder e Orton (1990), a enorme quantidade de informação que pode ser analisada com técnicas estatísticas que ajudam a demonstrar, de forma mais clara, as tendências dos dados. Segundo estes autores, o arqueólogo não espera distribuições espaciais aleatórias, porque o comportamento humano não é aleatório, mas determinado por diferentes fatores. Este comportamento padronizado poucas vezes se reflete nos padrões espaciais e significam que o processo de deposição destes vestígios pode ser também aleatório – fator que deve, portanto, também ser levado em consideração. Com uma proposta convergente, Kent (1987) alerta que padrões devem ser

entendidos dentro do contexto de cada sítio e não como um reflexo de modelos arqueológicos pré-concebidos.

Uma das preocupações dos arqueólogos tem sido a procura de áreas de atividade humana para, assim, determinar a funcionalidade dos sítios. Segundo Sinopoli (1991), uma área de atividade é uma área onde atividades passadas específicas ocorreram e que podem ser identificadas no registro arqueológico.

Esta autora destaca alguns comportamentos que devem ser levados em consideração na identificação de áreas de atividade. Mesmo sem localizá-las, a distribuição espacial dos vestígios por si só já pode informar acerca do comportamento humano passado. Descarte e processos de deposição devem ser examinados, junto com a natureza e freqüência das atividades nas quais a cerâmica foi usada, bem como com a duração de ocupação do sítio. Por exemplo, comportamentos como varrer ou limpar o refugio de atividades e depositá-lo em buracos de lixo ou montanhas de lixo destróem os traços de atividades nas áreas. Ressalta, assim, que é raro a cerâmica ser depositada no contexto de uso primário.

Outra questão que deve também ser levada em consideração, mas que não foi incluída nesta pesquisa, é o potencial de recursos de subsistência que possuem estes sítios. O sítio T.117, por exemplo, apesar de estar a uma altitude de cerca de 300m, encontra-se praticamente ao lado da Lagoa dos Barros. Além de proporcionar um ecossistema rico em diversidades vegetais e animais, esta Lagoa é também uma via de acesso rápido ao Oceano. Assim, estes sítios, principalmente o sítio T.117, encontram-se em locais propícios tanto para a caça e coleta em arroios, lagoa e mar - em ambientes tanto de mata Atlântica e de planície litorânea - como para o cultivo de plantas em áreas mais planas nos patamares da encosta do Planalto.

O milho e mandioca cultivados (conforme referências etnográficas e etnoarqueológicas) poderiam ter sido consumidos assados ou cozidos por estes grupos, sendo usadas panelas, caçarolas e torradores de cerâmica e pratos para processar o alimento (Brochado, 1977). A caça de mamíferos, répteis, peixes, coleta de moluscos, crustáceos e frutos já constatado por Schmitz e Gazzaneo (1991), também podem ser pensados para o contextos destes dois sítios, uma vez que se inserem em áreas com ambientes propícios a uma captação de recursos diversificada. Além disso, a localização de ambos, conforme já comentado anteriormente é privilegiada, no sentido de propiciarem uma visão ampla do pequeno vale no qual estão inseridos - sítio T.106 (Fig. A2.1 - Anexo 2). O sítio T.117 (Fig. A2.2 – Anexo 2),

possui vista tanto para a encosta do Planalto como para a Lagoa dos Barros (sul) e para o litoral (leste).

Tendo partido no Cap. II de uma perspectiva micro, que trata da relação do homem com a cultura material e seus significados, parte-se agora para a relação desta cultura material em áreas específicas, comparando os resultados destas análises nos contextos de cada sítio.

III.2 – O SÍTIO TORRE 106

Neste sítio foram feitas coletas sistemáticas com malha móvel em duas áreas, áreas 1 e 3 (Figura A4.1 – Anexo 4) e uma coleta assistemática (área 2). Além disso também foram coletados material de forma assistemática no entorno do sítio. Através da distribuição espacial dos vestígios cerâmicos pode-se observar que na área 1 há uma única concentração, seguida por uma dispersão dos vestígios por uma área ampla (área de coleta). O deslocamento dos artefatos pelo arado foi também aumentado pelo fato do sítio localizar-se em um declive. Em relação à área 3, acredita-se que por esta não ser tão inclinada, esta dispersão foi menor. No entanto, junto à área 2 também há um forte declive acentuado pela erosão do terreno, o que levou a equipe a realizar uma coleta assistemática nesta área.

Quanto aos tipos de vasilhas encontradas neste sítio (Anexo 8), observou-se que existem variados tipos de formas, dependendo da classe e do tamanho. Chama-se à atenção às caçarolas, que além de serem abertas, também apresentam um tipo restringido neste sítio. A grande maioria de tigelas pintadas são restringidas, sendo que o tipo 1 aparece em todas as áreas e os tipos 2 e 3, principalmente na área 1. Além disso, a maior parte dos fragmentos com pintura externa na classe das tigelas não apresentam pintura nem banho interno.

Os tratamentos de superfície externa das vasilhas não variam muito, estando presentes o corrugado, corrugado-ungulado e ungulado, tanto na classe de panelas como de pratos e tigelas. O corrugado é muito mais freqüente que outros tipos de tratamento. Além disso, observou-se também que a espessura mais comum dos fragmentos varia entre 0,6 e 0,8cm.

Os fragmentos cerâmicos coletados estão muito desgastados não só pelo arado, mas pelo atrito decorrente do seu uso (percebido na superfície externa dos fragmentos). Estão presentes nas três áreas trabalhadas do sítio em quantidades

semelhantes (conforme pode ser visto na tabela A6.1 – Anexo 6) apesar da área 3 ter uma área total menor (Fig. A4.1 – Anexo 4). Também foram coletados restos de argila queimados, oriundos da manufatura destas vasilhas, que estão presentes na área 1 e 2.

Conforme mostrado no capítulo anterior (Fig. 2.5) e na tabela 3.1, as vasilhas mais freqüentes neste sítio são as panelas, seguido pelos pratos e tigelas. As tigelas pintadas são a terceira classe de vasilhas mais freqüente. As caçarolas aparecem em menor quantidade e somente um torrador foi identificado.

A fim de comparar áreas de concentração de vestígios deste sítio, optou-se por comparar os resultados da cultura material de cada área trabalhada. Estas são pequenas ‘janelas’ dentro do contexto geral do sítio, mas acredita-se que com a comparação das características das evidências de cada setor, pode-se obter uma melhor aproximação das relações humanas que estavam presentes neste local.

Quanto às classes de vasilhas identificadas por área, as panelas predominam nas áreas 1 e 2 com uma diferença muito pequena em relação à classe dos pratos e tigelas nesta última (Tabela 3.1 abaixo). Já na área 3, as panelas e pratos e tigelas aparecem com igual freqüência. A grande quantidade de panelas, pratos e tigelas já tinha sido observado na avaliação do sítio como um todo (Fig. 2.5 – Cap. II), no entanto, na área 1, observa-se uma diferenciação.

Tabela 3.1 – Tamanho das vasilhas identificadas em cada área do sítio T.106 e sua porcentagem por classes.

| | Miniaturas | Pequenas | Medianas | Grandes | TOTAL |
|------------------|------------|----------|-----------|----------|------------------|
| Área 1 | | | | | |
| Panela | 0 | 1 | 8 | 3 | 12 (50%) |
| Caçarola | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 (4%) |
| Pratos e tigelas | 0 | 2 | 2 | 1 | 5 (21%) |
| Tigelas pintadas | 0 | 2 | 3 | 0 | 5 (21%) |
| Torrador | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 (4%) |
| Total | 0 | 5 | 15 | 4 | 24 (100%) |
| Área 2 | | | | | |
| Panelas | 0 | 8 | 3 | 0 | 11 (48%) |
| Caçarolas | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 (9%) |
| Pratos e Tigelas | 0 | 4 | 4 | 1 | 9 (39%) |
| Tigelas pintadas | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 (4%) |

| | | | | | |
|------------------|----------|-----------|-----------|----------|------------------|
| Total | 0 | 13 | 8 | 2 | 23 (100%) |
| Área 3 | | | | | |
| Panela | 1 | 4 | 3 | 1 | 9 (45%) |
| Pratos e tigelas | 1 | 2 | 6 | 0 | 9 (45%) |
| Tigelas pintadas | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 (10%) |
| Total | 2 | 6 | 11 | 1 | 20 (100%) |

Na área 1, as tigelas pintadas aparecem com a mesma frequência que as tigelas e pratos, enquanto são observadas com menor frequência nas outras duas áreas. Já nas outras áreas os pratos e tigelas aparecem em maior porcentagem que as vasilhas pintadas. Há também uma preferência pelas classes de panelas quanto às vasilhas usadas no fogo. Já as caçarolas são raras e aparecem somente nas duas primeiras áreas. O único torrador identificado está localizado na área 1, caracterizando-a como a área com maior quantidade de classes de vasilhas. Já a área 3 apresenta somente panelas, pratos e tigelas e tigelas pintadas.

Pensando em termos de tipos de atividade humana, como preparar alimentos, cozinhar e servir, escolheu-se aqui separar as vasilhas que vão ao fogo das que não vão. As vasilhas que vão ao fogo seriam para cozinhar ou torrar alimentos e as outras para preparar, servir, consumir ou guardar/conter líquidos, alimento sólido ou miudezas. Restos de argila apareceram nas áreas 1 e 2, nas quantidades de 2 e 3 respectivamente.

Observou-se que as vasilhas que vão ao fogo (panelas, caçarolas e torrador) aparecem com maior frequência (58%) que as outras vasilhas (pratos e tigelas e tigelas pintadas – 41%) na área 1. O mesmo foi observado na área 2 (57% e 43%, respectivamente). Já na área 3 as vasilhas que não vão ao fogo aparecem em maior proporção (55%) que as outras (45%).

Na tabela 3.1 acima, além da comparação das classes de vasilhas foi feita uma comparação dos tamanhos dos diâmetros das vasilhas cujas formas foram identificadas em cada área. Na área 1 a maior quantidade de panelas foi as de tamanho mediano, destacando-se também três tamanhos grandes (do tipo 1). É a área que mais apresenta tamanhos grandes, somando-se às panelas um prato ou tigela. Os pratos e tigelas e tigelas pintadas nesta área são em sua maioria pequenos e medianos. Já na área 2 a maioria das panelas identificadas são pequenas e poucas são medianas. Já as caçarolas representam, junto com um prato ou tigela, as duas

únicas panelas de tamanhos grandes nesta área, sendo que a outra caçarola identificada é mediana. Assim como na área anterior, os pratos e tigelas aparecem em sua maioria como pequenos e medianos e a única tigela pintada identificada é pequena.

A área 3 apresenta somente três classes de vasilhas. As panelas aparecem de todos os tamanhos e os pratos e tigela em sua maioria são medianos. Destaca-se que as duas únicas miniaturas encontradas neste sítio estão na área 3, e aparecem na forma de panela e pratos ou tigelas. As tigelas pintadas, por sua vez, são somente duas medianas.

A quantidade de material lítico coletado no sítio T.106 foi muito pequena, conforme pode ser observado na Tabela 3.2. A única área que apresenta algum tipo de artefato com modificação antrópica é a área 1, com três lascas – uma unipolar de basalto e duas bipolares de calcedônia. Outros vestígios identificados foram os fragmentos térmicos, pedras de basalto com alteração do fogo que aparecem na área 1 e na área 3 (somente um fragmento).

Tabela 3.2 – Material lítico do sítio T.106 por área.

| | Área 1 | Área 2 | Área 3 |
|----------------------------|----------|----------|----------|
| Lasca unipolar (basalto) | 1 | 0 | 0 |
| Lasca bipolar (calcedônia) | 2 | 0 | 0 |
| Fragmento térmico | 4 | 0 | 1 |
| Total | 7 | 0 | 1 |

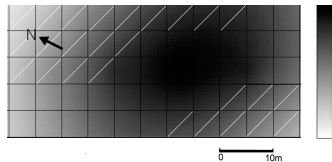
Além do material lítico coletado especificamente nestas áreas, também foi coletado, de forma assistemática, um instrumento sobre lasca de seixo de basalto (Fig. A10.2 – Anexo 10) e uma lasca de basalto. Este instrumento apresenta um gume cortante menor que 30 graus e é o único instrumento identificado nos dois sítios que pode ter apresentado algum tipo de retoque, pois estão presentes retiradas pequenas em ambas faces do gume.

Em relação à área 2 nada se infere sobre a distribuição espacial de atividades e cultura material, devido ao fato do material ter rolado. No entanto, considera-se esta área também importante dentro da relação espacial de concentração de vestígios neste sítio devido à quantidade expressiva de material nela observado quando

comparado com as outras duas áreas, uma com tamanho semelhante e a outra menor, mas com quantidades de artefatos semelhantes.

Para as áreas 1 e 3, características da cerâmica foram relacionadas com a localização espacial dos fragmentos dentro das áreas trabalhadas. Para isso foram selecionados atributos como a forma da cerâmica e o tratamento de superfície externa, para ponderar até que ponto eles podem fornecer informações acerca das relações humanas neste local.

III.2.1 – Área 1 (sítio T.106)



Nesta área foi feita uma coleta superficial ampla, totalizando 28 quadras de 5x5m divididas em quadrículas de 1x1m (Figura A4.1 – Anexo 4). Há uma concentração de vestígios que não ultrapassa cinco fragmentos por quadrícula. Tendo em vista as considerações gerais comentadas acima, procura-se, a seguir, tentar entendê-las espacialmente. Este tipo de análise será feita também para a área 3 deste sítio e para as duas manchas pretas escavadas no sítio T.117.

As figuras que mostram a distribuição espacial da cerâmica segundo os seus tipos de tratamento de superfície externa e o seu tipo de queima pouco podem informar quanto à atividade humana neste local (Figs. A11.1 e A11.2 – Anexo 11). O tratamento de superfície, assim, não é diagnóstico para pensarmos áreas de atividade. Mesmo que geralmente esteja associado às formas das vasilhas e a sua funcionalidade, vistos isoladamente não fazem sentido. Observa-se, por exemplo, na figura A11.1 (Anexo 11) uma distribuição aleatória e quase homogênea de todos os tipos de tratamento de superfície nos artefatos ao longo de toda a área.

Quanto à queima, o mesmo tipo de distribuição foi observado. Isto certamente está relacionado à dificuldade de se analisar padrões de queima em fragmentos. Os tipos de queima são interessantes quando se tem uma vasilha inteira, ou pelo menos um perfil da mesma.

Quando se fala em consumo de vasilhas, se associa a funcionalidade de vasilhas à algumas ações humanas. Na área 1, as classes de vasilhas e os tamanhos das mesmas estão apresentados espacialmente nas Figuras 3.1 e 3.2. Observa-se que os tipos de vasilhas mais freqüentes nos locais mais periféricos são as tigelas e pratos pequenos e medianos. As panelas estão mais presentes junto às

concentrações e as tigelas pintadas estão tanto na periferia quanto junto às concentrações. Já a caçarola e o torrador (indicados com flechas) também estão junto às duas concentrações. As vasilhas grandes localizam-se também em uma das áreas de concentração, onde estão presentes vasilhas médias e pequenas.

A concentração onde estão as vasilhas grandes, que poderiam estar associadas a atividades de processamento de alimentos e cozimento não coincide com a concentração mais geral dos fragmentos de cerâmica nesta área (Fig. A5.1 – Anexo 5). Isto poderia indicar que os locais de cozimento de alimentos não necessariamente estão relacionados a locais de concentração de vestígios cerâmicos.

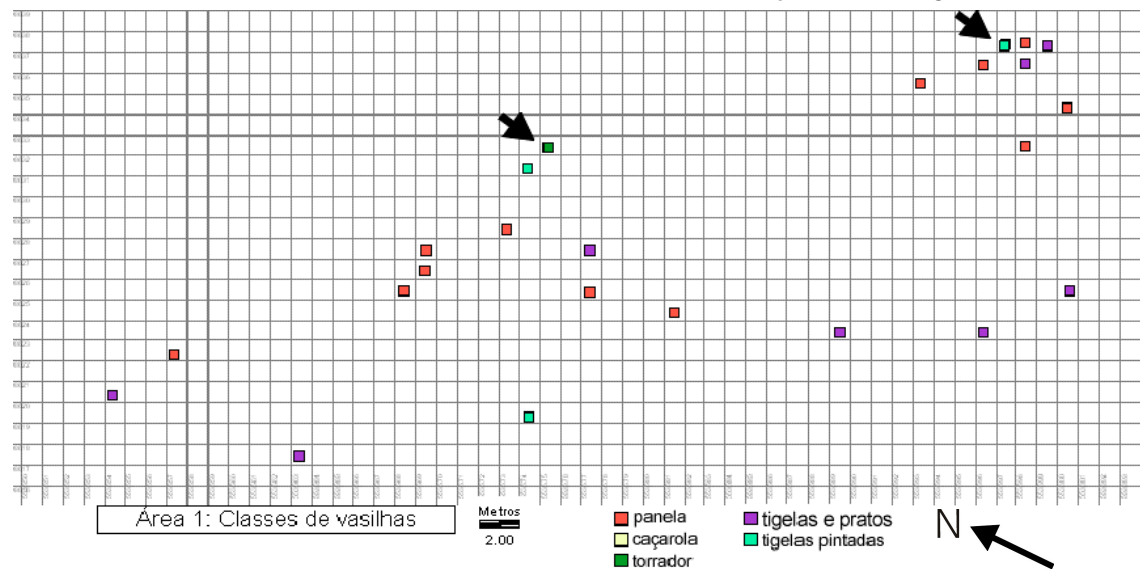


Fig. 3.1 – Distribuição espacial das diferentes classes de vasilhas na área 1 – T.106. (Software: Idrisi Kilimanjaro)

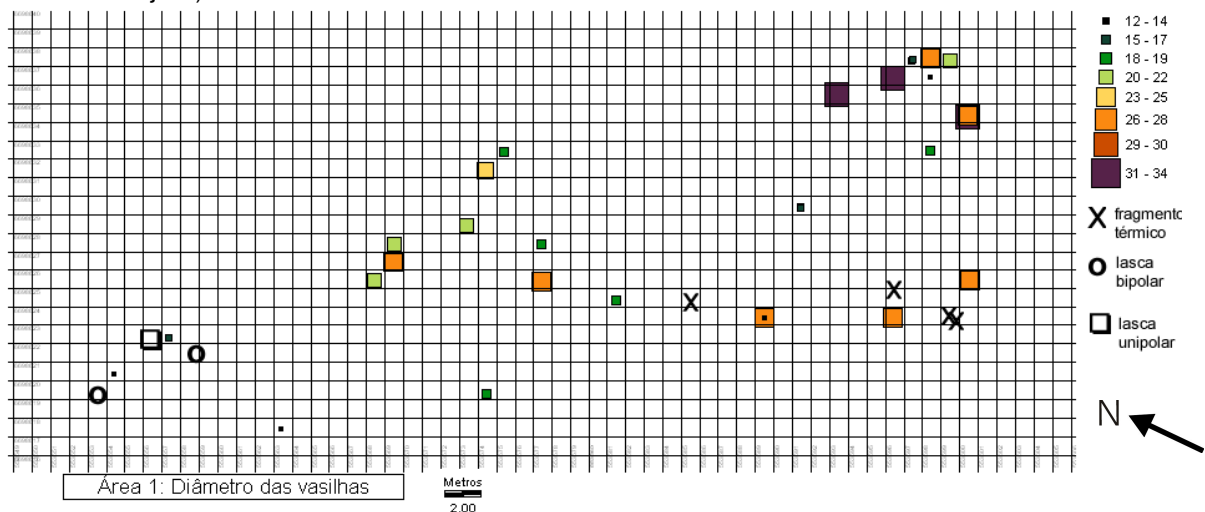


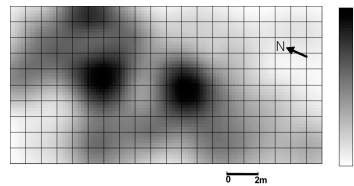
Fig. 3.2 – Distribuição espacial das vasilhas na área 1 - T.106 - segundo os diâmetros (em cm) e de tipos de material lítico. (Software: Idrisi Kilimanjaro)

Os dois restos de argila encontrados nesta área estão localizados um em cada uma das concentrações de vasilhas, observadas principalmente na figura 3.1.

Interpreta-se, assim, que a concentração de vasilhas onde estão presentes as vasilhas maiores pode estar relacionada ao cozimento das vasilhas, estando assim, os outros vestígios identificados na zona mais central como um descarte associado à esta atividade e possivelmente também à atividades de consumo.

Os poucos vestígios líticos identificados (lascas bipolares e unipolar) nesta área (Fig. 3.2) localizam-se em uma área periférica, junto a vasilhas medianas, panela e tigela e prato. Estes últimos podendo estar associados à possíveis atividades de preparação e cozimento de alimentos feita em área onde estão as vasilhas maiores. Ressalta-se que as lascas estão em locais bem mais afastados, sugerindo atividades de lascamento em uma área de criação e de consumo, mas diferenciada da criação de alimentos.

III.2.2 – Área 3 (sítio T.106)



A área 3, a menor das áreas trabalhadas, compreende oito quadras de 5x5m e apresenta duas concentrações maiores de vestígios cerâmicos (tabela A6.1 – Anexo 6) que alcançam até 6 fragmentos em cada quadrícula de 1x1m. Esta área é mais plana que a área 1 e nela foram feitos também poços-testes; os fragmentos coletados a partir destes poços-teste também foram incluídos na distribuição espacial.

Para esta área também foi estudada a distribuição espacial da cerâmica segundo os atributos tratamento de superfície externa e queima. Assim como na área 1, os resultados não mostraram padrões passíveis de algum tipo de interpretação em termos de identificação de atividade humana (Fig. A11.3 e A11.4 – Anexo 11).

As classes de vasilhas estão bem espalhadas, mas observa-se que as miniaturas estão próximas à vasilhas medianas e uma de tamanho pequeno estão associados à restos de argila (Fig. 3.4). As vasilhas medianas, que estão em maior frequência nesta área, também estão distribuídas por toda ela. Os pratos e tigelas aparecem na mesma proporção, sendo que a maioria das tigelas são medianas.

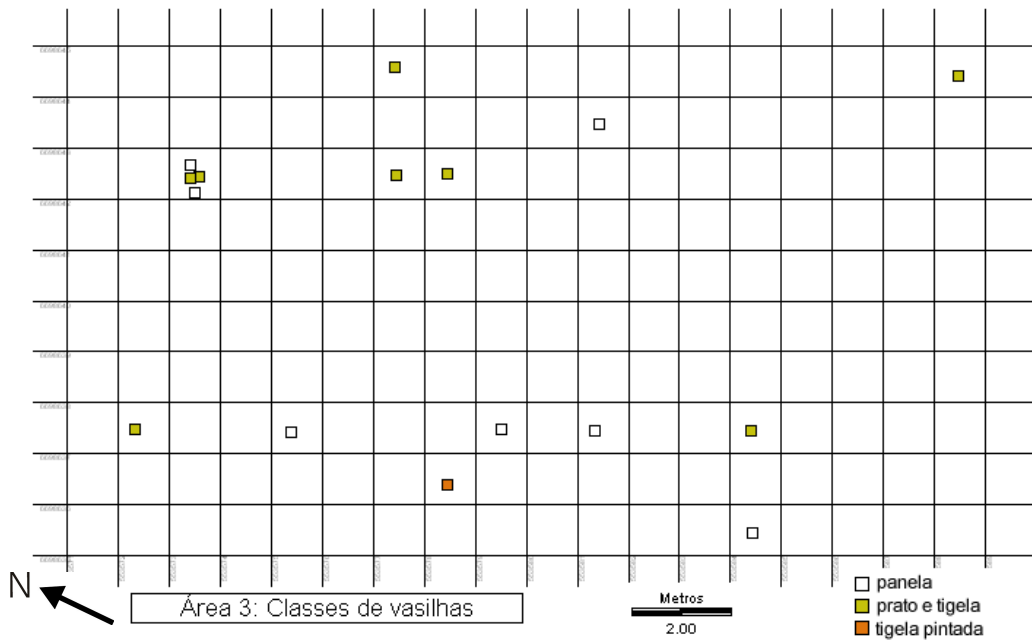


Fig. 3.3 – Distribuição espacial das classes de vasilhas da área 3 - T.106 - (Software: Idrisi Kilimanjaro).

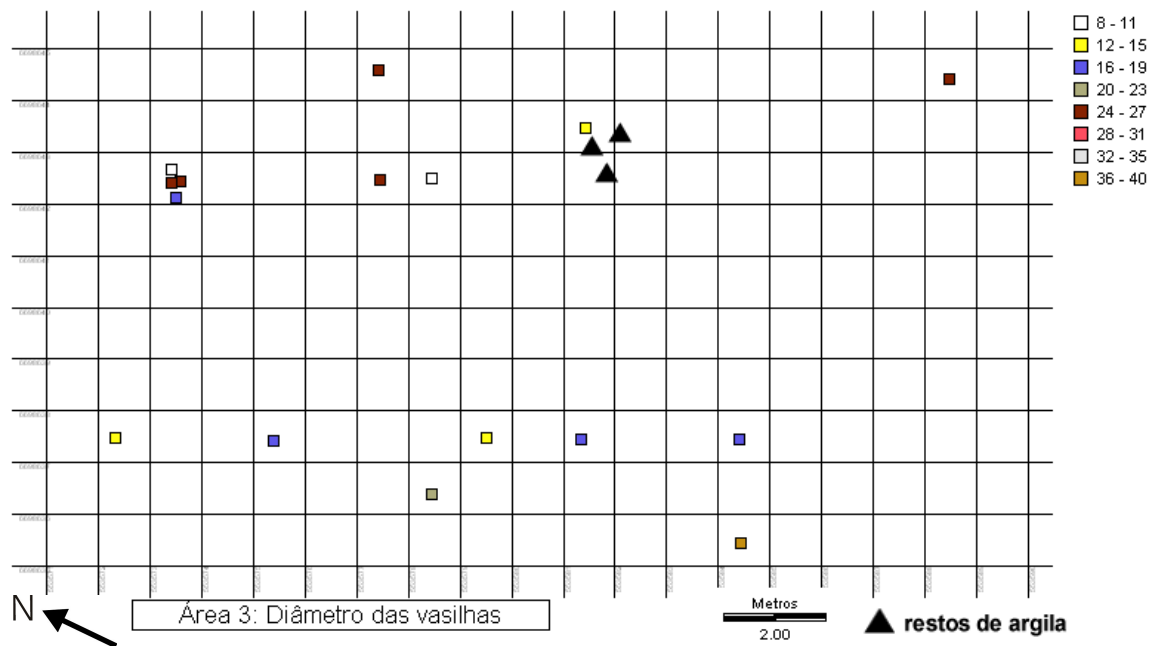


Fig. 3.4 – Distribuição espacial dos tamanhos das vasilhas da área 3 - T.106 - (Software: Idrisi Kilimanjaro).

A princípio parece haver duas concentrações de vasilhas, o que não faria sentido algum porque as vasilhas são inferidas a partir das bordas, e tanto a ação humana, através do uso, quanto a ação pós-deposicional não fazem este tipo de separação. Portanto procurou-se ver esta distribuição em relação à todas as bordas,

incluindo as que não permitiam a identificação do tipo de vasilha. Conforme observa-se na Figura 3.5 as bordas possuem uma distribuição que não apresenta esta separação. Esta somente é observada quando não são todas as formas representadas, mas somente as usadas para fazer a reconstrução. O que é possível inferir é que as bordas que estão representadas por formas no gráfico das Figuras 3.3 e 3.4 estão mais inteiras, mas teria que ser feito este tipo de análise também para os fragmentos de corpo e base.

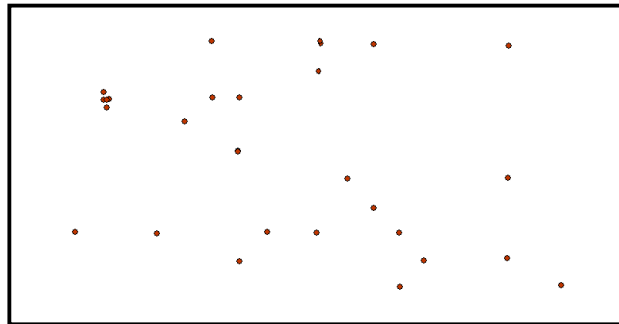


Fig. 3.5 – Distribuição geral de todas as bordas na área 3

A área 1 é a área mais ampla de todas. Apresenta grande variedade de classes de vasilhas, incluindo um torrador. Nela há uma maior porcentagem de panelas que, em sua maioria, são de tamanhos grandes. Há um predomínio de vasilhas medianas e é área que mais apresenta vasilhas pintadas, que são dos tipos 2 (uma tigela aberta) e 3 (tigelas restringidas). Nesta área há mais pratos que vão ao fogo e bolotas de argila.

Sugere-se, assim, que a área 1 está ligada tanto à criação de vasilhas como ao preparo de alimentos. Há também atividades relacionadas ao consumo destes alimentos. O material lítico estaria também indicando a possibilidade de ser uma área de atividade relacionada à criação de artefatos, área mais afastada, bem como do seu consumo, apresentando pedras de basalto estouradas do fogo.

A área 3 tem a menor variedade de classes e é a única área que apresenta vasilhas em miniatura. A maioria das vasilhas nesta área não vai ao fogo e possuem todos os tamanhos, estando, assim, ligada ao consumo de alimentos. Também possivelmente estariam relacionadas à aprendizagem devido aos roletes e vasilhas

miniaturas de tigelas; estas poderiam fazer parte do conjunto de vasilhas de uso cotidiano, mas há também panelas miniaturas.

A área 2, por sua vez, não apresenta refugio de manufatura de vasilhas e nem material lítico. Em geral, as vasilhas são de tamanhos pequenos, principalmente, e medianos, sendo que a maioria das panelas são pequenas.

A presença de um artefato lítico neste sítio, embora tenham sido coletado de forma assistemática, indica atividades relacionadas ao consumo (corte e processamento de alimentos). Além disso, alguns instrumentos também estavam sendo manufaturados ali, como pode se observar a partir da área 1. No entanto, ressalta-se que há uma busca por matérias-primas diferentes do basalto associado ao afloramento do topo do morro onde se encontra o sítio; pois foram encontradas também matérias-primas de calcedônia.

Neste sítio há muito pouco material lítico, tendo em vista a ampla área de coleta realizada. O material lítico pode estar associado a outros lugares, talvez os locais de busca de matéria-prima ou outras áreas, onde a cerâmica não está tão concentrada.

III.3 – O SÍTIO TORRE 117

Neste sítio foram feitas escavações em duas manchas pretas. A terceira mancha localizada foi deixada preservada, pois não seria impactada (Fig. A4.2 – Anexo 4).

As manchas-pretas são citadas na bibliografia como “...estruturas... resultantes da coloração do carbono residual do material orgânico decomposto das madeiras, fibras e palhas que constituíam as construções e os objetos perecíveis em geral.” (Noelli, 1993, p. 87). São freqüentemente associadas a habitações (Meggers e Maranca, 1990; Schmitz, 1991), no entanto, chama-se a atenção aqui para a sua relação com outros tipos de atividade humana. Noelli (1993) associa estas manchas tanto a estruturas de habitação como a estruturas anexas com diversos fins, como processamento de alimentos, depósito e manufatura de objetos, lazer, dentre outros; são locais multifuncionais, cobertos ou não.

Diferentemente do outro sítio, onde foram feitas coletas, na mancha 1 foi feita uma escavação em xadrez, em quadrículas de 1x1m, resultando em 28 m² (Fig. A5.2 – Anexo 5). Na mancha 2, foi feita a escavação, também em quadrículas de 1x1m, de duas quadras de 5x5m (Fig. A5.3 – Anexo 5). As escavações neste sítio não ultrapassaram 10 cm de profundidade.

Outra característica deste sítio que o diferencia do outro é o fato de encontrar-se em um terreno plano. O arado, assim, perturbou a localização geral dos vestígios, mas não os espalhou tanto quanto foi observado na área 1 do sítio T.106.

No caso da mancha 2 observa-se, a partir da tentativa de colagem dos fragmentos (Fig. A5.6 – Anexo 5) que há uma dispersão desordenada dos fragmentos cerâmicos na área escavada que não segue o padrão do arado - conforme já explicitado no Cap. 1. Acerca da distribuição espacial de objetos decorrentes da ação humana em um sítio, Stevenson (1991) comenta que a atividade humana pode espalhar, concentrar e dispersar artefatos horizontalmente de acordo com o seu tamanho, em superfícies de ocupação e também verticalmente, em depósitos. Este autor ainda divide esta dispersão em intencional e não-intencional. Na primeira, o processo é aleatório e implica no caminhamento de pessoas. Os artefatos menores acabam se acomodando com o caminhamento e os maiores são mais suscetíveis a migrarem para lugares onde não tem muita atividade. Artefatos de ambos tamanhos tendem a se acumular junto a plantas, paredes, e objetos maiores que estão no chão. A atividade intencional refere-se a artefatos maiores, que são tirados do caminho por onde passam as pessoas, enquanto os menores acabam ficando. Este tipo de movimentação inclui também as crianças às quais os artefatos maiores chamam mais à atenção. Além disso, este autor também comenta que itens recém descartados tendem a ficar acumulados ao redor de fogueiras.

Em relação ao efeito do caminhamento na distribuição dos artefatos em uma área, Gregg, Kintigh e Whallon (1991) simularam um caminhamento em um sítio apresentando resultados positivos e concluindo que a análise espacial quantitativa oferece uma descrição rigorosa da estrutura dos dados em um sítio. No presente estudo, no entanto, houve uma perda na resolução da localização espacial, que deve ser levada em consideração nas interpretações arqueológicas.

Pensando estas considerações gerais no contexto do sítio T.117, na mancha 1 há um deslocamento de artefatos principalmente em uma direção e vários fragmentos colados estavam lado a lado. A fragmentação destes últimos provavelmente se deu

através da ação do maquinário pesado, pois esta mancha se localiza na via de acesso à torre de transmissão. Os fragmentos cerâmicos estão mais quebrados que os escavados na mancha 2 e estão espalhados de forma aleatória em relação aos seus tamanhos. Já na mancha 2, múltiplos sentidos de deslocamento de artefatos são sugeridos pela análise da colagem dos cacos de cerâmica. Estes deslocamentos não seguem uma direção única, conforme o esperado pela ação do arado. Sugere-se que este tipo de deslocamento pode ter sido determinado pelo tamanho dos objetos e pela alta circulação de pessoas que estariam deslocando os fragmentos. Observa-se que os artefatos de dimensões menores estão localizados junto às placas de basalto e na periferia da mancha, afastados da estrutura de combustão, mas também estão presentes na área de concentração de material lítico.

Neste sítio há não só uma maior quantidade de material lítico em comparação com o outro, como também existe uma maior variedade dos tipos de material identificados. Além disso, conforme já explicitado no capítulo anterior, a análise da cerâmica mostrou que há uma maior variabilidade de combinações de inclusões neste sítio quando comparado com o outro, que pode estar relacionado a uma maior disponibilidade de pontos de coleta de matéria-prima. A espessura média dos fragmentos é 2mm maior que no sítio T.106, a maioria variando de 0,8 a 1,0cm. Os mesmos tipos de tratamento de superfície externa, observados no outro sítio, foram identificados neste sítio.

Chama-se atenção para algumas diferenças relacionadas à forma das vasilhas: nenhuma vasilha da classe torrador foi identificada neste sítio, no entanto foram encontradas duas talhas e três vasilhas associadas à tradição Taquara. Quanto às vasilhas que vão ao fogo, há um terceiro tipo de panelas, ovóides e restringidas. Já as caçarolas neste sítio, diferentemente do outro, somente apresentam formas abertas.

Os pratos e tigelas do tipo 1, identificados neste sítio, possuem uma maior variedade de tamanho e tipos de lábio do que as formas identificadas no sítio T.106. Somente neste sítio foi encontrado um quarto tipo de tigelas abertas com bordas côncavas inclinadas para fora. Também foi observado um quarto tipo com bordas verticais em relação às tigelas pintadas. No entanto, o segundo tipo destas vasilhas presente no sítio T.106, e representado somente por um fragmento, não apareceu aqui no T.117.

Estas constatações mais gerais em relação a cada sítio são relevantes, mas pretende-se focar mais a análise espacial em cada um deles. Abaixo serão

comparados os resultados gerais dos vestígios cerâmicos e líticos em cada mancha escavada.

Tabela 3.4 - Comparação das classes de vasilhas e restos de argila queimada nas duas manchas do sítio T117.

| | Miniaturas | Pequenas | Medianas | Grandes | Total | |
|--------------------------|------------|-----------|-----------|----------|-----------|---------------|
| <i>Mancha 1*</i> | | | | | | |
| Panela | 0 | 5 | 4 | 1 | 10 | (37%) |
| Caçarola | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 | (7%) |
| Pratos e tigelas | 1 | 2 | 4 | 4 | 11 | (41%) |
| Tigelas pintadas | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 | (7%) |
| Total | 1 | 7 | 12 | 5 | 27 | (100%) |
| <i>Mancha 2**</i> | | | | | | |
| Panelas | 2 | 4 | 20 | 1 | 27 | (40%) |
| Caçarolas | 0 | 0 | 4 | 0 | 4 | (6%) |
| Pratos e Tigelas | 2 | 4 | 9 | 0 | 15 | (22%) |
| Tigelas pintadas | 1 | 8 | 8 | 1 | 18 | (27%) |
| Talha | 0 | 2 | 0 | 0 | 2 | (3%) |
| Total | 5 | 19 | 41 | 2 | 67 | (100%) |

* na mancha 1 foram identificadas também duas vasilhas Taquara medianas, totalizando, portanto, 27 vasilhas.

** na mancha 2 foi identificada uma tigela Taquara de tamanho pequeno, totalizando 67 vasilhas nesta mancha.

Os restos de argila queimados resultantes da manufatura das vasilhas totaliza 12 vestígios de cerâmica com formas arredondadas e um rolete amassado com marcas de dedos. Eles estão localizados todos na mancha 1.

Comparando as manchas quanto às vasilhas usadas no fogo e as usadas para servir e armazenar (Tabela 3.3), observa-se na mancha 1, com 52% de vasilhas referindo-se ao primeiro caso e 48% ao segundo. Já na mancha 2 há uma menor porcentagem de vasilhas usadas no fogo (46%), do que usadas para servir (51%); no entanto esta diferença não é muito significativa. Ressalta-se, ainda, que nesta mancha há duas talhas que representam 3,0% do total das vasilhas desta mancha.

Percebe-se que há uma preferência pelo uso das panelas para cozinhar, estando as caçarolas também presentes, mas em pequenas proporções em ambas manchas. Na mancha 1, a quantidade de pratos e tigelas e de panelas é praticamente

igual, classes que predominam no contexto desta mancha. Na mancha 2, há um predomínio de panelas, seguido por pratos e tigelas e tigelas pintadas em proporções muito parecidas. Dos fragmentos associados a vasilhas da tradição Taquara, dois estão presentes na mancha 1 e um na outra mancha. As talhas estão presentes somente na mancha 2 e fazem com que esta apresente uma maior variedade de classes de vasilhas do que a outra mancha. Ressalta-se, ainda, que a maior variação de inclusões presente neste sítio refere-se somente à mancha 2, estando presentes na mancha 1 as combinações mais comuns de hematita, quartzo, mica e feldspato (Tabela 2.1 – Cap. II).

O único tipo de pintura externa identificado na mancha 1 foi o pintado de branco. Já na mancha 2, há o pintado de vermelho e preto e faixas e linhas vermelhas sobre branco, representando uma maior variação de motivos quando comparados os resultados dos dois sítios.

Quanto aos artefatos líticos identificados em ambas manchas, observa-se, mais uma vez, uma maior quantidade de tipos na mancha 2 (Tabela 3.5). Os fragmentos naturais e térmicos, assim como fragmentos de lascamento, os percutores e as lascas unipolares de basalto estão presentes em ambas manchas. Já um fragmento de arenito friável com polimento está presente somente na mancha 1. Além destes artefatos, também foi encontrado na mancha 2 um núcleo de basalto, uma lasca bipolar, dois instrumentos sob lasca e uma placa de basalto com lascamento na sua extremidade.

Tabela 3.5 - Comparação geral dos artefatos líticos coletados nas duas manchas – T.117.

| | Mancha 1 | | Mancha 2 | |
|------------------------------|-----------------|---------------|-----------------|---------------|
| Núcleo | 0 | (0%) | 1 | (1%) |
| Lasca unipolar (basalto) | 7 | (27%) | 19 | (24%) |
| Lasca bipolar (quartzo) | 0 | (0%) | 1 | (1%) |
| Fragmento de lascamento | 1 | (4%) | 5 | (6%) |
| Instrumento sob lasca | 0 | (0%) | 2 | (3%)* |
| Percutor com fogo | 2 | (8%) | 2 | (3%) |
| Arenito com polimento | 1 | (4%) | 0 | (0%) |
| Placa basalto com lascamento | 0 | (0%) | 1 | (1%) |
| Fragmento térmico | 5 | (19%) | 31 | (40%) |
| Fragmento natural | 10 | (38%)** | 16 | (21%)*** |
| Total | 26 | (100%) | 78 | (100%) |

* arenito e basalto

** quartzo (2), arenito friável (1), basalto (7)

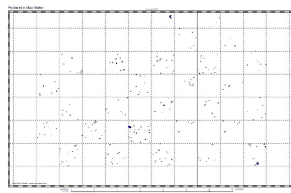
*** arenito friável (4), basalto (9), hematita (3)

Na mancha 1 há um predomínio de fragmentos naturais de quartzo, arenito friável e basalto (38%) seguido pelas lascas unipolares que também apresentam-se em grande quantidade (27%). Na mancha 2, os fragmentos térmicos (40%) predominam sobre todos os outros vestígios, em segundo lugar vem as lascas de basalto (24%) seguidos pelos fragmentos naturais de arenito friável, basalto e hematita (estando o quartzo também presente através da lasca bipolar). Todos os instrumentos identificados nestes sítio localizam-se na mancha 2.

Além dos vestígios identificados nas duas manchas, também foram coletados fragmentos cerâmicos e material lítico com nível topográfico. De um total de 19

fragmentos cerâmicos (tabela A6.1 – Anexo 6), foram identificadas uma panela, quatro pratos e tigelas e duas tigelas pintadas. Quanto aos artefatos líticos, foram coletados três fragmentos térmicos (dois de basalto e um de arenito silicificado), e um poliedro de basalto com lascamento quebrado em dois (Fig. A10.6). Ainda, foi coletado no entorno do acesso à Torre 117 uma placa de basalto com alterações no córtex para tirar corante e um instrumento sobre bloco de basalto (Fig A10.5 – Anexo 10).

III.3.1 - Mancha 1 (sítio T.117)



Esta mancha foi escavada em xadrez em níveis de 10 cm de profundidade. O solo estéril apareceu aos 12cm. Na figura 3.6 estão gráficos de densidade de material cerâmico e lítico em separado. Há duas concentrações de cerâmica com um máximo de 42 fragmentos por quadrícula de 1x1. Quanto aos vestígios líticos foi identificada uma concentração principal que se prolonga um pouco para o centro da área escavada.

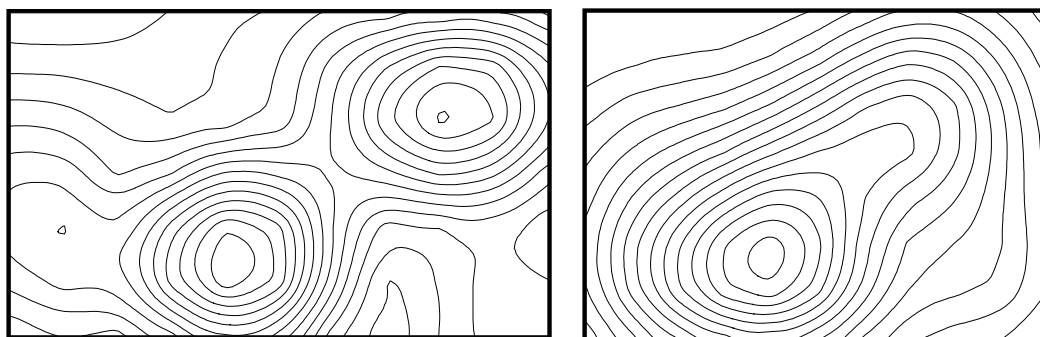


Fig. 3.6 – Distribuição do material lítico (esq.) e cerâmico (dir.) na mancha 1.

A fim de entender de que forma estes vestígios estavam distribuídos procurou-se analisar espacialmente algumas categorias, como a forma/função das vasilhas e o tipo de material lítico, da mesma forma já apresentada para o sítio T.106.

Para este sítio, também foram feitos gráficos que tratam da distribuição espacial dos fragmentos segundo os tipos de tratamento de superfície externa e queima nas duas manchas. Conforme já observado no sítio T.106, estes atributos não se mostraram úteis para a interpretação quando analisados de forma espacial. Mesmo

assim, sua distribuição espacial pode ser visto no Anexo 11, figuras A11.5 e A11.6 (mancha 1) e A11.7 e A11.8 (mancha 2).

Na figura 3.7 a distribuição espacial das classes de vasilhas mostra que os pratos e tigelas e as panelas, classes em maior quantidade, apresentam-se distribuídas por toda a mancha. Já as caçarolas estão associadas tanto a um aglomerado de panelas quanto a um outro que inclui tigelas pintadas e pratos e tigelas. Estes aglomerados correspondem às duas concentrações gerais de fragmentos cerâmicos.

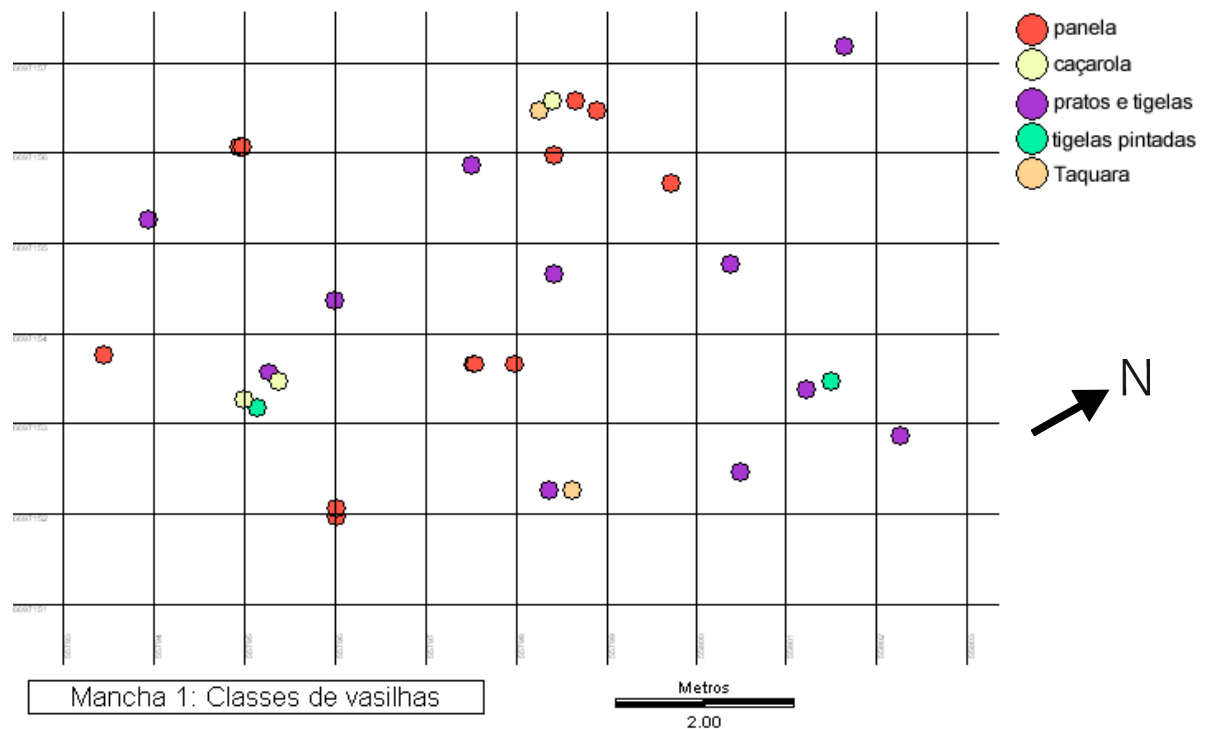


Fig. 3.7 – Distribuição espacial das classes de vasilhas na mancha 1 – T.117.

Na figura 3.8 abaixo, observa-se que nestas duas concentrações há variedade de tamanhos. Mais afastados das concentrações estão fragmentos de tamanhos medianos a pequenos. A única miniatura está indicada com a flecha.

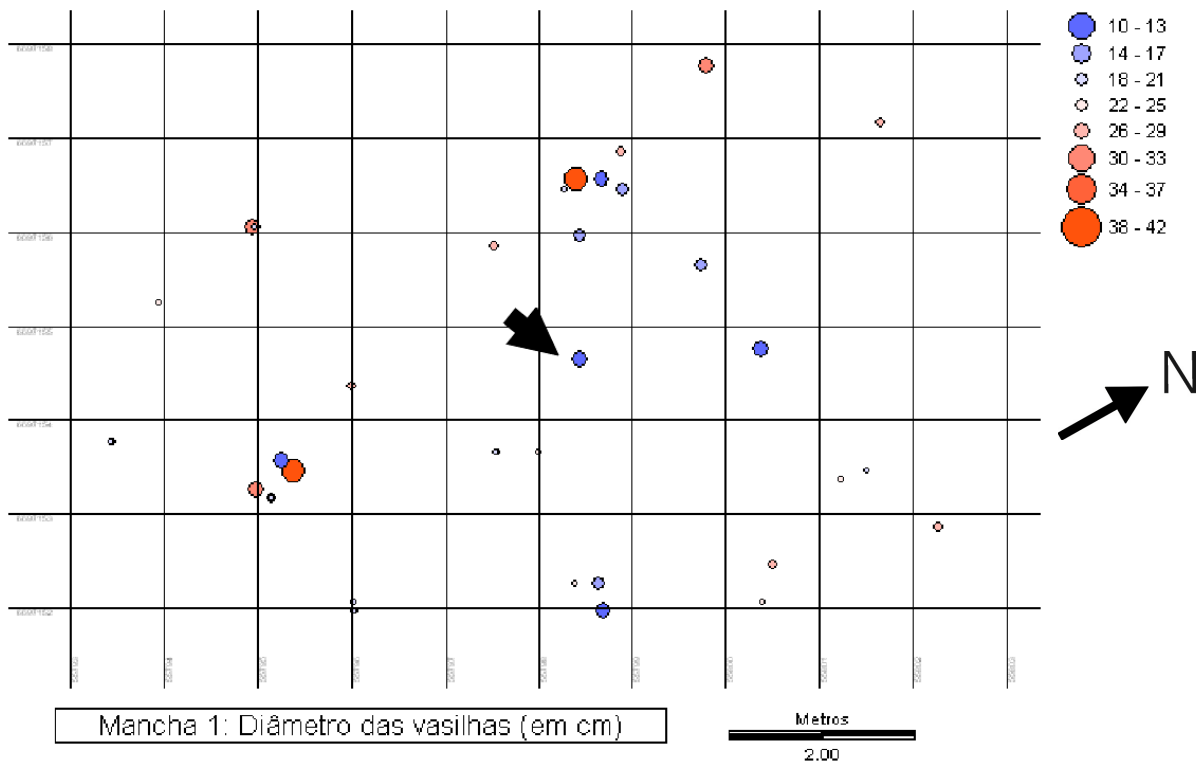


Fig. 3.8 – Distribuição espacial das vasilhas de acordo com seus diâmetros na mancha 1 – T.117.

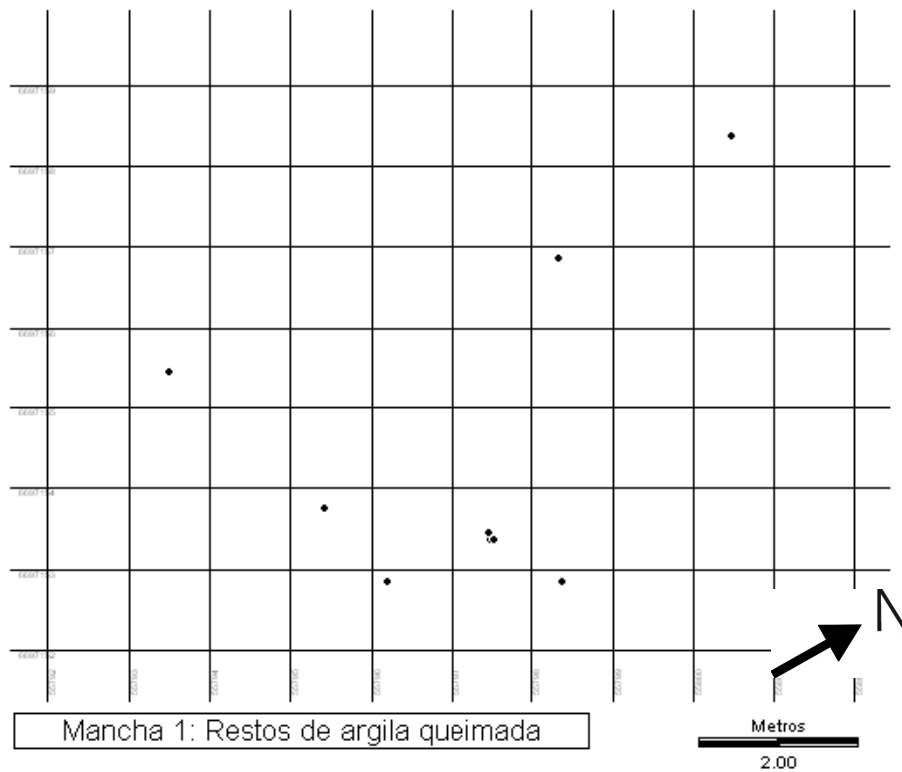


Fig. 3.9 – Distribuição espacial dos refugos de argila na mancha 1 – T.117.

Além dos fragmentos de cerâmica, outro tipo de vestígio cerâmico foi encontrado somente na mancha 1. São restos de argila queimada que estão dispostos espacialmente junto a uma das concentrações de cerâmica, conforme observado na figura 3.9 acima.

A presença de restos de argila queimada nesta mancha indica um tipo de atividade diferenciada da outra mancha, aqui relacionada à criação de vasilhas. Não foi identificada nenhuma estrutura de combustão, o que pode sugerir que as vasilhas estavam sendo queimadas em outro lugar. Conforme comentado anteriormente, as manchas escuras não estão necessariamente associadas à moradia. Podem tratar-se de áreas de convívio intenso ao ar livre ou em tendas mais abertas - chamadas estruturas anexas - onde poderiam estar ocorrendo atividades como manufatura, lascamento de lítico e armazenamento de vasilhas (Noelli, 1993; Silva, 2000). Como não foi identificado nenhuma marca de poste, não é possível referir-se à ambas manchas como estruturas com paredes e teto, embora estas serem relatadas com frequência em publicações sobre o tema.

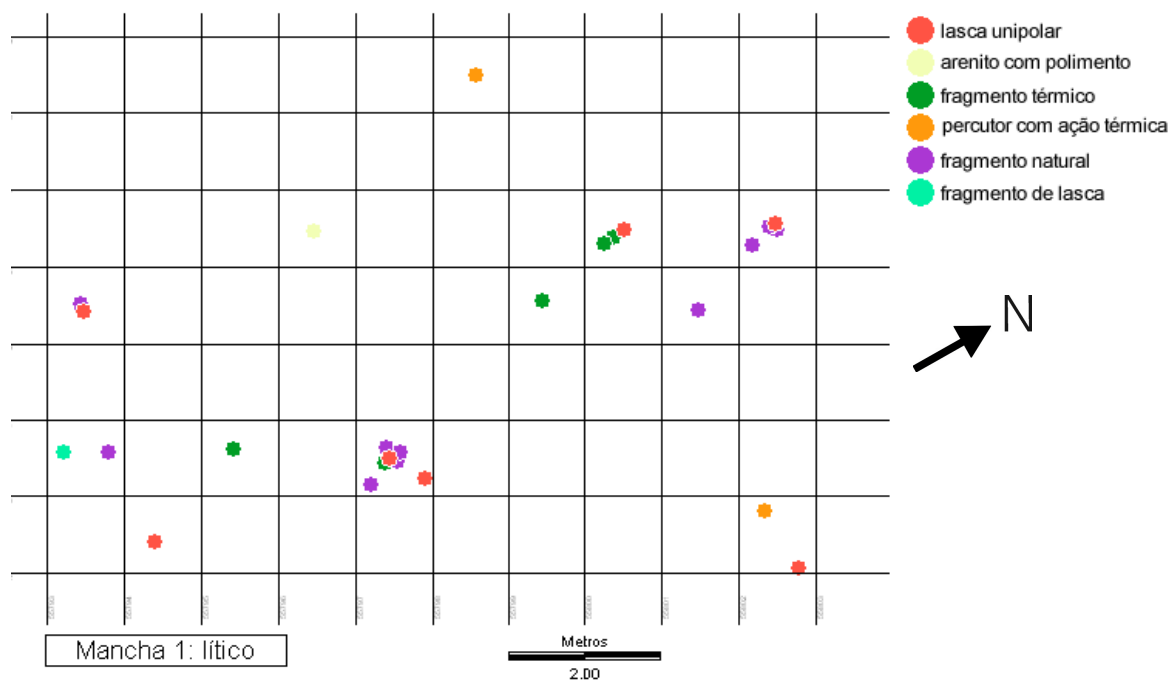


Fig. 3.10 – Distribuição espacial dos tipos de artefatos líticos escavados na mancha 1 – T.117.

A figura 3.10 mostra a distribuição do material lítico escavado na mancha 1 do sítio T.117. A concentração mais expressiva deste material, refere-se a fragmentos naturais (em sua maioria basalto), fragmentos térmicos e lascas unipolares de basalto. Esta concentração coincide com uma das concentrações de cerâmica. Observa-se

que os percutores com marcas de lascamento térmico estão afastados das concentrações tanto de cerâmica como de material lítico.

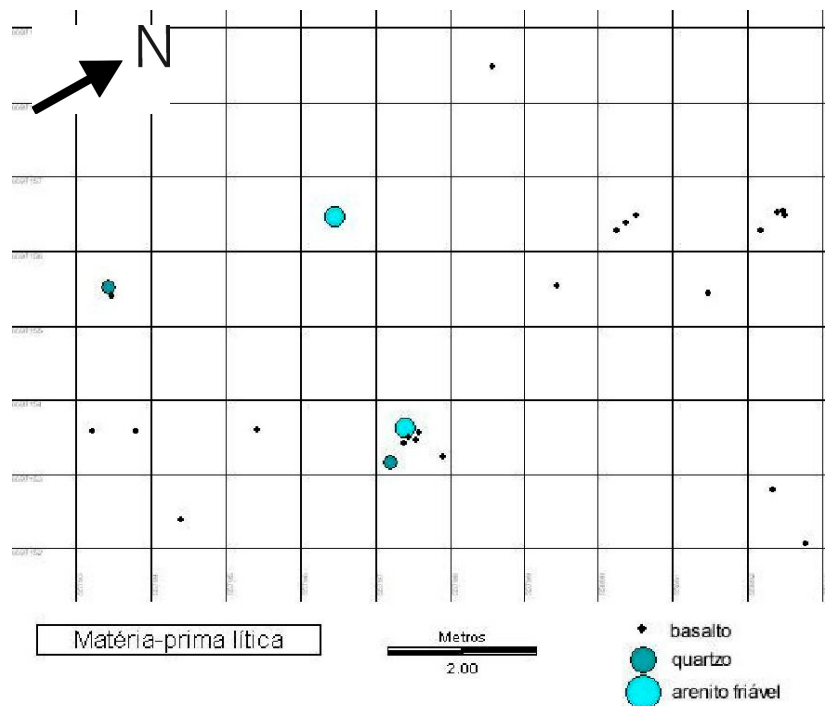


Fig. 3.11 – Distribuição espacial do material lítico na mancha 1 - T.117 - segundo os tipos de matérias-primas identificadas.

Quanto à distribuição espacial relativa aos tipos de matéria-prima (Fig. 3.11), observa-se que o basalto está presente por toda a área escavada, seja através de lascas unipolares, fragmentos naturais ou térmicos. Um fragmento de arenito friável está localizado em uma das concentrações de cerâmica e outro, que apresenta polimento, está afastado destas concentrações. Percebe-se que os artefatos relacionados com ações humanas de polir pelo desgaste - usando um material abrasivo como o arenito - e de lascamento - representado pelos percutores - estão localizados na periferia, indicando atividades humanas afastadas da concentração maior de material lítico. A concentração está mais relacionada com um refugio e as atividades, seja de lascamento ou manufatura e consumo de vasilhas e alimentos, estariam sendo realizadas ao lado.

Percebe-se, também, que é expressiva a quantidade de fragmentos térmicos nesta mancha, destacando que os dois percutores presentes também possuem alteração pelo fogo. Assim, apesar de não estarem presentes estruturas de fogueira, sugere-se que mesmo assim poderiam ter sido usadas fogueiras menores nesta área.

Estes fragmentos poderiam estar sendo usados também para apoiar as vasilhas no momento em que são queimadas, mas aparecem dispersos ao longo de toda a mancha.

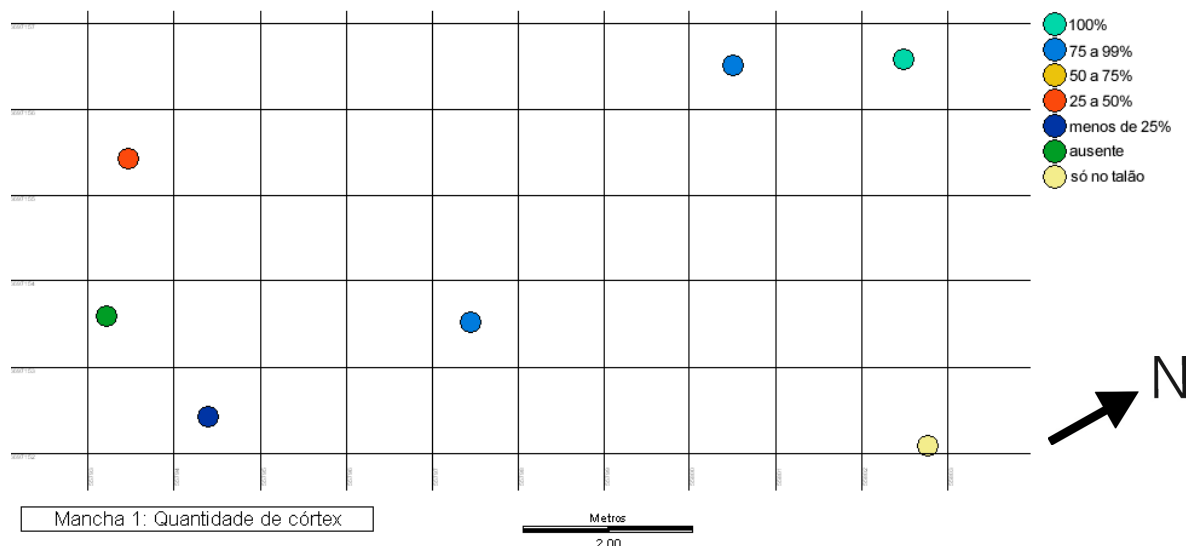
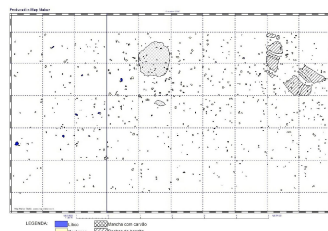


Fig. 3.12 – Distribuição do material lítico na mancha 1 - T.117 - segundo a quantidade de córtex da debitage.

Na figura 3.12, observa-se que existem diferentes tipos de quantidades de córtex nas lascas analisadas (principalmente de basalto). Isto indica que a matéria-prima estava sendo lascada no local. Não foram encontrados instrumentos nesta mancha, indicando uma atividade de criação e não de consumo de artefatos líticos.

III.3.2 - Mancha 2 (sítio T.117)



Na mancha 2 do sítio T.117 foi feita uma escavação de 5x10m com níveis de 10 cm. O material arqueológico, lítico e cerâmico, mostrou-se escasso a partir dos 10cm, portanto a escavação parou neste nível. A partir dos 12 cm, o sedimento tornou-se estéril do ponto de vista arqueológico. Além do material cerâmico e lítico, também foi identificada uma estrutura de combustão e um aglomerado de rochas de basalto (Fig. A6.4 – Anexo 6).

Na figura abaixo (Fig. 3.13) observa-se uma concentração maior de vestígios cerâmicos que se prolonga para o centro da área de escavação. A partir desta

concentração o material diminui em quantidade por quadrícula de forma regular. Já quanto ao material lítico, há duas concentrações, uma muito mais expressiva que a outra.

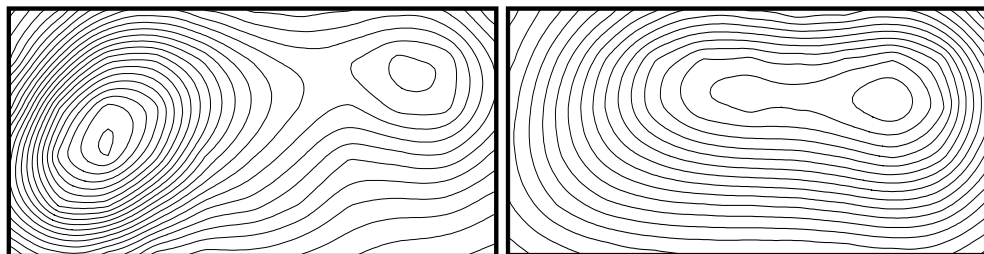


Fig. 3.13 – Concentração do material lítico (esq.) e cerâmica (dir.) na mancha 2 – T.117.

O material cerâmico, quando analisado espacialmente segundo a funcionalidade das vasilhas (Fig. 3.14) mostra que as panelas e caçarolas, pratos e tigelas estão distribuídos por toda a área escavada. Já as tigelas pintadas concentram-se principalmente na porção central e direita da figura. As duas talhas pequenas identificadas neste sítio estão presentes nesta mancha, uma delas coincide com parte da concentração maior de vestígios e a outra está mais na periferia. O único fragmento associado à uma vasilha da tradição Taquara está presente junto à estrutura de combustão.

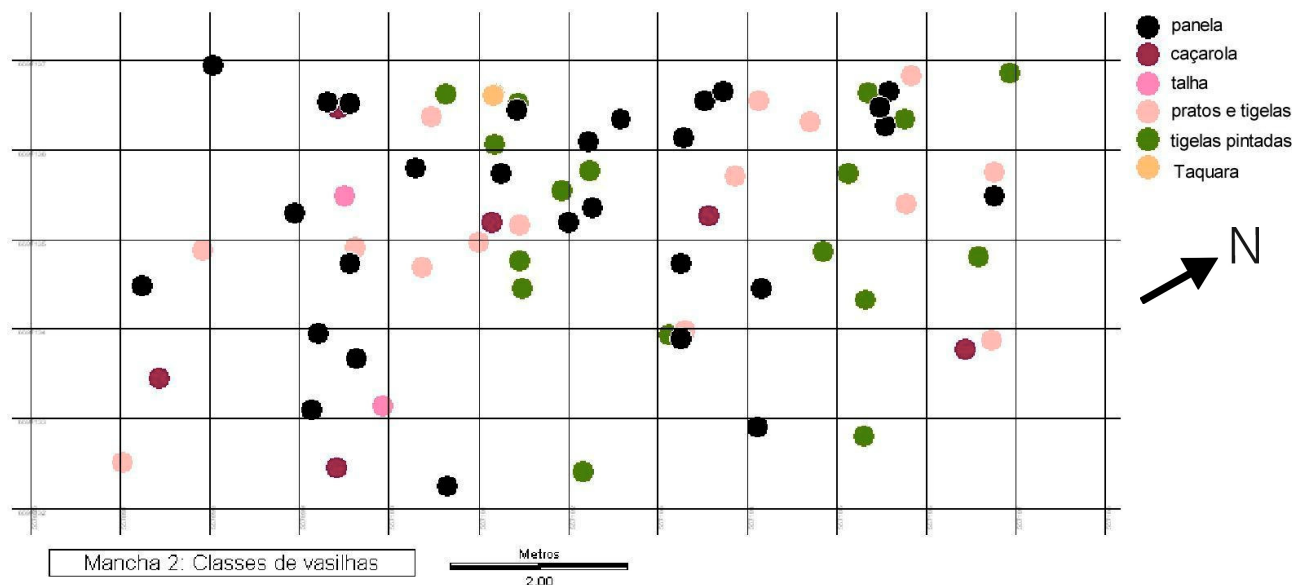


Fig. 3.14 – Distribuição espacial das classes de vasilhas na mancha 2 – T.117.

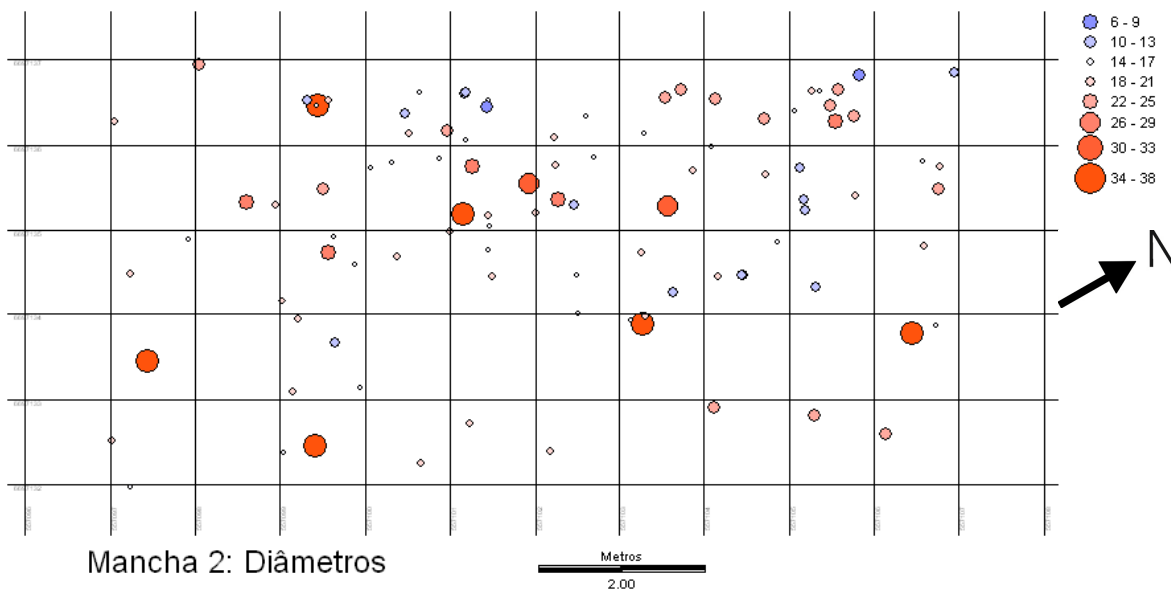


Fig. 3.15 – Distribuição das vasilhas na mancha 2 - T.117 - segundo seus diâmetros.

Na figura 3.15 acima nota-se que todos os tamanhos de vasilhas, de miniaturas a vasilhas grandes, estão associadas à concentração de cerâmica e, ao mesmo tempo, também espalhadas por toda a área escavada.

Quanto ao material lítico observa-se (Fig. 3.16 abaixo) que as lascas unipolares de basalto e os fragmentos térmicos estão distribuídos por toda a área. Os fragmentos naturais estão localizados na região de concentração de vestígios cerâmicos e líticos, são arenito friável, basalto e hematita. Já os instrumentos sobre lasca (Fig. A10.4 – Anexo 10) e artefatos com modificação, lasca (Fig. A10.3 – Anexo 10) e placa de basalto localizam-se na mesma área, onde há uma concentração expressiva de material lítico (porção esquerda da figura 3.16 indicados com flechas). Nesta concentração; foi também encontrado o núcleo de basalto - em amarelo indicado com flecha – ilustrado na Fig. A10.1 (Anexo 10).

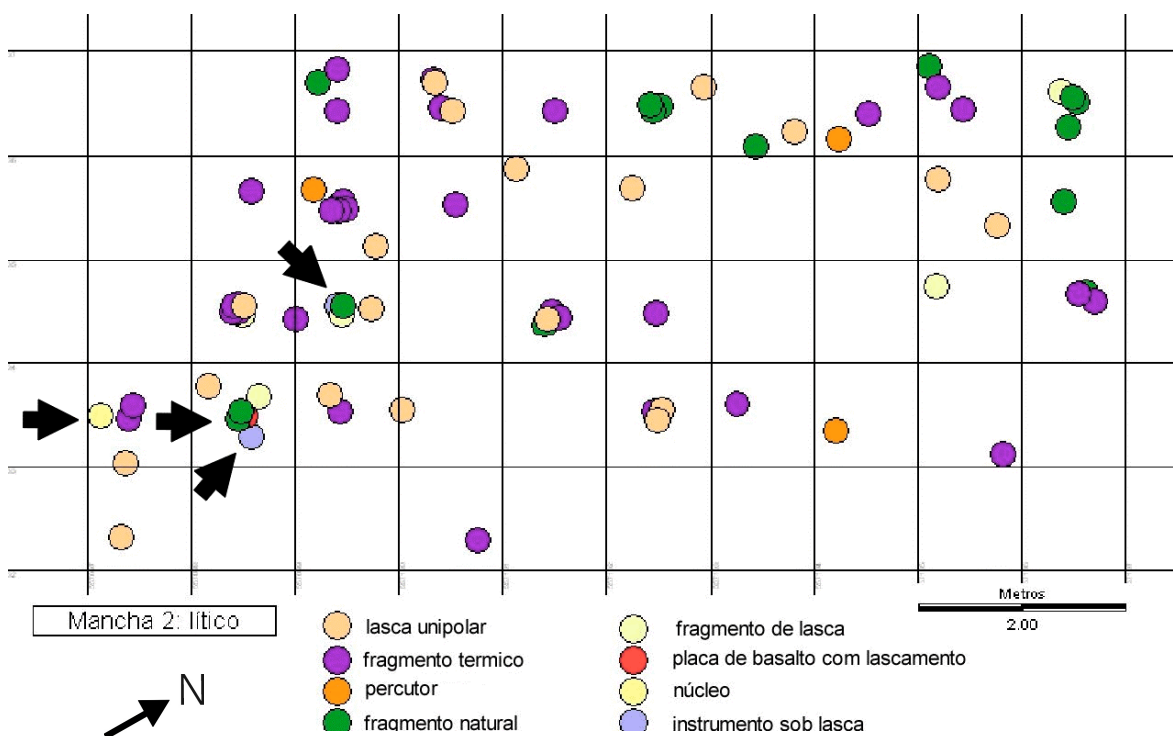


Fig. 3.16 – Tipos de vestígios líticos escavados na mancha 2 – T.117.

Conforme também observado na mancha 1, na mancha 2 o basalto está presente em praticamente toda a área escavada (Fig. 3.17), na forma de lascas unipolares, fragmentos térmicos, instrumentos, núcleo, placa de basalto e fragmentos naturais. A hematita está mais concentrada na área da estrutura de combustão. Isto pode estar associado à utilização desta através do fogo para a sua transformação em pigmento. O quartzo e um fragmento de arenito friável estão afastados das áreas de concentração; outro fragmento de arenito friável está junto da concentração com instrumentos. O único vestígio de arenito silicificado é um instrumento sob lasca localizado também na área de maior concentração de vestígios.

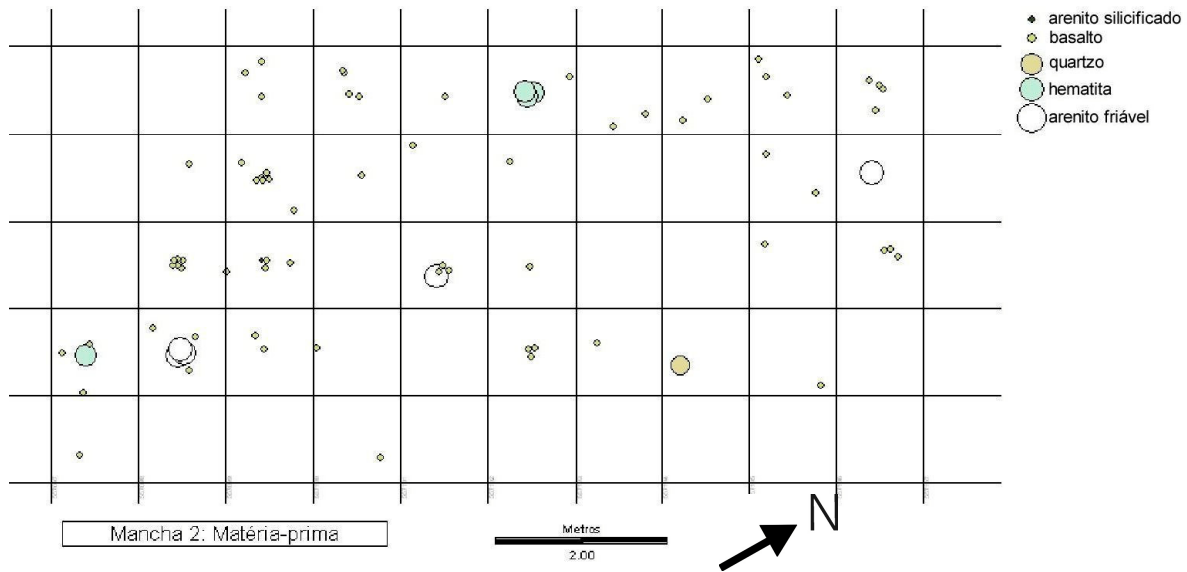


Fig. 3.17 – Distribuição espacial do material lítico na mancha 2 - T.117 - segundo o tipo de matéria-prima.

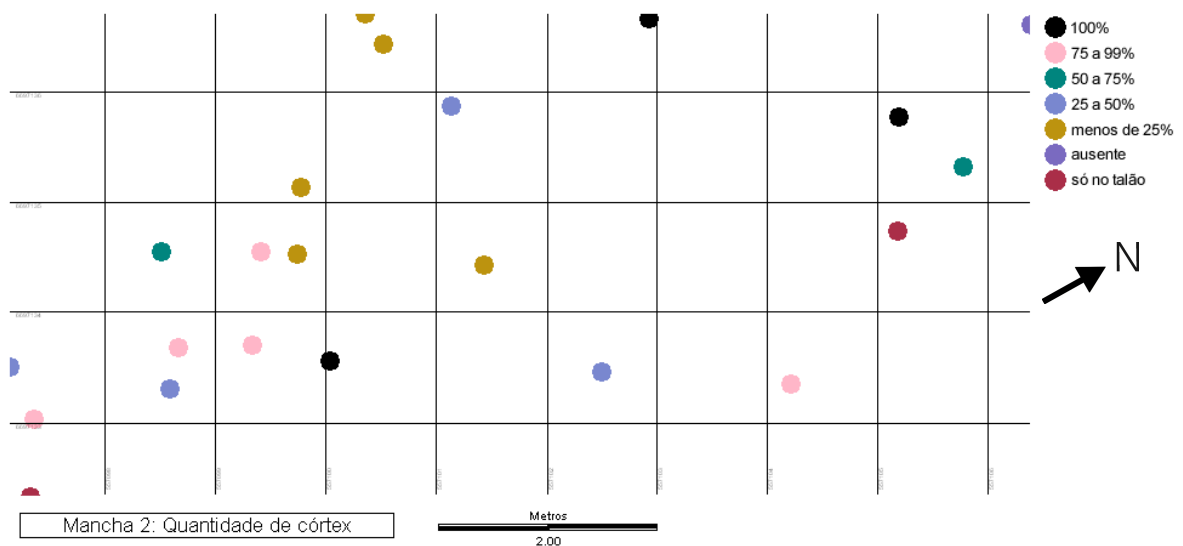


Fig. 3.18 – Distribuição espacial da debitagem na mancha 2 - T.117 - segundo a quantidade de córtex.

Outro tipo de categoria analisada espacialmente foi a quantidade de córtex presente nas superfícies dorsais da debitagem, em grande maioria lascas unipolares de basalto (Fig. 3.18 acima). Todas as quantidades de córtex foram observadas, indicando todos os estágios de lascamentos nesta área. Assim, há atividades de lascamento do basalto, mas há também o instrumento de arenito silicificado que deve ter sido trazido já manufaturado de outro lugar, pois não foram encontradas lascas desta matéria-prima neste sítio.

Nesta mancha também não foram identificadas marcas de postes ou esteios de estruturas com teto. Observa-se, no entanto, que esta área apresenta uma variedade de vestígios muito maior que na mancha 1. Esta mancha está associada a atividades de criação e consumo de material lítico, e de consumo de alimentos, sugerido pelas vasilhas cerâmicas. Ressalta-se ainda que a área da fogueira não apresenta muita quantidade de vestígios, concentrados mais ao seu redor.

A Fig. 3.19 esquematiza as áreas de concentração e de atividades na mancha 2 do sítio T.117. Através dela fica mais claro perceber que há uma diferenciação de áreas associadas ao consumo de vasilhas e à criação e consumo de artefatos líticos. No entanto, nota-se, também, que estas áreas não são exclusivas em termos de tipos de atividades, estando o refugio da criação do lítico também presente na área de consumo de alimentos e vice-versa.

A maior concentração de vestígios cerâmicos está associada às rochas de basalto, onde também há lascas, fragmentos naturais e térmicos, podendo estes serem o refugio da atividade de lascamento ao lado da fogueira. A área da fogueira também apresenta muitos fragmentos e está associada ao cozimento e consumo de alimentos. Ao seu lado há vestígios de criação e consumo de artefatos líticos e possivelmente também de consumo de alimentos. Ressalta-se que há a identificação de algumas atividades específicas, no entanto estas atividades estão relacionadas à mancha como um todo, pois não existem áreas exclusivas com vestígios líticos ou cerâmicos, estando eles sempre associados.

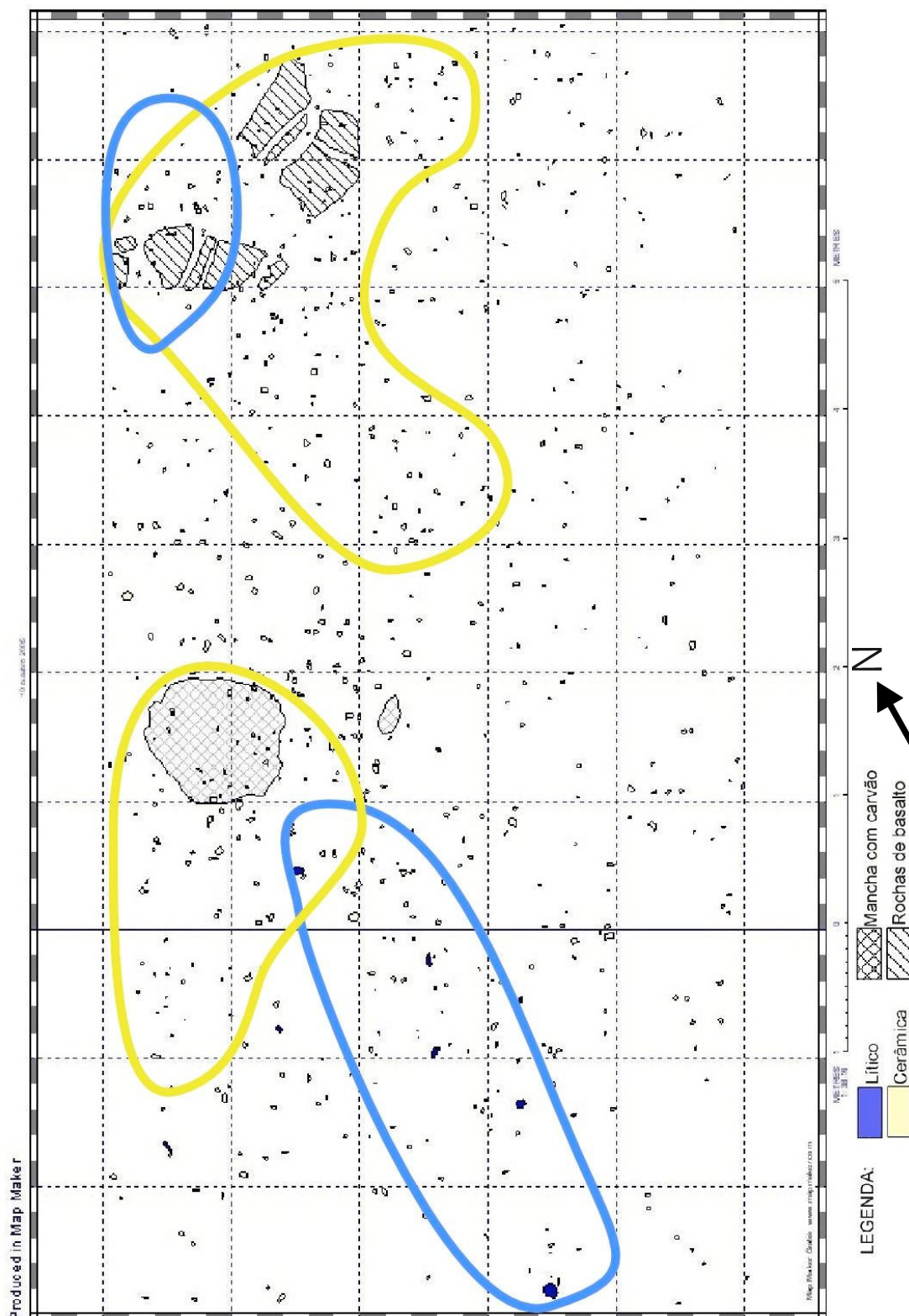


Fig. 3.19 – Concentração de material lítico (em azul) e cerâmico (em amarelo) na mancha 2 – T.117.

III.4 – ALGUNS SIGNIFICADOS

As vasilhas nem sempre são usadas para o propósito inicial para o qual foram originalmente pensadas (Sinopoli, 1991). Mesmo assim, em geral espera-se que a forma de uma vasilha esteja ligada ao seu uso e que algumas relações gerais devam existir entre a sua forma e a sua função primária. No mesmo sentido, Andrewsky (1998) afirma que uma das formas dos arqueólogos tratarem do comportamento humano é através da determinação de função ou funções que ocorreram em um sítio, muitas vezes inferida a partir da funcionalidade dos artefatos. No entanto, ressalta que a funcionalidade de artefatos líticos não é fácil de ser definida, não devendo o arqueólogo deter-se somente na sua morfologia. Evidências mostram cada vez mais que os artefatos líticos são instrumentos multifuncionais.

As principais atividades pensadas para estes sítios são manufatura de vasilhas, preparação e cozimento de alimentos, lascamento de lítico, busca de matéria-prima lítica e argila. Estas últimas estão ligadas ao contexto de criação. As atividades de servir alimentos, usar artefatos líticos, reconhecer vasilhas e instrumentos estão relacionadas ao contexto de consumo. Sugere-se, também, o contexto secundário de re-uso, armazenamento de alimentos nas panelas e o contexto de depósito de artefatos tanto líticos como cerâmicos nos interiores das casas ou abrigos (como aponta Silva, 2000). A multifuncionalidade, como raspar, cortar, lascar e serrar atribuída aos instrumentos de ambos os sítios, indica que possivelmente hajam áreas de residências associadas a estes artefatos, em contraponto a um local de atividade específica, como a extração de matéria-prima, lascamento, etc.

No entanto, é complicado referir-se a estas manchas como habitações, pois, conforme destaca Landa (2005), em relação aos Nandeva/Guarani, o pátio compõem com a casa um espaço doméstico. Assim, através da dispersão da cerâmica e do lítico, o limite entre uma estrutura com paredes e o 'pátio' não pode ser estabelecido de forma clara, pois neste último também podem estar presentes quantidades significantes de artefatos. Assim, prefere-se falar em concentrações, áreas e locais de atividades humanas.

O sítio T.106 apresenta três áreas de atividades associadas aos vestígios cerâmicos. São atividades de criar e consumir, sendo que em cada área está acontecendo mais de um tipo de atividade. Às vezes uma delas, como o cozimento de alimentos, pode estar sendo realizada com mais frequência, como sugere a maior

quantidade de vasilhas que vão ao fogo na área 1. Já em relação ao lítico, foi observado somente uma área associada à criação de artefatos. É uma área mais afastada presente na periferia da concentração de cerâmica da área 1 e está, portanto, mais afastada das concentrações de cerâmica do sítio.

No sítio T.117, as atividades associadas ao material lítico e cerâmico estão relacionadas. Apesar de ser possível diferenciar (na mancha 2) um local de preferência para o consumo e criação de artefatos, as diferentes atividades de lascar, processar objetos com o lítico, consumir e criar alimentos estão acontecendo de forma relacionada e, ainda, associadas a um alto grau de circulação de pessoas. Já a mancha 1, por mais que esteja mais relacionada à criação, também sugere, pela análise espacial, o consumo simultâneo tanto do lítico como da cerâmica.

Ressalta-se novamente, que o consumo não está somente ligado ao uso próprio do artefato, mas à relação das pessoas com os mesmos, que os vêem, os deslocam, pisam em cima, e assim, interagem com eles. Esta idéia é sugerida tendo em vista que o refugio das atividades está presente ao longo de toda as áreas escavadas nas manchas, o que indica, também, que não era comum a limpeza periódica destes locais.

Ainda, como destacado por Sinopoli (1991), devem ser levados em conta os significados simbólicos da cerâmica em contextos específicos, como foram usados e a importância de tais atividades para indivíduos e para a sociedade, que teria visto estes objetos em uso. O sítio T.117 possui maior variedade de motivos de pinturas e maior quantidade de vasilhas pintadas que o sítio T.106. Certamente teriam que ser comparados mais sítios para se pensar até que ponto esta variação é relevante. No entanto, como esta variação está relacionada somente à mancha 2 do sítio T.117, sugere-se que há neste local um tipo de atividade diferenciada das já aqui comentadas.

Silva (2001), tratando dos grafismos Mbyá, sugere que há correlação de alguns grafismos praticados atualmente na cestaria, com os grafismos presentes na cerâmica arqueológica. Estes grafismos são vistos pelo autor como uma

*...etnoarte que aponta para conceitos cosmológicos,
evidenciando em seus padrões gráficos os domínios
da natureza e da sobrenatureza, através da*

representação de seres primordiais. Estes seres, reduzidos a alguns elementos anatômicos, relembram os tempos míticos primevos, nos quais humanos e divinos habitavam a mesma terra. (SILVA, 2001, p. 229)

Assim, além do significado que estas vasilhas possuem durante o uso, existem outros significados simbólicos associados à estes artefatos, principalmente às vasilhas com pintura, significados que estão presentes tanto na criação como no consumo.

Esta pesquisa baseou-se, assim, em fontes oriundas de trabalhos de campo pontuais como objetivo de resgatar o que ia ser impactado pelo acesso e construção das torres de transmissão. Mesmo tendo havido uma preocupação em entender os sítios em seus contextos, não se pode concluir sobre a ocupação nestes locais. Estes são somente alguns resultados, existindo ainda partes preservadas nestes sítios para futuras pesquisas. Mesmo sendo parcelas, estas 'janelas' foram muito interessantes em termos de potencial para entendermos um pouco da natureza das relações humanas nestes locais.

CONCLUSÃO

O arqueólogo busca, através das coisas, conhecer o passado. É um exercício minucioso, cheio de 'armadilhas' metodológicas e teóricas, onde o objetivo de conhecer pode confundir-se com confirmar idéias, descrever objetos, quantificar coisas. São discursos construídos no presente, sobre um passado que interage com as pessoas hoje através da cultura material.

O discurso aqui construído surgiu com o interesse em entender as relações humanas a partir dos vestígios materiais de dois sítios arqueológicos localizados em Santo Antônio da Patrulha, RS. Da mesma forma que o raciocínio em arqueologia busca integrar partes em um todo, buscou-se levar em consideração diferentes tipos de contextos que referem-se tanto ao presente como ao passado.

No entanto, a busca por um todo exime a arqueologia de ser uma ciência em construção, pois as interpretações são relacionadas também com os contextos presentes, que se modificam conforme os objetivos do pesquisador. Assim, os contextos são provisórios e a discussão acerca de diferentes temáticas sobre um assunto acaba gerando a necessidade de serem explorados novos contextos. Ressalta-se que de forma alguma este trabalho esgotou as inúmeras abordagens sobre os grupos humanos associados a subtradição arqueológica Guarani a partir destes sítios. Buscou-se, pelo contrário, contribuir para a discussão acerca da ocupação destes grupos no Rio Grande do Sul, introduzindo novos contextos e questionamentos sobre esta temática.

Os contextos tratados aqui referentes ao presente foram essenciais para se pensar nos diferentes significados da cultura material e das pessoas nestes sítios. A cultura material é consumida no presente quando os arqueólogos vêm no campo arado um potencial para a realização de pesquisas sobre relações humanas passadas. Estes diferentes tipos de consumo dão aos objetos diferentes significados, e foram aqui levados em consideração para o estudo da cultura material, das pessoas e das atividades que estiveram nestes locais. São objetos, pessoas, atividades e histórias relacionadas.

Tendo em vista que estes sítios foram trabalhados no contexto da arqueologia de contrato, com objetivos específicos e intervenções em campo direcionadas, procurou-se conciliar estas condições às potencialidades dos sítios enquanto fontes de pesquisa. A arqueologia de contrato permitiu o trabalho em locais que não costumam

ser pesquisados por arqueólogos e o arado deixou mais visível o material no sítio. Por outro lado, tratam-se de 'janelas' dentro de cada sítio que foram perturbadas por este arado. A preocupação da equipe de arqueologia em resgatar os vestígios seguindo metodologias que permitissem sua análise espacial possibilitou o desenvolvimento desta temática nesta pesquisa, havendo, nos trabalhos em campo, o cuidado de conciliar a interpretação com a obtenção de fontes (Hodder, 2003). Este tema foi, então, levado em conta como uma abordagem pouco trabalhada, mas essencial para se contribuir para o estudo dos grupos humanos pré-coloniais associadas a cultura material da subtradição Guarani.

Tendo em vista as intervenções feitas em campo, escavações de manchas pretas e coletas em áreas do entorno e acesso das torres de transmissão, questiona-se até que ponto é possível comparar os resultados destes sítios, idéia inicial desta pesquisa. É necessário lembrar que os trabalhos realizados em campo foram escolhas arbitrárias tendo em vista o contexto da arqueologia de contrato. Pergunta-se, então, até que ponto as informações obtidas pelas intervenções realizadas em campo são representativas do tipo de ocupação que estava acontecendo em cada sítio? Que porcentagem de um todo dará aos arqueólogos a informação necessária? (Kent, 1987) Tendo em vista estes questionamentos que foram surgindo ao longo da pesquisa, optou-se por estudar cada sítio em separado, levando em conta a distribuição espacial específica de cada área. As comparações entre os dois foram feitas em termos gerais, não sendo possível, assim, concluir acerca da ocupação humana nestes locais. Por outro lado, a análise de áreas de atividades em cada um incitou uma aproximação às atividades humanas e suas relações com a cultura material, uma relação ativa e carregada de significados.

Assim, o contexto da arqueologia de contrato tornou estes sítios áreas potenciais para a investigação de aspectos pouco abordados pelas pesquisas sobre esta temática. O arado, por sua vez, teve influência na distribuição dos vestígios, mas não ao ponto de impossibilitar uma pesquisa espacial. Pelo contrário, levou à observação de padrões de distribuição, relacionados ao tamanho dos artefatos e a ações humanas de deslocá-los dentro de áreas de atividade que mostraram ser de alta circulação de pessoas no passado. Percebe-se que nas áreas trabalhadas não foi efetuada uma limpeza ou acúmulo de refugio em um determinado local. Os vestígios estão espalhados e as pessoas interagem com estas coisas, vendo-as, pisando em cima, deslocando-as intencionalmente ou não.

Glassie (1999a) propõe entender os muitos contextos presentes no processo de significação da cultura material, tais como etapas de criação, comunicação e consumo, como uma forma de se estudar esta cultura material. Inicialmente, esta pareceu uma metodologia interessante e prática para se chegar a significados. No entanto, foi somente quando se considerou o aspecto da comunicação, contexto que relaciona o ato de criar com o de consumir, é que foi possível entender diferentes significados. O arqueólogo se vale de separações arbitrárias para estudar a cultura material. No entanto, no presente trabalho a tentativa de 'classificar' cada artefato em cada um dos contextos causou uma imensa dificuldade, que foi melhor compreendida quando os contextos foram vistos como relacionados. Estas dificuldade mostram justamente que estes contextos estão relacionados.

No sítio T.106, foram constatadas três áreas de atividade relacionadas a cerâmica e uma associada a criação de material lítico. Diferentes tipos de atividades estavam ocorrendo nestes lugares. São vasilhas que estavam sendo criadas e consumidas através da comunicação, com o consumo de alimentos, aprendizagem de manufatura de vasilhas, lascamento de material lítico e cozimento de alimentos em vasilhas. São atividades masculinas e femininas em áreas diferenciadas.

No sítio T.117, o lascamento e uso do material lítico ocorreu ao mesmo tempo que a manufatura da cerâmica. Foram atividades interligadas, havendo uma interação não só entre artefatos e pessoas, mas entre as pessoas através dos artefatos. Neste sítio há duas áreas com concentração de atividades humanas delimitadas pelas manchas pretas. Ambas manchas podem ser associadas a locais de atividades para preparar e consumir alimentos, manufaturar vasilhas e instrumentos líticos.

Constatou-se, ainda, uma relação entre o basalto e o fogo; este último, por sua vez, esteve também associado à atividade de manufatura da cerâmica e cozimento de alimentos. As atividades de lascamento e uso dos objetos líticos podem ter ocorrido tanto nos sítios como nos locais onde se encontrava a matéria-prima. Já a cerâmica foi manufaturada e consumida nos sítios, tendo sua matéria-prima sido buscada em locais mais distantes. O basalto associado ao fogo pode ser encontrado em locais perto dos sítios.

Tendo em vista a implantação dos sítios em locais altos, e com vistas a ecossistemas diversificados, associa-se o basalto e a cerâmica ao fogo, ao ato de criar e à uma noção de proximidade em relação aos sítios. Já a coleta de argila e outros artefatos líticos estão relacionados à áreas mais baixas, a sangas e riachos, onde

podem ser coletados argila, núcleos de calcedônia, seixos de basalto e arenito silicificado. Assim, percebe-se que os grupos que estavam habitando estes locais tinham um amplo conhecimento da disponibilidade de recursos da região da encosta, onde estão localizados os sítios, e interagem com estes recursos, transformando-os em artefatos carregados de significados sociais. Os artefatos, por sua vez, também tinham influência na vida das pessoas e eram, assim, incorporados em contextos secundários e terciários, chegando inclusive a interagir com pessoas que chegariam depois a estes locais, como os agricultores e os arqueólogos.

Mais especificamente para o sítio T.117, tendo em vista costumes e visões cosmológicas dos grupos Guarani atuais e descritos pela etnografia, sugere-se a possibilidade deste local ter sido não só um acampamento temporário, mas talvez também uma área explorada para roça de milho ou mandioca. Esta idéia surgiu tendo em vista a estratigrafia não muito profunda deste sítio localizado em uma área plana. Além disso, a visibilidade privilegiada para a Lagoa dos Barros e para o litoral poderia também estar relacionada com o cultivo destes alimentos e com significados simbólicos para os grupos que viveram neste local.

Além disso, a mancha 2 do sítio T.117 concentra toda a diversidade observada na cultura material, o que destoa dos resultados encontrados para as outras concentrações de material neste sítio e no T.106. Por exemplo, ali encontra-se a maior porcentagem de vasilhas pintadas e com motivos diversificados. Considera-se, assim, este um local diferenciado, sugerindo-se aqui a presença de uma hierarquia e de práticas simbólicas possivelmente relacionadas com a cosmovisão deste grupo. Estas interpretações são com certeza um tanto incipientes, no entanto, são consideradas relevantes e instigantes em termos de motivação para discussões e trabalhos futuros sobre este tema.

Com estas conclusões, constatações e idéias preliminares, busca-se contribuir para a construção do conhecimento acerca dos grupos humanos associados a subtradição Guarani levando em consideração alguns contextos e temáticas em geral pouco tratadas.

Foi possível constatar, em termos do 'fazer' arqueológico, que não só os padrões podem dar informações, mas a variabilidade da cultura material também o faz e, imbuídas nela, estão as exceções. Assim, prefere-se tratar os sítios T.106 e T.117 como únicos, cada um com suas características e especificidades. Não pretende-se entrar no mérito se eles pertenceram ou não a uma mesma ocupação ou assentamento, pois isto dependeria de trabalhos mais aprofundados na região.

Pretende-se contribuir aqui chamando a atenção para a relação entre os artefatos e as pessoas e destacando que a análise espacial é um contexto importante, devendo seguir sendo incluído nas pesquisas sobre este tema.

A arqueologia trata do passado a partir do presente, tenta separar estas duas instâncias e negar que o passado pode ser construído sob diferentes perspectivas (Hodder, 1995). Para a interpretação do passado, temos que entender a nossa posição no presente. O arqueólogo, assim, pode ser visto também como um consumidor de cultura material e um criador de discursos.

Assim, ressalta-se que mais do que falar sobre a ocupação o vale do Rio dos Sinos, prefere-se falar em atividades e em pessoas interagindo com coisas. É desta forma que escolhi direcionar o meu discurso.

Quando se diz que a função essencial da linguagem é sua capacidade para a poesia, devemos supor que a função essencial do consumo é a sua capacidade de dar sentido. Esqueçamos a idéia da irracionalidade do consumidor. Esqueçamos que as mercadorias são boas para comer, vestir e abrigar; esqueçamos sua utilidade e tentemos em seu lugar a idéia de que as mercadorias são boas para pensar: tratêmo-las como um meio não-verbal para a faculdade de criar. (Douglas e Isherwood, 2004, p. 108)

Por trás da cultura material está a relação das pessoas que criaram e consumiram coisas. Mas por trás das coisas está também a relação entre pessoas, mediada pelas coisas. Elas são o produto, são uma desculpa, uma justificativa, um símbolo, um lembrete, uma promessa, um pagamento e, inclusive, um texto.

BIBLIOGRAFIA

AMMERMAN, A. J.; FELDMAN, M. W. Replicated collection of site surfaces. **American Antiquity**, v. 43, n. 4, p. 734-740, 1978.

ANDREWSKY, W. **Lithics. Macroscopic Approaches to Analysis**. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

AREND, L. M. Geografia física. In: HOFFMAN, G. R. **Rio Grande do Sul: Aspectos da Geografia**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

BAKER, C. M. The size effect: an explanation of variability in surface artifact assemblage content. **American Antiquity**, v. 3, n. 2, p. 288-293, 1978.

BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista [da] USP**, São Paulo, v. 44, p. 32-51, 1999-2000.

BAUER, A. Is what you see all you get? Recognizing meaning in archaeology. **Journal of Social Archaeology**, vol. 2, n. 1, p. 37-52, 2002.

BERGGREN, A.; HODDER, I. Social practice, method and some problems os field archaeology. In: HODDER, I. **Archaeology Beyond Dialogue**. Utah: University of Utah Press, 2003.

BROCHADO, J. P. **Alimentação na Floresta Tropical**. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 1977.

BROCHADO, J. P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America**. Tese (Doutorado), Urbana, Illinois, 1984.

BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica guarani a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. 20, n.2, p. 107-118, dez. 1994.

BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. S. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas guarani arqueológicas. **Veritas**, Porto Alegre, v.35, n. 104, p. 727-743, dez. 1990.

CALDARELLI, S. B.; SANTOS, M. C. M. M. A arqueologia de contrato no Brasil. **Revista [da] USP**, São Paulo, v. 44, p. 52-73, 1999-2000.

CARLE, M. B. **Investigação Arqueológica em Rio Grande: uma Proposta da Ocupação Guarani Pré-Histórica no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, dez. 2002.

CHMYZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal do Paraná, Paranaguá. Ano 1, n. 1, 1976.

COPÉ, S. A ocupação pré-colonial do sul e sudeste do Rio Grande do Sul. In: Kern, A. A. KERN, A. A. (Org.) **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

COPÉ, S. M. **Relatório das Atividades de Resgate Arqueológico Realizadas nos Sítios Localizados no Traçado da LT 230kV-Taquara/Osório-RS**. Porto Alegre: NUPArq, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. [Relatório Técnico].

COPÉ, S. M. **Resgate Arqueológico Realizado nos Sítios Localizados no Traçado da LT 230 kV Caixas/Taquara, RS. Torres 130 e 131- Localidade de Solitária Alta**. Porto Alegre: NUPArq, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. [Relatório Técnico].

COPÉ, S. M. **Les Grands Constructeurs Précoloniaux du Plateau du Sud du Brésil: Étude de Paysages Archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil**. Tese (Doutorado), Université de Paris I – Panthéon, Sorbonne, Paris, jan. 2006.

COURBIN, P. **What is Archaeology? An Assay on the Nature of Archaeological Research**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

CROWN, P. L. Socialization in the American Southwest pottery decoration. In: SKIBO, J. M.; FEINMAN, G. (Ed.) **Pottery and People: a Dynamic Interaction**. Salt Lake City: University of Utah Press, 1999. p. 1-8.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Why we need things. In: LUBAR, S.; KINGERY, D. (Ed.) **History From Things. Essays on Material Culture**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1993. p. 20-29.

CSIKSZENTMIHALYI, M.; ROCHBERG-HALTON, E. **The Meaning of Things. Domestic Symbols and the Self.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 1-54.

DIAS, A. S. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, p. 25-39, mar. 1995.

DIAS, A. S. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.** Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O Mundo dos Bens.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Cap. 3 – Os usos dos bens.

FERRARI, J. L. O povoamento Tupi no Baixo Ijuí, RS, Brasil. **Pesquisas, Antropologia**, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, n. 35, 1983.

GLASSIE, H. **Material Culture.** Indianapolis: Indiana University Press, 1999.

GLASSIE, H. **The Potter's Art.** Bloomington: Indiana University Press, 1999.

GREGG, S. A.; KINTIGH, K. W. e WHALLON, R. Linking ethnoarchaeological interpretation and archaeological data: the sensitivity of spatial analytical methods to postdepositional disturbance. In: KROLL, E. M. e PRICE, T. D. **The Interpretation of Archaeological Spatial Patterning.** New York: Plenum Press, 1991.

HAMMOND, G.; HAMMOND, N. Child's play: a distorting factor in archaeological distribution. In: **American Antiquity**, v. 46, n. 3, 1981.

HODDER, I. **Interpretación en Arqueología.** Barcelona: Corrientes Actuales, 1994.

HODDER, I. **Theory and Practice in Archaeology.** New York: Routledge, 1995.

HODDER, I.; ORTON, C. **Análisis Espacial en Arqueología.** Barcelona: Ed. Crítica, 1990.

IBGE. Mapa de Unidades de Relevo do Brasil. Rio de Janeiro, 2^a ed., 2006. Escala 1:5000000. Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/default_prod.shtm>, Acesso em 24 out. 2006.

IBGE. Mapa Físico do Estado do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 2004. Escala: 1:1000000. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/default_prod.shtm>, Acesso em 24 out. 2006.

INGOLD, T. Tool-use, sociality and intelligence. In: GIBSON, K. R.; INGOLD, T. (Ed.) **Tools, Language and Cognition in Human Evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JACOBUS, A. **Levantamento dos Sítios no Âmbito do PASAP**. Taquara, RS: Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, Datiloscrito, 2005.

KAMP, K. A. Where have all the children gone? The archaeology of childhood. In: **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 8, n. 1, 2001. p. 1-34.

KENT, S. Understanding the use of space: an ethnoarchaeological approach. In: KENT, S. (Ed.) **Method and Theory for Activity Area Research**. New York: Columbia University Press, 1987. p. 1-60

KLAMT, S. C. **A Tradição Tupiguarani no Médio Jacuí, RS, Brasil**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

KLAMT, S. C. **Uma Contribuição para o Sistema de Assentamento de um Grupo Horticultor da Tradição Cerâmica Tupiguarani**. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LANDA, B. S. **A Mulher Guarani: Atividades e Cultura Material**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

LANDA, B. S. **Os Nandeva/Guarani e o Uso do Espaço na Terra Indígena Porto Lindo/Jakarey, Município de Japorã/MS**. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LA SALVIA, F. ; BROCHADO, J. P.; NAUE, G. **Programa para o Salvamento do Patrimônio Histórico-Cultural – Rio Uruguai**. Projeto área Machadinho. v. 1, Tomos IV.I e IV.II, Relatório 1888/1989.

LIMA, T. A. (Org.) **A Arqueologia no Meio Empresarial**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2000. [Atas do Simpósio sobre Arqueologia no Meio Empresarial].

MANSUR, E. M. Instrumentos líticos: aspectos da análise funcional. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, UFMG, v. 11, p. 11-115, 1986/1990.

MEGGERS, B. J. e MARANCA, S. Uma reconstituição experimental de organização social baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da tradição Tupiguarani. INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS, **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas, Antropologia, 31**. São Leopoldo: UNISINOS, 1990. p. 226-247

MENEZES, U. B. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, n. 5, p. 11-36, 2003.

MILLER, E. T. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: **PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS. RESULTADOS PRELIMINARES DO PRIMEIRO ANO, 1965-1966**. Belém do Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967. [Publicações Avulsas n. 6].

MONTICELLI, G. **Vasilhas de cerâmica guarani: resgate da memória entre os Mbyá**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 1995.

MONTICELLI, G. **Arqueologia em Obras de Engenharia no Brasil: Uma Crítica aos Contextos**. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá Não Há Tekó. (Em Busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí – RS)**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

NOELLI, F. S. Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão pré-históricas dos Tupi. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. 20, p. 107-135, jul. 1994.

NOELLI, F. S.; DIAS, A. S. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica guarani. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.19, n.22, p. 7-23, mar. 1995.

ODELL, G. H.; COWAN, F. Estimating tillage effects on artifact distributions. **American Antiquity**, v. 52, n. 3, p. 456-484, 1987.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. **Pottery in Archaeology**. Cambridge: University Press, 1993.

POLITIS, G. La actividad infantil en la producción del registro arqueológico de cazadores-recolectores. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 3, p. 263-283, 1999.

PROUS, A. P. Os artefatos líticos. Elementos descritivos classificatórios. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, UFMG, v. 11, p. 1-88, 1986/1990.

PROUS, A. P. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1992. Cap. XI – A Cultura Tupiguarani, p.371-507.

PROUS, A. P. P. **Apuntes Para Análisis de Industrias Líticas**. ORTEGALIA [Monografias de Arqueología, Historia y Patrimonio]. N. 2, Ortigueira, dec. 2004.

PROUS, A.; LIMA, M. A. A tecnologia de debitage do quartzo no centro de Minas Gerais: lascamento bipolar. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, UFMG, v. 11, p. 91-111, 1986/1990.

RAHMEIER, C. S. **A Cerâmica como Índice do Complexo Cultural Missioneiro e Suas Possibilidades Ressignificadoras do Presente Ibero-Americano**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

RIBEIRO, P. A. M. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul - Brasil**. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

ROGGE, J. H. Adaptação na floresta subtropical: a tradição Tupiguarani no médio Rio Jacuí e no Rio Pardo. In: INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 06**. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

ROGGE, J. Função e permanência em assentamentos litorâneos da tradição Tupiguarani: um exemplo do litoral central do RS. IX CONGRESSO DA SAB. **Anais...** Rio de Janeiro, ago. 2000. [CDROM].

ROGGE, J. H. Assentamentos pré-coloniais no litoral central do Rio Grande do Sul: projeto Quintão. IX CONGRESSO DA SAB. **Anais...** Rio de Janeiro, ago. 2000. [CDROM].

ROGGE, J. **Fenômenos de Fronteira: um Estudo das Situações de Contato entre os Portadores das Tradições Cerâmicas Pré-históricas no Rio Grande do Sul.** Tese (Doutorado). Instituto Anchietano de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

RYE, O. S. **Pottery Technology. Principles and Reconstruction.** Washington: Taraxacum, 1981.

SALDANHA, J. D. **Paisagem, Lugares e Cultura Material. Uma arqueologia Espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil.** Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Maria do Carmo Mattos M. Levantamento arqueológico na avaliação de impacto ambiental. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.25, n.33, p. 7-36, jan./jun. 2001.

SANTOS, Maria Cristina M. El Guaraní de Papel. In: **Acción: Revista Paraguaya de Reflexión y Diálogo.** Centros de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, v.1, n.177, Asunción, set., 1997.

SCHIFFER, M. B. **Formation Processes of the Archaeological Record.** Salt Lake City: University of Utah Press, 1996.

SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. M.; BOELKE, T. C.; NEUPERT, M. A.; ARONSON, M. New perspectives on experimental archaeology: surface treatments and thermal response of the clay cooking pot. **American Antiquity**, v.59, n.2, p. 197-217, apr. 1994.

SCHMITZ, P. I. Paradeiros Guarani em Osório (Rio Grande do Sul). INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS, **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas 02.** São Leopoldo: UNISINOS, 1958.

SCHMITZ, P. I. Primeiros passos na pesquisa da tradição cerâmica Tupiguarani. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 29, p. 209-254, jan./jun. 1999.

SCHMITZ, P. I. e GAZZANEO, M. O que comia o Guarani pré-colonial. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 6, p. 89-105, 1991.

SCHMITZ, P. I.; ARTUSI, L.; JACOBUS, A. L.; GAZZANEO, M.; ROGGE, J. H.; MARTIN, H. E.; BAUMHARDT, G. Uma aldeia Guarani. Projeto Candelária, RS. INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS, **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 04**. São Leopoldo: UNISINOS, 1990.

SCHMITZ, P. I.; BECKER, I. I. B. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a tradição Taquara. In: KERN, A. A. (Org.) **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Re-Constructing Archaeology. Theory and Practice**. New York: Routledge, 1992.

SHAPIRO, G. Ceramic vessels, site permanence, and group size: a Mississippian example. **American Antiquity**, v. 9, n. 4, p. 696-712, oct. 1984.

SHEPPARD, A. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington: Kirby Lithographic, 1957.

SILVA, F. **As Tecnologias e Seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, jul. 2000.

SILVA, S. B. **Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um Modelo para a Compreensão das Sociedades Proto-Jê Meridionais**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, jun. 2001.

SINOPOLI, C. M. **Approaches to Archaeological Ceramics**. New York: Plenum Press, 1991.

SKIBO, J. Pottery use alteration. In: SKIBO, J. (Org.) **Pottery Function: a Use-alteration Perspective**. New York: Plenum Press, 1992. p. 22-49.

SKIBO, J. M. Pottery and people. In: SKIBO, J. M.; FEINMAN, G. (Ed.) **Pottery and People: a Dynamic Interaction**. Salt Lake City: University of Utah Press, 1999. p. 1-8.

SOARES, A. L. R. **Contribuição à Arqueologia Guarani: Estudo do Sítio Röpke**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOARES, A. L. R. Os horticultores guaranis: modelos, problemáticas e perspectivas. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.23, n.30, p. 7-56, jul./dez. 1999.

STEVENSON, M. G. Beyond the formation of hearth-associated artifact assemblages. In: KROLL, E. M. e PRICE, T. D. **The Interpretation of Archaeological Spatial Patterning**. New York: Plenum Press, 1991.

THOMAS, J. **Time Culture and Identity. An Interpretive Archaeology**. New York: Routledge, 1999. Chapter 3: Material things and their temporality. p. 55-82.

TILLEY, C. Interpreting material culture. In: HODDER, I. (Ed.) **The Meaning of Things. Material Culture and Symbolic Expression**. London: Harper Collins, 1989. p. 185-201.

TILLEY, C. (Ed.) **Reading Material Culture. Structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

TILLEY, C. Archaeology as social-political action in the present. In: WHITLEY, D. S. (ed.) **Reader in Archaeological Theory. Post-processual and Cognitive Approaches**. London: Routledge, 1998. p. 305-330.

TITE, M. S.; KILIKOGLU, V.; VEKINIS, G. Strength, toughness and thermal shock resistance of ancient ceramics, and their Influence on technological choice. **Archaeometry**, v. 43, n. 3, p. 301-324, 2001.

TOCCHETTO, F. B. A cerâmica do Guarani Missioneiro como símbolo de identidade étnica. In: KERN, A. A. (Org.) **Arqueologia Histórica Missioneira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

UESSLER, C. O. **Arte Cerâmica nos Povoados Missioneiros: Antigas e novas Tecnologias**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, jul. 2000.

WAGNER, G. P. **Ceramistas Pré-coloniais do Litoral Norte**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, jul. 2004.

WEBER, E.; HASENACK, H.; FERREIRA, C.J.S. **Adaptação do Modelo Digital de Elevação do SRTM para o Sistema de Referência Oficial Brasileiro e Recorte por**

Unidade da Federação. Porto Alegre: UFRGS, Centro de Ecologia. 2004. Disponível em <<http://www.ecologia.ufrgs.br/labgeo>>. Acesso em 10 jul. 2006.

WIESSNER, P. Style and changing relations between the individual and society. In: HODDER, I. (Ed.) **The Meaning of Things. Material Culture and Symbolic Expression.** London: Harper Collins, 1989. p. 185-201.